

MENSAGEIROS

DA MORTE



Marcos de Sousa



MENSAGEIROS DA MORTE – Marcos de Sousa

© 2016 Marcos Lucas Sousa Pinto

Todos os direitos reservados

ISBN 978-85-921126-0-8

2ª Edição

Brasil – Maio de 2016

ISBN 978-85-921126-0-8

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)



Sousa, Marcos de

Mensageiros da Morte/Marcos De Sousa -- 2ª ed.

ISBN 978-85-921126-0-8

1.Literatura brasileira. I.Título.

CDD – B869



Contato com o autor: escritormarcosdesousa@gmail.com

Site: www.desbravadorde mundos.com.br

Capa: Thati Machado

Diagramação: Thati Machado

E-mail: blognemteconto@outlook.com

Site: www.nemteconto.org/thatimachado

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Epílogo](#)

O verdadeiro método, quando se tem homens sob as nossas ordens, consiste em utilizar o avaro e o tolo, o sábio e o corajoso, e em dar a cada um a responsabilidade adequada.

Sun Tzu

Aos que, nessa vida, tombaram diante dos verdadeiros mensageiros da morte.

Prólogo

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2016

A noite era calma, apesar do calor infernal característico da região. No centro, o trânsito era intenso e lento. Pessoas apressadas voltavam para suas casas com rostos afoitos por descanso. A lua nova desfilava a sua beleza e era impossível não fazer aquela ridícula comparação da lua com a também nova realidade que o esperava.

Olhava para o relógio seguidamente; queria que os minutos voassem e, ao mesmo tempo, que ficassem estagnados. Ele desejava estar o mais longe possível. Porém, nem mesmo as mais longínquas distâncias garantiriam um lugar seguro. Não havia volta; era tudo ou nada. Ele apostara a própria vida. A esperança é que a carta do *Royal Flush* realmente estivesse escondida em sua manga.

Trinta minutos. Seu coração só não saía pela boca porque o peso da decisão que tomara quase arrastava seu órgão para o estômago. O trânsito parado era mais uma angústia. Ligou o rádio a fim de relaxar, e a música *Welcome to the jungle* invadiu os seus ouvidos. *Uma boa música para se ouvir enquanto morre*, pensou.

Vinte minutos. Um acidente na altura da Praça da Bandeira deixou a Avenida Presidente Vargas praticamente intransitável. O relógio soava em consonância com o seu coração. Tic-tac, tic-tac, tic-tac, tic-tac.

Três minutos. O telefone toca e lhe desperta daquele quase carma.

– Onde você está?

– Perto da prefeitura. O trânsito está horrível, como sempre.

A voz se exasperou do outro lado.

– Qual é o seu problema? Eu disse que era para você estar o mais longe possível. Alibi... Você já ouviu essa palavra? Você deveria estar em casa ou próximo de pessoas que atestassem a sua inocência.

– Pensei que a vitória nessa partida fosse certa. O ás não está mais na sua manga?

– O que você fez com as peças? – Questionou, ignorando a pergunta que lhe foi feita.

– Acredito que elas estejam com uma leve dor de cabeça no momento.

– Certo. Qualquer novidade, eu retorno.

Um minuto. Há alguns quilômetros do centro, os fiéis cantavam na igreja de São Judas Tadeu. O padre, novo na paróquia, anunciava:

– Hoje é um novo dia que o Senhor nos deu. Alegremo-nos nele. Ele é o pão que nos dá o sustento, a casa que nos dá segurança. Arrependam-se dos vossos pecados e venham para o conforto dos braços do Pai.

Dez segundos. Contagem regressiva. A mata já estava infestada de explosivos, assim como o pé do monumento. A escolha não era aleatória. A cristandade e a humanidade iriam tremer diante do choque.

Cinco segundos. Ele, ainda preso no trânsito, olhava ansioso para o relógio. Não havia mais como voltar atrás. A aposta fora muito alta; esperava que tudo ocorresse como o esperado.

Três segundos. Dois segundos, um... O mundo acabara de mudar. Nova era. Os pedregulhos voavam por todos os cantos. Em todo Rio de Janeiro, era possível ver reflexos da explosão. Não era ano novo, mas as luzes originadas da pólvora iluminavam a cidade.

Corpos se contorciam de dor e sofrimento ao pé da montanha. Outros, sem saber o que fazer, simplesmente choravam. Pedregulhos caíam sobre a paróquia e não havia morada que os defendesse. Os fiéis se desesperavam e o trânsito parara de vez.

O Cristo Redentor não existia mais.

Capítulo 1

Rio de Janeiro, 1 de setembro de 2016

– Pelo jeito, você ainda não entendeu a sua posição social e o que se espera de você, Thiago! – gritava Cláudio Ferris. – Isso é um absurdo! Você sabe o quanto eu gasto por mês só para cobrir as besteiras que você faz?

– Pai, não é justo. Eu levei uma fechada, perdi o controle. Não estava nem bêbado.

– Verdade, não estava bêbado... Mas estava correndo. Quase 200 km/h em uma via onde o limite é 60 km/h! Onde você estava com a cabeça?

– E você não leva em consideração a fechada, pai? Eu perdi o controle. A culpa foi daquele pobretão.

– Thiago, você matou duas pessoas, feriu outras três e não prestou socorro! Você vai ser preso!

– Basta conversarmos com o juiz e molharmos a mão dele. Estamos no Brasil, senhor Cláudio. Caia na real! Você é o dono desse lixo de país. É a gente quem manda!

– E a família dos mortos? – Perguntou automaticamente, mal acreditando nas palavras do filho.

– Receberão, através da indenização, mais dinheiro do que jamais imaginaram ter em suas medíocres vidas de trabalho braçal. E claro: viverão felizes para sempre.

– Thiago, vidas são impagáveis! Um dia você aprenderá isso. Só espero que não seja da pior forma...

– Isso foi uma ameaça?

– Saia daqui! Eu não quero ver a sua cara tão cedo, Thiago. Saia agora!

– Quando eu for dono do Império, senhor Cláudio, tudo isso será muito diferente.

– Isso se eu não impedir de você receber a herança.

– Veremos...

Como se fosse uma criança mimada, Thiago saiu carrancudo do escritório do pai e foi para o seu quarto. No caminho, se deparou com o olhar complacente da mãe. Ignorou-a.

Entrou no quarto. Livros cobriam as paredes, apesar de não ter lido nenhum. Eram presentes do pai e, por isso, Thiago os ignorava. Olhou pela janela e avistou as poucas estrelas que se esgueiravam entre as nuvens de um céu poluído.

– Minha estrela ainda vai brilhar, mais cedo e mais forte do que se espera – disse em voz alta, tentando se convencer de suas próprias palavras.

Deitou. Adormeceu e sonhou com a fama e com a empresa em suas mãos. A vida seria como sempre quis.

Capítulo 2

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2016

A noite seria agitada, como quase todas as outras. Operações na Maré sempre eram complicadas. Os policiais já estavam a postos, prontos para o combate. O objetivo era capturar armas, drogas e, se possível, prender alguém.

Enzo, diferente dos outros, estava inquieto. Mais uma vez brigara com a mulher. A mesma coisa de sempre: falta de tempo para ela e o filho. Ele se perguntava se algum dia ela entenderia o seu trabalho. A voz do sargento Garcia interrompeu seus pensamentos.

– Soldado Peixoto, o senhor quer um cafuné e um beijo na testa antes de dormir em pé? Podemos iniciar a operação?

Enzo enrobusteceu.

– Desculpe, sargento. Não vai se repetir.

– Um cochilo na Maré pode significar um tiro na sua testa, soldado Peixoto. Não será meu filho que crescerá órfão.

Enzo não sabia o que falar. Quando tentava balbuciar algo, a voz trovejante do sargento, novamente, rompeu o ambiente.

– Hernandez, você faz parceria com o dorminhoco aí. Não deixe que ele morra.

– Sim, senhor.

Os oitenta policiais destinados à operação entraram nos carros e seguiram rumo à Maré. Em um dos carros, Hernandez dirigia enquanto Enzo, mais uma vez pensativo, estava ao seu lado.

– Terra para Enzo: alguém na escuta?

Os dois sorriram.

– Cara, você precisa acordar. Sei que as coisas com a Tamires estão mal, mas você precisa estar operante hoje. Desse jeito, se você não morrer na favela, o próprio Garcia te mata.

Enzo já havia se perdido novamente em seus pensamentos. Observava os carros ao redor e lembrava-se de seu filho. *Realmente passo pouquíssimo tempo*

com ele, pensou. A ideia de largar a carreira militar vinha à cabeça constantemente, mas ele era uma máquina, não sabia fazer outra coisa. Ser do BOPE estava no seu DNA.

– Que tal um churrasco com uma gelada no domingo lá em casa? Para espairer. Você leva o Henrique e a Tamires. Certo?

– Vamos ver – seus olhos se desviaram para um carro esporte que havia sido lançado há pouco tempo. Henrique o adorava. – Domingo agora? Não sei se dá.

– Você está de serviço?

– Não estou, mas é que tenho muitas coisas para fazer.

– Domingo, treze horas, lá em casa. Se você não aparecer, eu poupo o trabalho do sargento e acabo com você.

Os dois sorriram. Conheciam-se há três anos e Hernandez era o mais próximo de um amigo que Enzo possuía.

– Agora, acorde de vez, Enzo. Estamos chegando. E estou com a sensação que o hoje o bicho vai pegar.

Capítulo 3

Washington, 11 de setembro de 2016

Chovia forte. De longe, observando por binóculos, acompanhava o movimento para se certificar que nada daria errado. Cada detalhe havia sido planejado milimetricamente, do suborno dado a alguns funcionários à morte de pessoas indesejadas. Como já era noite, o lugar estava vazio. Apenas sua equipe caminhava pelas espaçosas salas.

A ansiedade o angustiava. Já havia verificado alguns dos seus enviados em outros lugares, mas não falara com todos. Cada passo era um risco, mas, mesmo assim, resolveu fazer mais uma ligação.

O telefone chamou por quatro vezes, até que ouviu uma voz cansada.

- Na escuta, Chefe.
- Tudo certo?
- Melhor impossível.
- Os guardas?
- Nos deixaram entrar. Depois os amarramos como você ordenou.
- Perfeito. A entrega foi feita?
- O pessoal especializado já fez a instalação.
- E depois?
- Dores de cabeça e no corpo, como combinado, Chefe. Da equipe, apenas cinco continuam vivos e soltos.

Pensativo, demorou a responder. Deveria calcular bem o próximo passo. Tudo poderia dar errado caso ele se precipitasse.

- Até onde vai a sua lealdade, soldado?
- Até onde for necessário, Chefe.
- O que acha de um aumento? – tentou soar evasivo.
- O que eu preciso fazer?

Ele entendera rápido. Gostava de pessoas assim.

– Está tudo preparado? A chave está com você?

– Positivo.

– Saia e deixe todos os outros presos. Estou onde vocês foram recrutados. Venha para cá.

– Entendido.

Desligaram. Doía ter que fazer isso: Henry era um dos seus melhores homens. Mas não havia escolhas. Faltavam só trinta minutos e ninguém era insubstituível.

Dez minutos depois, uma batida à porta tomou a atenção do Chefe. Era ele. Pegou a pistola com o silenciador e colocou na parte de trás da cintura. *Todo o mistério do sucesso está na encenação*, pensou. *É assim que funciona em todos os ramos*. Abriu a porta.

– Entre, Henry.

Henry não imaginava que enfim havia conhecido aquele homem. Era um sonho poder, simplesmente, apertar a sua mão. Não acreditava que estava olhando para um homem tão poderoso.

– É um prazer conhecer você, senhor.

– Eu digo o mesmo, Henry. Sente-se.

Ao virar para sentar-se, escutou um som oco. A última coisa que sentiu foi algo quente escorrendo em sua nuca.

Henry não veria a aurora do novo mundo.

Capítulo 4

Rio de Janeiro, março de 2014

Era noite, por volta das dezenove horas. O sol já havia se despedido e a escuridão já pairava sobre as águas do mar, contrastando com a iluminação da avenida movimentada que ficava em frente à praia. Ao longe, pequenas montanhas davam um aspecto quase sobrenatural àquela paisagem.

Antenor observava tudo isso da janela de seu escritório. A ideia de montar um lugar de negócios em Copacabana havia sido genial. Os clientes gostavam da vista, e ele ainda evitava o caos do Centro. Contudo, naquele momento, ele só pensava na estranha reunião que teria em pouco tempo.

– O que será que eles querem comigo e, principalmente, com o Thiago? Aquele moleque irresponsável... – balbuciava baixinho, como se fosse um mantra ou uma oração. O mar nada podia responder aos seus questionamentos.

Dispensara a secretária mais cedo, assim como foi pedido pelos visitantes misteriosos. A reunião seria a portas fechadas. Só ele, Thiago e os visitantes.

A batida à porta interrompeu os pensamentos de Antenor. Imediatamente, arrumou o terno, passou a mão nos cabelos e foi, com um misto de confiança e desespero, receber seus convidados. Era Thiago.

– Para onde você acha que está indo assim?

– Para uma reunião, oras. Quando eles olharem essa sua cara de velho carcomido e desatualizado, vão desistir no mesmo minuto. Eles precisam de uma pessoa jovem que entenda seus objetivos. Por isso me chamaram.

Antenor balançava a cabeça de um lado para o outro. Começou a andar inquieto pela sala. Aquilo não daria certo.

– Thiago... – chamou Antenor, nervoso, mas tentando parecer controlado. – Uma coisa é parecer jovem, outra é sair direto de um show de Rock. Você precisava vir de calça rasgada e camisa do Ramones? Seu pai não te ensinou nada?

Thiago riu, sarcasticamente. Quase respondeu, mas resolveu ignorar por um segundo. Acendeu um cigarro, deu uma tragada e soltou a fumaça na cara do sócio de seu pai.

– Ensinou que nunca deve subestimar as pessoas. Cuidado comigo, Antenor. Um dia eu serei seu chefe.

A gargalhada de Antenor ecoou pela sala e só foi interrompida por novas batidas à porta. Eram eles.

Antenor mostrou o sorriso mais bonito que tinha.

– Bem-vindos. Sentem-se, por favor. É uma honra recebê-los.

Eram dois: um homem e uma mulher. Ele tinha rosto moreno, como se tivesse acabado de passar as férias na praia, cabelos escuros e olhos penetrantes. Porte militar e sorriso escasso. Ela, loira, de olhos mais azuis do que o mar. Exalava beleza e transparecia bondade. Parecia uma típica professora de filmes americanos com aquele semblante amável e um rabo de cavalo.

Karina tomou as rédeas da situação. Examinou Thiago dos pés até a última ponta de cabelo.

– Você deve ser o Thiago.

– O próprio, mademoiselle. Rendido aos seus encantos.

– Eles são bons, mas prefiro o Sex Pistols.

Thiago deu um olhar triunfante para Antenor.

– Realmente são melhores. Qual a sua música preferida?

– Acho que temos assuntos mais interessantes a tratar – falou, intercalando o olhar entre Thiago e Antenor.

– Concordo – afirmou Antenor. – A princípio, pensei que o próprio chefe de vocês viria.

– Ele é um homem muito ocupado e prefere não se expor no momento. Espero que você compreenda.

Thiago, já impaciente, retaliou:

– Se é que me compreende, joguinhos de significados são muito chatos. Você pode dizer o que vocês querem e o porquê da menininha não querer se expor? Tenho certeza que você não veio para admirar a minha beleza.

– Viemos propor um acordo.

– E que acordo poderíamos ter com vocês? – disparou Antenor, hesitante. – Somos de ramos bem diferentes.

– Vocês têm algo que nós precisamos e nós podemos te dar algo que vocês querem.

– Realmente você tem algo que eu quero – Thiago piscou e gargalhou.

Karina ignorou o comentário. Prosseguiu. Seus olhos haviam transmutado. A aparência doce se fora. Quem a via enxergava uma leoa.

– Podemos entregar a vocês petróleo. – Fez uma pausa dramática. – Muito petróleo.

Capítulo 5

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2016

A lua pálida era a única testemunha da movimentação dos traficantes na favela. A notícia sobre a operação vazou e os traficantes já estavam posicionados para se defender. Olhos atentos se espalhavam por toda a comunidade, com sinalizadores e armas em mãos. Aquela noite iria ferver.

Quando o primeiro carro do BOPE apareceu na entrada da comunidade, os sinalizadores pintaram o céu de vermelho. Entretanto, mal sabiam que não era só o céu que seria colorido; o chão também seria tingido pelo vermelho do sangue daqueles que não teriam histórias para contar no dia seguinte.

Os policiais se preparavam para subir. Alguns demonstravam medo; outros, indiferença. Com o tempo, acostumava-se com o perigo e com o cheiro da morte. Pedro e Rafael se juntaram a Hernandez e Enzo, subindo por um dos becos à direita.

Os tiros começaram instantaneamente. Traçantes cortavam o céu e se alojavam no começo da favela, dando início a uma guerra cruel. Como em todas as outras, nessa guerra não havia súplicas, desculpas ou desejos: era sangue por sangue; ela não perdoava ninguém. Menores ou maiores, as marcas ficariam.

Os quatro subiam lentamente, olhando para todos os cantos. Todos os policiais sabiam que, ao entrar na favela, suas vidas estavam em jogo e a sorte é quem dava as cartas. Não podiam vacilar: qualquer barulho era motivo de armas apontadas e dedo no gatilho. Na guerra não havia suspeitos: todos eram culpados.

Chegando a uma bifurcação, Hernandez fez sinal para que se separassem. Ele e Enzo seguiram em frente, Pedro e Rafael foram pela entrada à direita.

Os tiros haviam cessado há dez minutos e uma estranha paz abundava na comunidade. Os passos seguiam lentos, assim como a operação. Enzo sussurrou:

– Tem algo errado, eu tenho certeza. Se eles sabem que estamos aqui, cadê os tiros?

– Entocados como ratos – respondeu Hernandez. – Não é isso que eles são, na verdade?

– Não é isso. Tá errado.

Enzo seguia suspeitando dos muros, gatos e bueiros. Para ele, não faltava muito para que os traficantes saíssem de qualquer buraco e os matassem.

– Sabe o que é, Hernandez?! Acho que está na hora de eu deixar a corporação. Passo pouco tempo com meu filho. Ele não é órfão, mas está crescendo sem pai.

Hernandes, pego de surpresa, virou assustado e encarou Enzo.

– Qual foi, Enzo? Você sempre foi um policial. Somos os mocinhos, lembra? Você tá é com medo dos ratinhos, isso sim.

Mal terminara a frase, os tiros recomeçaram. Três traficantes, que estavam a menos de quinze metros, começaram a disparar nos dois. Enzo e Hernandez jogaram-se atrás de um pequeno muro que delimitava o quintal de uma casa e começaram a revidar os disparos.

– De onde eles saíram, cara? – Enzo questionou exasperado.

– Do boieiro. De onde mais? Os ratos entraram na festa.

Enzo não estava para brincadeiras. Levantou e soltou uma saraivada, mas foi respondido com uma perfuração no muro na altura de sua cabeça.

– Temos que recuar, cara. Temos que recuar. Meu filho não pode ficar sem pai.

– Esquece o moleque por um segundo?!

Uma saraivada os surpreendeu do outro lado, encurralando-os. Enzo entrou em desespero.

– Você estava errado. Nós somos os ratos e eles os gatos. Estamos mortos, cara. Estamos mortos.

Hernandes pensava em todas as possibilidades. Toda vez que a guerra começava, ele saía de si. Era um dos melhores em situação de risco, além de um exímio atirador.

– Vá à frente e eu te cubro, Enzo. Vai, cara. Vai...

Quando Enzo levantou-se e deu o primeiro passo, muitos tiros foram disparados em sua direção. Um projétil passou raspando em seu braço e acertou uma janela, estilhaçando-a em mil pedaços.

Capítulo 6

Jerusalém, 11 de setembro de 2016

A noite estava quente, mas o céu estrelado compensava ficar naquele lugar escaldante. Os soldados circulavam pelo perímetro a procura de qualquer coisa suspeita, atentos até ao menor ruído. Cachorros farejadores circulavam no pátio do Knesset. Pelo que parecia, a denúncia era falsa. Mais uma como tantas outras recebidas todos os dias.

O clima no Oriente Médio sempre estivera mais quente que as areias no deserto e isso se refletia nos cidadãos. Amedrontados com a possibilidade de guerras, tudo que lhes parecia suspeito era motivo para denúncia. O caos era generalizado, principalmente nas grandes cidades.

Do nada, um carro apareceu, movendo-se lentamente, e parou no portão de entrada do parlamento. Os soldados e os policiais se exasperaram. Eles se entreolharam e foram se aproximando cautelosamente, dois por cada canto. Outros ficaram de longe, com as armas apontadas para as portas do carro. O espanto era nítido nos olhos; ninguém imaginava que a denúncia fosse verdadeira. Entretanto, tal espanto era contrastado com a tranquilidade que os dominara. Eles eram os melhores e sabiam disso.

Contaram até três e aproximaram-se da janela do carro, já com a arma apontada. O corpo lá dentro não se mexia. Abriram as portas lentamente, com medo de haver qualquer dispositivo acoplado, mas tudo parecia estar em perfeito estado. O corpo era de um palestino. Estava com os pulsos amarrados, com a roupa coberta por sangue e um buraco de tiro no meio da testa.

– O que faremos?

– Não sei... Isso está muito estranho. Revistem o carro.

Revistaram e tudo estava limpo. Não havia nada de estranho no interior do veículo ou abaixo do carro. Entretanto, um palestino assassinado já era suspeito o suficiente. Os soldados se entreolhavam e procuravam uma solução. Os policiais que estavam com eles faziam o mesmo.

Ouviu-se um barulho na parte lateral do parlamento. Dois policiais foram correndo ver o que aconteceu e se depararam com um gato correndo com uma lata amarrada no rabo. Soltaram a lata e o gato foi embora. Dentro dela havia um papel

com recortes de jornal colados, formando a seguinte mensagem: *tic-tac, tic-tac*. Voltaram assustados e mostraram o achado ao líder da operação.

– Parece que alguém está querendo brincar conosco.

Olhou para as estrelas e buscou a solução. Entretanto, não muito longe dali, quatro homens tinham a resposta das perguntas que as estrelas não sabiam responder. E faltavam dois minutos para que o mundo todo descobrisse da pior forma.

Vinte segundos. Os três lança-foguetes estavam apontados. O quarto homem soltou um sinalizador, que apontou exatamente a posição dos atacantes. Nos milésimos que os soldados levaram para decidir o que fazer, os foguetes foram lançados. Um em direção ao carro e os outros dois em direção ao parlamento.

O carro explodiu em chamas. Um segundo depois, o mesmo ocorreu com o parlamento. Alguns sobreviventes ficaram boquiabertos. O maior dos temores certamente iria acontecer: uma guerra iria começar.

Capítulo 7

Washington, 11 de setembro de 2016

Eles procuravam por Henry em todos os lugares, mas não o encontravam. Ligavam, mas a chamada caía na caixa postal. O desespero já os domava: faltavam apenas três minutos e precisavam sair dali de qualquer forma. Andavam de um lado para o outro, pensavam, mas não encontravam qualquer resposta.

– Henry é o nosso líder; não podemos deixá-lo para trás. O que ele pensaria quando descobrisse? Nos chamaria de traidores, na certa! E se ele nos entregar para o Chefe, estaremos mortos!

– Carter, se ele estivesse preocupado com o que pensamos, não teria sumido. Nós vamos embora, mas se você quiser ficar aqui com os otários amarrados e esperar pelo Henry, é com você mesmo. Adeus.

Correram em direção à saída. Quando chegaram à porta, perceberam que ela estava trancada. Forçaram-na, mas não se moveu. Chutaram e esmurraram-na, deram socos e nada aconteceu. O desespero subia à mente e tudo parecia se diluir em medo. O fim se aproximava. Dois minutos e tudo estaria perdido.

Olhavam para o teto e tentavam encontrar nos deuses a resposta. A pintura retratando-os estava lá; eles não. Procuram ao redor algo que pudesse forçar a saída, mas não havia nada que pudesse ser usado.

Um minuto e meio. Carter apareceu no campo de visão, correndo desesperado. Alcançou-os, porém apenas o medo exalava de seus poros.

– Eu liguei outra vez e atenderam ao telefone do Henry. Um homem disse que estamos mortos, que está tudo trancado. Nós estamos mortos, estamos mortos...

– Os seguranças... Eles têm as chaves. Vamos lá! Rápido!

Trinta segundos. Eles correram desesperadamente e chegaram à frente da sala onde os seguranças estavam presos. A porta, assim como a outra, estava trancada. Lá, além dos seguranças, estava o fruto do trabalho daqueles quatro homens, o fruto de suas próprias condenações.

Dez segundos restavam. O Chefe aguardava ansiosamente na sacada do apartamento, observando pelos binóculos. O sentimento de vitória crescia a cada segundo. *Tudo dará certo, pensava. Em breve, eu serei o dono do mundo.*

Cinco segundos faltavam e todos estavam pensativos. Eles sabiam o que lhes aguardava. Carter caiu de joelhos e chorou copiosamente, arrependido por suas escolhas. Sussurrava entre lágrimas:

- Deus, me perdoe e receba o meu espírito.
- Depois dos que fizemos, será o Diabo quem receberá o nosso espírito.

E tudo ficou quente e vermelho, as barreiras da física se quebravam. O calor se multiplicava e, poucos milésimos depois do clarão, um estrondo se fez ouvir.

Na manhã seguinte, Washington acordaria sem o seu Capitólio.

Capítulo 8

Rio de Janeiro, 3 de setembro de 2016

Enzo virou-se e empurrou Hernandes. O medo o dominava, fazendo com que ele tremesse. Lágrimas escorriam por seu rosto, e ele repetia palavras sem sentido.

– Enzo, acorde! Precisamos sair daqui. Levante-se, cara... – falou, esticando o braço para ajudá-lo.

– Meu filho ficará órfão, Hernandes. Ele ficará órfão...

Hernandes já havia perdido a paciência com aquilo. Enzo andava estranho há meses, mas aquilo ultrapassou todos os limites permitidos. Ele se tornara excêntrico e covarde, tudo que um policial não pode ser.

– Seu frouxo! Fica aqui e eu já volto para te buscar – gritou Hernandes. – Eu vou passar esses vermes!

Hernandes conferiu a munição e foi à guerra. Medo é sinal de fraqueza e tem cheiro de morte.

Levantou a cabeça e tiros foram disparados em sua direção. Era tudo que ele queria: descobrir a posição de seus ofensores. Rolou para o lado oposto e foi alvo de disparos, mas conseguiu se esconder a tempo atrás de um pequeno elevado de blocos da casa vizinha. Posicionou a sua arma e novamente se ergueu, mas, dessa vez, pronto para matar.

O primeiro tiro acertou exatamente onde antes estava um dos dois traficantes. Ambos revidaram. Atiram diversas vezes e Hernandes continuava entocado atrás dos blocos. Contou até três e levantou a cabeça, mas tiros foram disparados. Calculou a posição e levantou atirando. Um deles caiu com um tiro na testa.

O segundo traficante, assustado, disparou diversas vezes sobre Hernandes e como não houve reação, saiu de seu esconderijo para ajudar o seu amigo. Quando ficou de costas, Hernandes atirou cinco vezes e o traficante desabou ao lado do seu comparsa.

Circundou o perímetro e estava só. Voltou para onde Enzo se encontrava.

– Enzo, eu sei que você tá mal. Só quero que você faça uma coisa: atire. Não precisa ser com direção, mas mantenha a atenção deles em você, entendeu?

Enzo ainda trêmulo, disse:

– E o que você fará?

– Só atire, ok? Deixe o resto comigo.

Enzo começou a atirar, apesar de seus disparos saírem com direção imprecisa. A arma pesava em suas mãos, porém, não mais que sua consciência.

Hernandes deu a volta no barraco e encontrou a posição esperada. Estavam todos de costas e atirando no seu parceiro. Respirou fundo. O menor erro traria chance de reação dos meliantes. Apertou o gatilho e disparou, sem dó, sem piedade. Em menos de dez segundos, restavam apenas três corpos no chão.

– Enzo, pare de atirar. Sou eu! Está tudo bem. Está tudo bem...

Enzo parecia que estava em outro mundo, mas balançou a cabeça em confirmação.

– Estamos vivos, cara! Você verá seu filho... Comemore!

Antes mesmo que terminasse de transformar em palavras seus pensamentos, um traficante apareceu no beco e atirou. Hernandez foi atingido, mas caiu atirando, levando, junto consigo, o seu algoz para a tumba.

– Hernandez, acorde! Levante, cara! Por favor... Levanta! Eu te imploro...

Como resposta, Enzo só recebia uma respiração fraca e entrecortada. Não sabia o que fazer. Abraçou o corpo do amigo e chorou.

Capítulo 9

O Caveirão descia a favela aos solavancos, andando o mais rápido possível sobre as ruas mal estruturadas e esburacadas. Dentro, a cena era de desespero. Enzo chorava como uma criança e, ao seu lado, o corpo de Hernandez jazia esperando por cuidados. O caminho até a unidade de tratamento médico pareceu uma eternidade para ele.

Seus sentimentos se condensavam entre a felicidade de saber que veria o seu filho mais uma vez, a dor de ter fracassado e o remorso por, talvez, ter condenado seu amigo à morte. O pior: talvez condenasse Robson, filho de Hernandez, a ter o destino que ele não queria para o seu filho. Entre tumultuosos pensamentos e choros cortantes, chegaram ao hospital. Como de praxe, Hernandez só foi atendido após muita espera.

Enzo ficou do lado de fora espreitando portas e aguardando ansiosamente a resposta de uma possível salvação para seu companheiro. Todas as vezes que a porta se abria, o coração de Enzo repetia o mesmo movimento, suas pernas faziam força e seu corpo se erguia automaticamente. Aproximava-se do médico ou enfermeiro, mas eles não possuíam a resposta que ele tanto aguardava. A tortura se estendeu por quase uma hora, até que uma enfermeira saiu por entre aquelas portas e se dirigiu a Enzo.

– Você deve ser Enzo, acompanhante do Hernandez...

– Isso mesmo. Como ele está?

Beatriz odiava o trabalho de mensageira da morte, mas ela sempre ganhava este cargo por ter controle emocional e saber escolher as palavras certas.

– Enzo, nós fizemos o possível para salvá-lo.

Os olhos distantes de Enzo se fixaram na plaquinha que a enfermeira carregava em seu jaleco. Perdeu-se, por um segundo, em seus próprios pensamentos.

– O que seria “o possível”, doutora Beatriz?

– Eu sou enfermeira. – Fez uma pausa, organizando seus pensamentos. – Quando ele chegou, seu coração já havia parado. Tentamos reanimá-lo mesmo assim, mas nada resolveu.

Enzo perdeu-se novamente em pensamentos. Seu pesadelo acabava de concretizar-se. Não escutou o que Beatriz falava.

– O que preciso fazer? Como libero o corpo?

Beatriz apiedou-se dele:

– Vá para casa, Enzo. Cuidaremos de tudo.

Desolado, Enzo caminhou pelas ruas movimentadas do Rio de Janeiro. Seu mundo começava a desabar.

Capítulo 10

Damasco, maio de 2014

Abdul andava pelo agitado mercado buscando ervas para sua esposa usar no almoço daquele dia. Apesar de ser um homem ocupado, ele sempre encontrava tempo para sua esposa e filhos. Acreditava que um homem que não honra sua família é um homem sem valor. Mesmo nos pequenos detalhes, sempre se dispunha a ajudar.

Em meio ao tumulto do mercado, sentiu um leve vibrar em seu bolso. Sabia que não poderia atender em meio aquele mundaréu de pessoas indo e vindo. Celulares eram raros e geralmente entravam através de contrabando. Se visto, não sabia o que poderia acontecer.

Escondeu-se atrás de uma das barracas e retirou o telefone do bolso, conferindo mais uma vez se ninguém se aproximava. Certificando-se que estava seguro, olhou a tela e viu uma sequência de números desconhecidos. Estranhou, pois só seus clientes mais poderosos e íntimos possuíam seu número. Na dúvida, atendeu com uma voz receosa.

– Alô?

– Enfim, Abdul. Pensei que não atenderia nunca.

– Quem é você? Como conseguiu esse número?

– Sabe Abdul, me falaram que você era mais doce e educado – brincou o Chefe. – Vai querer colocar as garrinhas para fora agora?

– Me diga quem você é ou irei desligar.

– Ou você se comporta, ou seus filhos podem sumir quando estiverem voltando da escola. Sei que eles ainda estudam na Emir.

Abdul sentiu suas entranhas darem um nó. *Como esse estranho sabe dos meus filhos?*

– Em que posso ajudar?

– Gostei da melhora de postura, Abdul. Vim lhe propor um negócio, o melhor de sua vida.

– Que negócios o senhor poderia querer com um vendedor de frutas?

O Chefe gargalhou ao telefone. Ele adorava mentiras, principalmente quando sabia a verdade. E ele sempre sabia de tudo.

– Bem, Abdul, não sabia que você também falsificava frutas. Como dizem, você deve ser realmente o melhor no que faz.

– Quem lhe passou meu número, senhor?

– Amigos em comum. Você quer cem mil dólares? Eu tenho um serviço para você.

Abdul gelou só de pensar em tantos zeros. Nunca haviam lhe oferecido um negócio tão lucrativo. Ele poderia fugir com seus filhos para longe e viver honestamente. Segurança: isso era tudo que ele precisava.

– O que preciso fazer?

– Primeiramente, ser discreto. Segundo, você criará documentos falsos. Preciso de tudo: da identidade à habilitação para dirigir. Depois você abrirá uma empresa com esses dados. Uma empresa de fachada, é claro. Que tal um fábrica de suco de frutas?

– Estamos na Síria, meu amigo. Você sabe que isso é praticamente impossível.

– Errado, você está na Síria. Eu sei que você pode fazer isso facilmente. Que tal duzentos mil?

– Fechado. Qual o nome para os papéis?

– O seu.

Capítulo 11

Rio de Janeiro, 6 de setembro de 2016

– Bom dia, sargento Garcia.

– Hoje não é um dia nada bom, Enzo.

Enzo e Garcia estavam com aspectos soturnos. Enzo permanecia sem dormir desde a noite da morte de Hernandes e as olheiras já tomavam conta de seus olhos. A dor de ter fracassado consumia todas as suas energias e o sepultamento de Hernandes, no dia anterior, arrancara o que restava de sua paz.

Garcia, aparentemente, também não dormia há algumas noites. Seu olhar era denso e sombrio como as mais profundas águas do oceano. Parecia que mil pensamentos vagavam em sua mente e todos lhe atormentavam.

– Sargento, o senhor me chamou?!

Sabia que havia sido chamado. Por falta do que dizer, acabou dizendo algo imbecil.

– Você esteve no sepultamento ontem, Enzo?

Garcia sabia que sim, o viu no local. Na verdade, Enzo discursou falando da perspicácia e coragem de seu companheiro e assumiu seu fracasso. Mas, por não saber como começar aquela conversa indesejável, usou um subterfúgio.

– Certamente, sargento.

– Chegaram aos meus ouvidos comentários sobre as suas atitudes na Maré, Enzo. Você sabe que algumas providências terão que ser tomadas, não sabe?

Enzo já esperava por aquilo. Na verdade, apesar de temer, sabia que uma sanção aconteceria. Provavelmente teria que cumprir obrigações dentro do quartel por alguns dias por causa de sua covardia. Certamente, passaria por treinamentos humilhantes, reciclagens e outros processos.

– Sim, senhor.

Enzo já havia sido um dos melhores homens do batalhão, mas perecera com o tempo. O estresse do trabalho o consumiu.

– Bem, Enzo, talvez esteja na hora de você tirar umas férias.

– Mas... Sargento, não tem nem um ano que saí de férias e...

– Enzo, de hoje em diante você estará afastado por tempo indeterminado. Você passará por um tratamento com a Andréia da Psicologia.

– Mas...

– Sem argumentos, Enzo. Você já pode se retirar.

Capítulo 12

Damasco, setembro de 2014

O novo Abdul andava ansiosamente dentro de uma pequena sala na região menos povoada de Damasco. Ele tinha um encontro com dois dos homens mais poderosos do Oriente Médio e todo seu destino dependia de como se sairia naquela reunião. O suor transbordava em sua face, em parte pelo calor, em parte pelo nervosismo. Toda a preparação até ali seria vã se aquele momento não vingasse.

Houve uma primeira batida à porta. Abdul abriu e três homens fortemente armados apareceram.

– Levante as mãos e coloque-as na parede onde eu possa ver. Você está sozinho?

– Estou.

Um dos homens ficou com a arma apontada para a nuca de Abdul. Os outros dois saíram pelo cômodo revistando cada pedaço, procurando pessoas, câmeras, esconderijos, armas, gravadores ou qualquer coisa que pudesse ser prejudicial ao seu chefe. Depois da revista na sala e no anfitrião, mandaram que Abdul sentasse.

Dois se ausentaram do recinto e um ficou na sala, a fim de evitar imprevistos. Poucos segundos depois, os homens voltaram escoltando Fariq.

Ele olhou para Abdul e analisou-lhe da ponta dos cabelos aos sapatos. Aparentemente, gostou do que viu. Sentou-se e dispensou seus homens. Pegou a garrafa de uísque que estava sobre a mesa e se serviu.

– Abdul, eu espero que você saiba que sou um homem muito ocupado e não gosto de perder tempo. Uma reunião escondida comigo e com o Ghalib? Realmente deve ser algo importante.

– Certamente o é, senhor presidente. Quero ajudá-los a chegar ao topo do mundo.

Fariq tomou mais um gole e sentiu a bebida deslizar por sua boca e garganta. Pensou alguns segundos antes de responder.

– E como toda ajuda, não é de graça.

– Venho com a melhor das intenções, senhor presidente.

Fariq o encarou, olhando bem no fundo dos olhos. Abdul pensou que o presidente pudesse enxergar a sua alma.

– Abdul, certo? Ou seria John Terry? – John perdeu todos os sentidos. Fora descoberto antes mesmo da reunião. – Como seu povo costuma dizer, *o inferno está cheio de pessoas com boas intenções*.

Fariq deu uma risada alta.

– John, eu sou o presidente da Síria. Acha mesmo que eu não saberia de tudo que acontece aqui?

Uma nova batida à porta retirou John do seu transe. Era Ghalib quem aguardava do outro lado.

– Bom dia, John.

– Bom dia, senhor presidente – John percebeu que seu disfarce havia caído por terra há muito tempo.

– Como você prefere ser chamado: John ou Abdul? Eu, particularmente, acho John muito feio.

– Como você sabe meu verdadeiro nome, senhor?

– Nós, os iranianos, sabemos de tudo, meu querido. Mas vamos parar de conversa fiada. Espero que seja algo muito interessante o que tem a me dizer. Senão, infelizmente, terei que te fuzilar – Ghalib sorriu, como se isso fosse algo cotidiano.

John transpirava excessivamente, sua mão estava gelada, suas entranhas se contorciam e ele não sabia o que dizer. Após a farsa ter caído, teria que ser muito mais convincente. Era agora ou nunca. Era vencer ou morrer.

– Eu tenho uma proposta para vocês – tentou John.

– Qual proposta? – emendou Fariq.

– Está na hora de vocês serem realmente temidos.

Capítulo 13

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2016

O dia estava frio, porém, dentro daquela casa, o fogo das palavras esquentava todos os cômodos, transformando o lar em uma praça de guerra.

Enzo não se perdoava pelo acontecido; Tamires também não e o torturava de minuto em minuto. Ele queria apoio, mas recebia chicotadas atrás de chicotadas. O romance, que há muito já estava desgastado, parecia que encontraria suas últimas páginas.

Henrique, com apenas oito anos, sofria calado e assistia à briga com naturalidade. Já era uma cena comum no seu cotidiano.

– Você é um covarde, um frouxo – vociferava Tamires. – Eu deveria ter me casado com o Pedro.

– E por que não casou? Deveria ter casado mesmo. Pelo menos eu viveria em paz.

– Você está me chamando de tormento?

– Não! Estou chamando de demônio, capeta, coisa ruim, peste... O que você preferir.

Um copo voou em direção a Enzo, que se desviou rapidamente.

– Se você desviasse de balas como desvia dos copos, não teria sido humilhado e afastado do emprego.

Enzo já não aguentava mais aquilo. Pensou em rebater, mas não levaria a nada. Tudo naquele relacionamento não levava a nada há anos. Henrique era o único elo entre os dois, o que os impedia de se separarem. Entretanto, a criança sofria com um pai ausente e com uma mãe dependente de bebidas alcóolicas.

– Henrique, troque de roupas. Nós vamos sair. – Avisou Enzo.

– Não se mexa, Henrique – intrometeu-se Tamires – Onde você acha que levará meu filho, frouxo?

– Não é de sua conta. Vá encher a cara! Você não se importa com o menino mesmo.

Henrique foi se arrumar, animadamente. Afinal, eram raras as vezes que saía de casa com os pais.

Mesmo em seu quarto, ele continuava a escutar a grulha dos dois. Muitas vezes, achava que os dois acabariam se matando.

Depois de alguns minutos, já estava pronto e entrou no carro com o pai. Enzo olhou solidariamente para seu filho e disse, enquanto dava partida no carro:

– Desculpe por tudo, filhinho. Papai promete que será mais presente agora e te levará mais vezes para sair.

– Obrigado, pai. Seria legal se minha mãe fosse com a gente ao cinema.

Enzo ficou pensativo durante alguns segundos e disse:

– Sua mãe não gosta muito de cinema, filho. Mas podemos ir assistir a um filme agora. Você quer?

– Eu queria que vocês parassem de brigar.

Enzo caiu em silêncio profundo e perdeu-se em seus próprios pensamentos. Henrique parecia ter feito o mesmo, enquanto observava os carros passando na rua. Depois de aproximadamente dez minutos de silêncio completo, Henrique disse:

– Pai?

– Diga, meu filho – respondeu Enzo, sem olhar para Henrique.

– Eu acho que a mamãe não te ama.

Aquelas palavras chocaram Enzo, apesar de também desconfiar daquilo. Esqueceu o trânsito e olhou para o filho. Surpreendeu-se gritando.

– Por que você tá falando isso, Henrique? Por quê? Ela te disse? Me diga agora o que você sabe!

– Calma, pai...

– Fale logo, Henrique!

– Pai, olha...

Henrique não teve tempo de terminar a frase. Sentiu um impacto no carro ao lado direito e viu o veículo capotar duas vezes. Antes de afogar-se em trevas, desejou que seus pais fossem felizes.

Capítulo 14

Enzo, ainda tonto, abriu os olhos e não conseguiu identificar o lugar em que estava. Tudo era branco e, aparentemente, sem vida. Pelo vidro da porta, via pessoas correndo de um lado para o outro, todos também de branco. Algumas vezes, gritos rompiam a paz do ambiente.

Quando menos esperava, uma mulher de pele clara, loira e vestida de branco surgiu diante de si. *Só pode ser um anjo*, pensou. Mas não tinha forças para perguntar, a dor consumia todo o seu corpo.

– Você precisa descansar, Enzo. Bons sonhos.

Enzo queria gritar que não precisava de descanso, que só necessitava que ela ficasse ao seu lado. Contudo, suas forças eram nulas e seu grito não passou de um grunhido rouco e indecifrável.

Algo foi injetado em seu braço e, pouco tempo depois, sentiu uma paz percorrer suas veias, domar seus órgãos e acalantar seus olhos. Mesmo contra sua vontade, suas pálpebras se tocaram e mergulhou na escuridão.

Algumas horas depois, Enzo acordou novamente, agora sem dor. Mais lúcido que antes, observou o ambiente em que se encontrava. Ao seu lado havia uma estrutura de ferro que sustentava um recipiente com soro. Mais ao lado, uma cama hospitalar velha clamava por seus últimos dias. À frente, ao lado da porta, um armário estava abarrotado de vidros contendo líquidos que desconhecia.

Sua memória foi voltando aos poucos e percebeu que estava em um hospital. Lembrou-se de Henrique, de suas palavras e do acidente. Ele entrou em desespero, o coração acelerou e o aparelho que estava ao seu lado esquerdo começou a apitar estridentemente. Sentia como se uma mão segurasse sua garganta, impedindo que a voz saísse. Lutava contra si mesmo, contra a dor que voltava a se fazer presente e contra o desespero.

Gritou com a voz rouca e ressequida:

– Médico! Enfermeira! Me ajudem, por favor... Me ajudem...

As lágrimas desciam pelo seu rosto e cortavam sua alma. Ouviu passos apressados e Beatriz, o mesmo anjo que ele havia contemplado mais cedo, irrompeu as portas do quarto e se posicionou a sua frente.

– Acalme-se, senhor Enzo. Está tudo bem, está tudo bem. O senhor precisa de algo?

Estranhamente, aquela voz lhe acalmou. Tentou organizar os pensamentos desconexos e transformá-los em palavras organizadas, mas foi em vão.

– Meu filho... Ele... Ele estava comigo. Onde ele está?

– Acalme-se, Enzo. Não precisa se desesperar.

– Diga logo onde está o meu filho! Terei que arrancar as palavras de sua garganta? – As lágrimas voltaram a cortar o seu rosto. – Diga, por favor...

Beatriz não sabia o que fazer naquele momento. Mesmo sendo a melhor na sua área, às vezes, pensava que havia escolhido a profissão errada.

– Eu te contarei tudo, Enzo. Mas você terá que prometer que ficará calmo. Tudo bem?

– Tudo bem...

– Vocês sofreram um acidente grave e...

– Eu sei o que aconteceu. Eu estava lá! Quero saber do meu filho!

– Nós fizemos todo o possível, mas não foi o suficiente. Eu sinto muito.

Enzo empalideceu, vertigens tomaram seu corpo e as palavras ficaram presas. Ela encarava-lhe com seus grandes olhos claros, expressando compaixão e pesar. Era tudo que ele não precisava. O mundo saiu do foco. As últimas gargalhadas de seu filho invadiram sua mente e um borrão se sobrepôs a elas. O pesadelo não tinha fim. Mergulhou novamente na escuridão.

Capítulo 15

Rio de Janeiro, 4 de setembro de 2016

Já havia passado de meia-noite e trinta e o telefone de Bruno não parava de tocar. Havia coisas que ele detestava, porém, o celular superava todas estas. Ele sempre preferira o contato direto, o calor humano. Além disso, havia a impressão que o telefone só tocava nas horas menos indicadas.

O celular continuava a exalar a sua melodia e Bruno se fazia de surdo. Contudo, na terceira vez que a pessoa ligou, imaginou que poderia ser alguma coisa do trabalho de extrema urgência.

– Alô?

– Já era hora de atender. A bela adormecida estava descansando? – perguntou Thiago, com o costumeiro tom irônico.

– Thiago, é quase uma da manhã! O que você quer?

– Está a fim de dar uma saída? Me falaram sobre um barzinho de Rock na Praça da Bandeira que parece ser ótimo. Falaram que só tem gata lá. Vamos?

O humor de Bruno já se esvaía. Não bastava ser inconveniente durante o dia, Thiago ainda fazia hora-extra.

– Eu não deveria nem olhar na sua cara, Thiago. Você lembra o que você fez? Se não fosse seu pai, minha carreira estaria no ralo agora.

Thiago não estava querendo outro sermão. O do seu pai já tinha sido suficiente.

– Vamos lá, Bruno. Vai bancar o tira bonzinho agora? Só beber um pouco, fumar, bater um papo com umas garotas...

– Thiago, eu não sou um tira. Eu sou um policial federal.

– Tá bom, senhor policial federal. Depois não diga que eu não o convidei.

– Não direi – respondeu Bruno, já irritado.

– E uma proposta mais interessante, você aceitaria? – Arguiu Thiago.

– Não consigo imaginar uma proposta interessante vinda de você.

– Fingirei que não entendi a ofensa, tá?! Pelos velhos tempos e porque eu acordei a moça – Thiago riu, mas não obteve resposta.

– Bruno, você pode ficar rico, muito rico. Não é nada com drogas, antes que você pense. Você sabe que eu parei, né?!

– Thiago...

– É algo grande, enorme, maior que aquela garota que você ficou: a Priscila. E ela parecia um elefante. Vamos nos dar bem dessa vez. Você só precisa...

Bruno não deu chances de Thiago terminar.

– Thiago, eu não preciso de nada, menos ainda dos seus comentários preconceituosos. Aliás, eu preciso dormir. Não me coloque nos seus rolos, porque você sempre acaba em apuros. Um dia, eu e seu pai não estaremos lá para te ajudar. Boa noite.

– Você quem sabe, senhor policial – Thiago usou toda a sua ironia. – Base para quartel. Informações terminadas. Câmbio, desligo.

Bruno só pode rir. *Thiago é realmente um maluco*, pensou.

Deitou-se, mas seus pensamentos iam longe. Conhecia Thiago desde novo, mas nunca entendeu os caminhos do amigo. Sempre fora rico, tivera educação, carinho e parecia que jamais iria vingar. Já com ele foi exatamente o contrário. Ele se orgulhava de onde estava.

Adormeceu e acabou sonhando que era promovido.

Capítulo 16

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2016

Érica e Cláudio estavam deitados no quarto assistindo a um programa de TV e descansando após o dia corrido que tiveram.

Cláudio havia enfrentado mais uma reunião, que consumiu toda a sua tarde, com os sócios da sua empresa. Estava cada vez mais difícil domá-los. Apesar de possuir cinquenta por cento das ações e Antenor outros quarenta, os demais sócios adoravam fazer um barulho estrondoso. Os faltava poder, mas não lhes faltavam reclamações. E agora, tudo estava pior: haviam descoberto que alguém andava desviando verbas sorrateiramente. Contudo, as investigações internas, encabeçada por Antenor, não havia achado os culpados.

O dia de Érica havia sido cheio por causa da faculdade. Abrira mão de sua vida quando engravidou, dedicando-se totalmente a Thiago e suas necessidades. Agora, com o filho crescido, tinha resolvido que era a hora de voltar a estudar e realizar o sonho de ser médica. Já estava no sexto período e as aulas exauriam suas forças.

Eram vinte e duas horas e eles assistiam à novela, como a maior parte dos brasileiros. Entretanto, no meio de uma cena muito aguardada, o símbolo do noticiário tomou conta da TV e chamou a atenção de ambos.

Atrás da repórter, não era possível distinguir com clareza o acontecido. Viam-se diversas pessoas aglomeradas, olhando para o alto. Algumas delas estavam exaltadas e debatiam entre si. No meio daquele turbilhão, ela anunciou: *Boa noite. Interrompemos sua programação normal para uma notícia, no mínimo, chocante. Fugiu do script. Era carioca, amava aquela cidade e estava profundamente abalada. De forma abrupta e repentina, hoje, por volta das vinte e uma horas e trinta minutos, o Cristo Redentor foi atacado. Não sabemos ainda por quem ou o motivo. Suspeita-se de um ataque de uma organização criminosa mais ousada, mas a polícia ainda não passou informações claras.* Encarou a câmera por um segundo, como se fosse chorar. *Há feridos ao pé do Corcovado, devido a partes do monumento que rolaram pela montanha após a explosão. Estão, entre estes, alguns funcionários, além de fiéis que se reuniam na paróquia de São Judas Tadeu. Mais informações com Karen Simões no helicóptero da Global Telecomunicações.*

Cláudio e Érica se olharam, mas rapidamente voltaram a prestar atenção no noticiário. Karen, uma morena de cabelos cacheados, começou a falar: *O que vemos aqui de cima é um cenário catastrófico. Onde havia o Cristo Redentor, restam apenas escombros. O povo brasileiro, especialmente o carioca, se encontra chocado. Em contato direto com a Polícia Federal, que já começou a investigar o caso, fomos informados que ainda não há suspeitos. Porém, tudo indica ser um atentado terrorista. Voltamos ao...*

Karen permaneceu com o rosto paralisado, como se a imagem da TV estivesse congelada. Começou a mover os lábios de forma estranha, em uma clara demonstração de agonia e medo. O olhar já não era o mesmo: estava sombrio. Havia uma mistura de tristeza e dor em sua face. *Acabamos de ser informados que outros atentados semelhantes ocorreram em Israel, Estados Unidos, França, Vaticano, Japão e alguns outros países. O sentimento de insegurança é mundial. Não há indícios ainda de onde partiram os ataques. Mas a Prefeitura do Rio de Janeiro solicita que todos permaneçam em casa até que haja novidades. Voltamos agora com sua programação normal.*

Cláudio olhou novamente para Érica. Não sabiam o que dizer diante de algo daquela magnitude. Era como se houvesse uma tonelada sobre eles e uma barreira intransponível os separasse. Foi ele quem quebrou o silêncio constrangedor.

– Amor, você está pensando o mesmo que eu?

– Que isso é uma loucura? Sim.

Cláudio era um homem culto e sabia que toda ação tinha uma reação. Era assim que agia dentro de sua empresa. Contudo, contradizendo a lei de Newton, tinha certeza que o culpado, seja quem fosse, sofreria uma reação muito mais forte do que sua ação. Na vida real, não havia reações na mesma intensidade.

– Não. Acabamos de entrar em uma nova era.

– Uma nova era? – Érica perguntou espantada.

– Sim, uma era de guerra e muitas mortes. Prepare-se, querida. Sinto que o pior ainda está por vir.

Capítulo 17

Nova Iorque, 13 de setembro de 2016

O dia estava lindo, apesar da crise que se instalava no mundo. Acusações atrás de acusações eram desferidas. Diversos líderes suspeitavam um dos outros. O cenário era de guerra fria: armas preparadas, mas os confrontos eram apenas em olhares.

Dentro do prédio, agentes carrancudos faziam a segurança da instalação. O clima de medo era geral. A entrada só foi permitida aos agentes da ONU e aos presidentes das confederações associadas à Organização. Todos foram revistados, independentemente dos cargos que ocupavam, gerando ainda mais desconforto.

O presidente norte-americano discursou sobre a necessidade da paz mundial. Contudo, também pregava punição ao causador da crise mundial através de uma intervenção militar. Presidentes de diversas outras confederações repetiam o coro. O secretário-geral da ONU tentava amenizar os ânimos, porém, sem efeito.

Depois de quase quatro horas de reunião, foi aprovada a seguinte proposta: assim que o culpado pelos ataques terroristas fosse localizado, os países atingidos teriam autonomia de propor uma solução para o impasse, incluindo intervenções militares. Tais propostas iram à plenária e os membros do conselho de segurança e os países atingidos pelos atentados escolheriam, através de voto, a mais eficiente.

O Papa foi único que votou contra a resolução. Ele discursou, mas suas palavras esvaíam-se com o vento. O medo de que seu pequeno país fosse alvo de novos atentados, após uma intervenção, era claro. Por isso, ele optava que a justiça fosse feita através da diplomacia e de medidas econômicas. Sugeriu o veto, desde já, de medidas militares.

Após o discurso papal, a palavra foi passada ao secretário-geral da ONU para validar e encerrar a sessão.

Enquanto David Florent discursava, no fundo da sala, um dos seguranças falava ao telefone.

– Chegou o momento? – perguntou o segurança.

– Sim. Faça de acordo com o combinado – respondeu o Chefe. – Confio em sua sábia decisão.

– Será feito.

– Lembre-se: sua filha necessita da cirurgia. Faça isso por ela. Se você fizer tudo certo, ela sobrevive. Se você fracassar...

– Compreendo a importância, Chefe.

– Não se esqueça, destrua o chip – fez uma pequena pausa. – Boa sorte, Salvatore.

Em questão de segundos, Salvatore descartou o chip e recolocou o celular no bolso. Sacou a sua pistola disfarçadamente e deu alguns passos à frente.

– Desta forma, eu declaro aprovada a resolução votada hoje. Cada país deverá propor uma resolução, zelando pela paz mun...

David não terminou as palavras. O suposto agente Salvatore mirou e acertou um disparo na cabeça do secretário-geral. Enquanto ele caía, disparou mais três vezes, certificando-se de que sua filha seria salva.

Os demais seguranças, apesar de perplexos, reagiram na mesma intensidade. Antes mesmo que Salvatore pensasse em fugir, lhe alvejaram diversas vezes. Menos de um minuto depois, apenas uma massa desforme restou do pai preocupado em salvar a sua filha.

O pandemônio estava formado. Vários presidentes corriam desesperados, sem saber para onde ir. Outros tentavam ajudar o secretário-geral. Porém, nada mais poderia ser feito.

Um dos mais lendários funcionários que a ONU já tivera estava morto.

A guerra acabara de se concretizar, só faltava um inimigo.

Capítulo 18

Enzo se sentia no inferno e aquele hospital só piorava a sua agonia. Já se passavam cinco dias e ele ainda se encontrava prostrado naquela cama. O acidente fora grave e quase acarretou uma hemorragia interna. Porém, o mais doloroso era que, além de perder o filho, sequer pudera comparecer ao funeral.

Como se não bastasse, a agora ex-esposa o fez, no terceiro dia de internação, uma visita bem desagradável. As palavras ainda ecoavam na sua mente: *Você foi um péssimo marido, Enzo. Você me fez sofrer e chorar, nunca me deu atenção. A única coisa boa que você me deu, também tomou: o Henrique. Você é um monstro. Pegue esse anel e suma da minha vida!*

As lágrimas rolavam por seu rosto. Apesar de a convivência com a esposa não ser pacífica há muito, ainda a amava.

Doía ainda mais ter causado a morte de seu filho. Lembrava-se de cada detalhe, desde a expressão de medo do filho à tentativa de avisar sobre o carro que se aproximava. O sofrimento era muito intenso. Não queria viver.

Enquanto chorava, a enfermeira Beatriz entrou no quarto.

– Enzo, você está bem? Alguma dor?

Beatriz tinha sido seu conforto nos últimos dias, apesar dela não saber disso. Vê-la apaziguava as dores do seu coração, mesmo que só por alguns momentos.

– Estou bem, enfermeira Beatriz. Só estou lembrando do meu filho.

– Compreendo... Mas vamos falar de coisas boas? Tenho uma notícia ótima.

– Duvido que algo seja ótimo na minha vida...

Deixou as palavras pairarem no ar. Ela ficou um segundo sem saber o que dizer, mas acabou dando a notícia.

– Você terá alta hoje. Na verdade, agora. Vim para fazer a sua liberação.

Enzo saiu do hospital, mas a dor e a tristeza persistiam. O único brilho em sua vida, nos últimos dias, era o sorriso de Beatriz. Porém, sabia que dificilmente a encontraria de novo.

Sem rumo, passou a tarde e parte da noite andando pela cidade. Gastou o resto do dinheiro que tinha com bebidas. Sabia que havia perdido tudo. Nem precisava lutar, pois, certamente, Tamires levaria até o último centavo dele. Sentou-se à beira

da rua, simplesmente esperando as horas passarem. Um dia a morte chegaria e o encontraria sentado ali.

Queria morrer, mas era covarde demais para suicidar-se. Ficar sentado e entregue, esperando o beijo da morte, já bastava. Acabou adormecendo e sonhou com o sorriso de Beatriz.

Capítulo 19

O mundo estava em alvoroço e uma verdadeira caça às bruxas havia se formado. Todos os países mantinham suas investigações particulares, mas não chegavam a lugar algum. Não havia pistas e nem digitais. As poucas evidências eram insatisfatórias. Após averiguações, sempre paravam em documentos falsos, pessoas aparentemente indigentes e carros roubados. Não havia nada; todos os crimes haviam sido perfeitos.

Vários departamentos policiais, de diversos países, trabalhavam em conjunto. Apesar dos fracassos, sabiam de duas coisas: um dia, quem orquestrou os ataques cometeria uma falha. Erros eram inevitáveis, ainda mais em uma rede que parecia tão grande. A segunda certeza era que o show não tinha acabado.

A segurança no mundo todo estava reforçada. Aeroportos pareciam zonas de guerra, portos estavam sendo vigiados constantemente. Os transportes ferroviários e rodoviários também contavam com forte esquema de segurança. Quem quer que fosse a mente por trás dos atentados, seria pega, mais cedo ou mais tarde. Era questão de tempo.

O Chefe observava tudo isso com um riso iluminando a face. Iria para onde quera, voltaria quando necessário e não causaria a menor suspeita. Ele era um fantasma, um semideus, o maestro perfeito. Não seriam uns poucos idiotas que desarticulariam os seus planos.

Estava sozinho em casa e andava de um lado para o outro. O *grand finale* seria dentro de alguns minutos. A inquietude tomava conta da alma. Encheu o seu copo de conhaque e foi admirar a réplica do quadro O Grito, de Edvard Munch, que enfeitava a parede da sala. Observava cada detalhe e pensou: *será assim, em breve. A humanidade irá gritar e eu serei um novo rei*. Riu do próprio pensamento e resolveu conferir se tudo andava como planejado.

Após dois toques, o telefone foi atendido.

– Em que posso ajudá-lo, Chefe?

– Está tudo pronto?

– Não, mas estará no prazo previsto. Sem risco de atrasos, assim como solicitou.

– Correto... E o pagamento?

– Como solicitado, metade foi pago antecipadamente. A outra metade será paga em breve.

– Não se esqueça: após invadirem o sistema, destrua todos os equipamentos, limpe as evidências. Se você se sair bem, uma nova missão e um aumento lhe esperam.

– Obrigado pela confiança, Chefe.

– Não se esqueça do procedimento. Estou aguardando o resultado. Entro em contato logo após.

Desligou o telefone e sentou-se no sofá. Ligou a TV para se distrair, mas o noticiário só falava dele e de sua obra. Olhou no relógio e começou a contar os segundos. Quando ninguém esperava, o American News, jornal da maior emissora dos Estados Unidos, saiu do ar. No lugar, uma gravação passou a ser exibida. O Chefe observava, imaginando a surpresa de todos. No fundo, um complexo montanhoso. À frente, dois jovens árabes, com rostos cobertos e armas empunhadas diziam: *Chorem, nações infiéis. Chegou o dia que o povo escolhido tomará conta do mundo. Alá subjugará os traidores, fará que os infiéis se ajoelhem diante de si. Assim como Maomé foi escolhido, nós, iranianos e sírios, fomos selecionados para propagar o Islã pelo mundo. O seu Cristo já ruiu, assim como sua política e organização.* Fizeram uma pausa. No fundo, imagens do Cristo Redentor aos cacos foram exibidas, assim como o Capitólio norte-americano, o Knesset, a Praça de São Pedro e outros. Terminaram dizendo: *Rendam-se ou serão destruídos.*

O Chefe estava exultante. O plano saíra de acordo com o planejado: sem erros, sem pistas. Tudo que seria encontrado, no fundo de um desfiladeiro sírio, era um caminhão em chamas, com diversos computadores destruídos e homens mortos. Certamente, tais informações não seriam divulgadas para a imprensa internacional.

Só lhe bastava esperar os países moverem suas peças. A ele, caberia dar o xeque-mate. Seria fácil demais.

Capítulo 20

Meia-hora após o vídeo ter sido transmitido no canal americano, ele já estava sendo reproduzido em praticamente todas as emissoras do mundo. O vídeo tornara-se febre na internet e era o assunto mais comentado nas redes sociais.

Thiago, sem perder tempo, ligou para Bruno. Após alguns toques, ele atendeu.

– Alô?

– Parece que os árabes foram gentis e fizeram seu trabalho, senhor policial. Quanta incompetência... – Thiago completou a fala com uma risada.

– Pelo menos eu tenho um trabalho – alfinetou. – Mas, mesmo após a confissão, ainda preciso descobrir como eles fizeram tudo.

– Se quiser, eu peço para eles te contarem como foi. – Thiago riu ainda mais alto que a primeira vez. – E aí? Já há alguma pista, senhor policial?

– Sim e não. Achamos uma arma, mas a numeração estava raspada e ela não é vendida no Brasil. Não há como saber quem era o dono.

– Entendo... – Thiago refletiu sobre o assunto. – Mas já há suspeitos?

– Além de você? Não!

Thiago riu, apesar de surpreso.

– E o que eu ganharia explodindo o Cristo Redentor?

Bruno respondeu, também rindo.

– Para quem queria explodir o colégio há alguns anos, explodir o Cristo é questão de tempo.

Riram bastante, conversaram sobre amenidades e depois desligaram. Thiago era estúpido e diversas vezes colocava Bruno em enrascadas, mas a amizade sempre sobrevivia. Conheciam-se há anos e já eram quase irmãos.

Bruno sentou-se em frente ao notebook e começou a fazer diversas pesquisas sobre armamentos e roubos em bases militares. Encontrou pouca coisa que lhe ajudasse a esclarecer o caso.

A pistola encontrada era de uso exclusivo do exército sudanês. Porém, após contatos oficiais, as forças armadas alegaram não haver qualquer arma desaparecida, mas se prontificaram a ajudar no caso e a abrir uma sindicância

interna. Contudo, como não havia outras pistas, a ajuda prontificada era o mesmo que nada.

Bruno já estava cansado e sua mente estava um caos. Precisava dormir e descansar a cabeça. *Talvez, amanhã eu veja algo nas pesquisas que não tenha enxergado hoje*, pensou.

Deitou-se e mergulhou em um sono sem sonhos.

Capítulo 21

Cláudio estava tenso desde os atentados. O fato de um deles ter acontecido no Rio de Janeiro abalou profundamente a sua empresa. A possibilidade de uma guerra pairava no ar e isso refletiu na bolsa de valores, fazendo com que o preço das ações caísse bastante. Érica tentava ajudá-lo na medida do possível, nem que fosse apenas confortá-lo. Entretanto, nada parecia adiantar.

Cláudio estava inquieto e tentava pensar em uma solução, mas nada vinha à mente. Irritado, deu um soco na mesa. Nem a dor aliviou o seu estado de espírito.

Observava cada canto do seu escritório, como se procurasse a inspiração para solucionar o problema. Contudo, a recuperação parecia ser improvável.

O telefone tocou e lhe tirou do quase transe.

– Sim, Marta.

– Doutor Cláudio, o doutor Antenor está na linha e deseja falar com o senhor.

– Pode passar a chamada, Marta. Obrigado.

Se Antenor quisesse falar sobre a queda das ações, Cláudio já tinha planejado cortá-lo. Estava resoluto a não falar com ninguém sobre os problemas.

– Boa noite, Antenor.

– Boa noite, Cláudio. A Marta precisa de folga, sabia? Se eu recebesse horas-extras como ela, já estaria rico.

O humor de Cláudio estava péssimo. Não se dignou a rir e nem a responder a gracinha.

– Presumo que você não tenha ligado para falar da Marta...

– E não liguei. Quero falar sobre o Thiago. Posso passar no seu escritório em dez minutos?

– Claro, pode sim.

– Até já, então.

Desligaram. Cláudio ficou se perguntando o que Antenor queria falar sobre Thiago. *Na certa, aprontou mais uma*, pensou. *Como ele pode ser tão irresponsável?* Só uma coisa o confortava: se fosse algo muito sério, ele teria descoberto antes de Antenor.

Alguns minutos depois, o telefone voltou a tocar.

- Sim, Marta.
- O doutor Antenor chegou e gostaria de entrar.
- Mande-o entrar imediatamente.

Antenor entrou na sala, mas não parecia preocupado e nem inquieto. Sentou-se e começou a brincar com um peso de papel.

- Você disse ao telefone que gostaria de falar sobre o Thiago...

Deixou as palavras rolarem no ar. Não era uma afirmação e nem uma pergunta, apenas um comentário jogado.

– Exatamente, Cláudio. Estávamos precisando ter essa conversa há muito tempo, mas acredito que este seja o tempo oportuno.

- Sim, prossiga.
- Podemos conversar sem meio-termo?
- Claro! Desde que nos tornamos sócios, nossas conversas são diretas.
- Certo... O Thiago é um garoto mimado, irresponsável, sem visão do futuro e que acabará por afundar todo o patrimônio que você criou.

Cláudio não esperava por essa; engoliu em seco. Levantou-se, foi à janela e deu uma olhada para o Centro da cidade. A Avenida Rio Branco, movimentada como sempre, estava diante dos seus olhos. Pensou, mas não sabia o que dizer. Foi ao minibar de seu escritório, pegou uma bebida e serviu dois copos.

Antenor não o encarava. Aguardava pacientemente a resposta. Cláudio, sem saber como defender o filho, entregou os pontos.

- Você tem razão, Antenor.
 - Isso eu sei, Cláudio. Você poderia não assumir, mas é um fato bem notável.
 - Eu sei disso. Mas por que você quer falar sobre isso agora?
 - O meu patrimônio depende do seu e não quero que o futuro dos meus filhos seja colocado em jogo por causa da irresponsabilidade do Thiago.
 - Compreendo perfeitamente.
 - Por que seu filho não prestou o serviço militar?
 - Porque ele não estava apto e havia um número restrito de vagas.
 - Errado, Cláudio.
- Cláudio se exaltou.

– Como assim errado? E por que ele não serviria? Ele se alistou como qualquer jovem!

– Isso é verdade. Mas diferente dos outros jovens, ele subornou os oficiais. Mesmo aprovado, foi mandando para a reserva.

– Como ousa chamar meu filho de desonesto?

– Estão aqui os extratos bancários dos beneficiados. Se os seus olhos e seu raciocínio disserem que estou errado, me retiro dessa sala. Além disso, está aqui o dossiê da função de cada um dos beneficiados dentro do Exército brasileiro.

Cláudio desabou. Seu filho mais uma vez provara-lhe que não merecia confiança. Se pudesse sumir, já teria feito. Como não era possível, aceitou a vergonha.

Capítulo 22

A reunião continuava na sede da ONU. O conselho de segurança estudava quais seriam as ações a serem tomadas em relação à Síria e ao Irã. O ataque havia sido aterrador e o conselho não queria deixar por menos. Porém, caso iniciassem uma ofensiva, estariam criando o maior confronto armado desde a segunda grande guerra. Cada movimento precisava ser estudado.

Alguns líderes se sentiam acuados pela forma que foi feito o anúncio da autoria dos atentados. Os agressores não se esconderam em montanhas, não titubearam. Bateram e chamaram para briga. Há anos havia suspeita de que o Irã possuísse armas nucleares. Para ter comprado a briga tão abertamente, essa suspeita se tornava quase uma certeza.

O presidente dos Estados Unidos afirmava que, independentemente das escolhas dos outros chefes de estado, o seu país reagiria. Sua nação nunca havia se deixado intimidar e isso não aconteceria agora. Alegava honra, mas todos sabiam que por ser ano eleitoral, ele estava sem escolhas. O povo exigia uma reação veemente.

Após muito debate, a votação teve início e foi decidido, de forma unânime, a favor de uma ofensiva militar. Todos os países que sofreram atentados cederiam tropas e teriam papéis decisivos na guerra.

O Papa, que antes era a favor de uma resolução diplomática, defendeu a guerra como sendo santa. Segundo ele, Deus desejava subjugar os infiéis e espalhar o seu amor pelo Oriente Médio.

Após a decisão, uma coletiva foi convocada e o presidente norte-americano, Willian Tyler, foi o escolhido para anunciar a notícia ao mundo. Na sala de imprensa, estavam os presidentes do Brasil, Israel, Itália, França, além do Papa, maior autoridade do Vaticano, e os primeiros-ministros do Reino Unido e do Japão.

Willian ficou em pé, olhou firmemente para os repórteres e iniciou seu discurso.

– Cidadãos do mundo, declaramos que não nos curvaremos diante da face do horror. Estaremos levantando a bandeira da justiça. Tiraremos esses assassinos do poder, mesmo que seja com nossos próprios punhos. Contudo, somos a favor da paz e da diplomacia. Daremos, então, uma chance para que os sírios e iranianos reflitam sobre seus atos e se rendam. Não queremos derramar sangue inocente, mas queremos justiça. Não haverá intervenção militar desde que, até amanhã, às vinte e

duas horas, no horário de Washington, a Síria e o Irã apresentem sua rendição. Os seus respectivos presidentes devem entregar seus cargos. – Olhou para as câmeras mais intensamente, demonstrando confiança e poder. – Todos os armamentos devem entregues, evitando que o terror volte a ser exalado. Os mísseis serão desativados. Os aviões, leiloados. Todo o fundo gerado será revertido para a UNICEF. Os tanques serão destruídos diante do mundo, demonstrando a soberania da paz. Caso a rendição não seja enviada, a guerra estará declarada e os ataques militares começarão. Agradeçam a nossa bondade. Temam e tremam.

Diversos repórteres começaram a gritar, fazendo perguntas. Porém, nenhum dos apelos foi atendido. Os presidentes se levantaram e foram em direção à sala de reuniões do conselho de segurança da ONU.

Todos sabiam que a proposta de rendição e entrega de armas era humilhante e absurda. A guerra estava praticamente selada.

Capítulo 23

Cláudio não sabia o que falar. Mais uma vez os olhos do sócio não o seguiam. *Ele não parece querer me humilhar, pensava. Então, para que isso? O que ele quer com esses documentos?*

Levantou-se, voltou a olhar para a Avenida Rio Branco. O trânsito só não era mais conturbado que os seus pensamentos.

– Já sei que meu filho me enganou, mas não entendi aonde você quer chegar com esses papéis, Antenor.

Antenor continuava relaxado na cadeira, como se o assunto não o preocupasse.

– Acredito que você concorde que ele precisa ser disciplinado e também necessita ganhar responsabilidade...

– Sim, concordo. Mas continuo não compreendendo o motivo de você vir falar comigo sobre isso.

– Eu temo que ele destrua o nosso patrimônio. Então, encontrei a oportunidade perfeita para o Thiago tenha o ensinamento que precisa.

– Prossiga...

– Você precisa mandá-lo para o Exército Brasileiro.

– Não sei se você percebeu, mas ele já passou da idade.

– A guerra está próxima, Cláudio. Os reservistas que quiserem se voluntariar, certamente, poderão. Quer um lugar melhor para que ele aprenda a ter responsabilidade?

– Você quer que o meu filho morra?! Você quer matar o Thiago em uma guerra?!

– Desta forma você me ofende, Cláudio. Já que pretende tratar as coisas desse jeito, prefiro me retirar. Pensei que amigos e sócios deveriam alertar um ao outro. Mas já que você prefere...

Antenor se levantou e já estava se retirando da sala. Porém, Cláudio se arrependeu.

– Volte, Antenor. Eu me exasperei.

– Certo.

– Você não tem uma ideia melhor do que mandá-lo para uma guerra? Sequer sabemos se haverá realmente um confronto armado.

– É óbvio que terá. Os Estados Unidos jamais abaixarão a guarda. O Brasil não vai querer passar por covarde; acompanhará o nosso vizinho da América do Norte.

Cláudio pensava e media as palavras. Precisava argumentar, mas tentava não ser agressivo com o sócio.

– Antenor, ele é meu único filho, meu herdeiro. Não posso mandá-lo para uma guerra. E se ele morrer?

– Os militares são corruptos, Cláudio. Consigo colocar o Thiago em grupo de apoio. Ele ajudará a carregar armamentos, comida e terá outros serviços mínimos. Não há risco.

– E com quem você conseguirá isso? Você quer puni-lo por corrupção através de uma corrupção?! Não faz sentido.

– Não pense na ética agora; o importante é o futuro da sua família – deu uma pausa para organizar os pensamentos e para que Cláudio assimilasse o que estava dizendo. – Na verdade, eu já consegui tudo antes de vir conversar com você. Tomei a liberdade de entrar em contato com um velho amigo. Se você concordar, ele colocará o Thiago na companhia F. Lá ele fará esse tipo de serviço. Meu amigo estava me devendo um favor e concordou em ceder esse. Claro, isso acontecerá apenas em caso de uma guerra.

A cabeça de Cláudio estava uma loucura. *É óbvio que Thiago necessita de um corretivo, pensava, mas mandá-lo para a guerra?! Mas se ele ficar em um grupo de apoio, estará seguro... Talvez, finalmente aprenda o que necessita.* Olhou para o quadro que enfeitava a sua parede, tomou outro gole de sua bebida. *Ele precisa aprender a ser responsável para se tornar um bom presidente para a empresa. Ele vai, não importa se querará ou não. Ele vai!*

Depois de um momento de silêncio, Antenor completou:

– Sei que você precisará de um tempo para pensar; é uma decisão difícil. Vou te deixar sozinho. Quando você tiver uma resposta, entre em contato comigo.

Cláudio estava quase em transe, mas a fala de Antenor tirou-lhe dos seus pensamentos profundos.

– Não há o que pensar. Você está completamente certo, Antenor. O Thiago está fora de controle e talvez a culpa seja minha. Eu deveria ter sido mais presente,

ensinar melhor. Enfim... Ele precisa de um corretivo – pausou, organizando seus pensamentos. – Avise ao seu amigo que ele pode reservar a vaga do meu filho.

– Liguei para ele ainda hoje. Pode ficar tranquilo, seu filho estará em boas mãos.

– Sei disso. Eu confio em seus julgamentos.

– Eu agradeço a confiança, Cláudio. Agora vou embora. Tempo é dinheiro.

Ambos riram.

– Até mais, Antenor.

– Até.

Cláudio fechou a porta do seu escritório e sentou-se. A decisão era difícil, mas estava tomada. Porém, o mais complicado estava por vir: enfrentar o Thiago e, principalmente, sua esposa. Seu filho é quem iria para guerra, mas a batalha mais violenta seria sua.

Do lado de fora do escritório, Antenor estava exultante, pois tudo havia saído como o planejado. *Deveria virar ator, pensou. Ou melhor, eu deveria ser uma mosca para ver a cara do Thiago ao receber a notícia.* Riu em voz alta; não conseguiu se controlar. *Enfim me liberei daquele moleque insolente. Enfim...*

Capítulo 24

Fariq andava de um lado para o outro dentro de seu gabinete. O ódio lhe preenchia o coração e impedia que o cérebro funcionasse adequadamente. Ele precisava de uma resposta, uma alternativa. Aquela possível guerra estava lhe tirando o sono e ele sabia que as consequências seriam drásticas. Era razoável acreditar que poderiam vencer o combate contra um país. Contudo, derrotar a todos de uma só vez era impossível.

No lugar de um dos quadros, ordenou que colocassem o mapa mundial. Olhava-o e analisava sua posição no globo e a de cada um dos possíveis oponentes. Não havia chances. Eles eram muitos. Por todos os cantos haveria alguém com armas em punho, pronto para atirar. Ele tinha vendido a alma ao demônio e agora teria que arcar com as consequências.

O toque do telefone o despertou dos pensamentos nefastos.

– O que você quer agora?

– Senhor presidente, o senhor Ghalib aguarda para ser atendido.

– Mande-o entrar, imediatamente, e não nos interrompa.

Ghalib entrou no escritório com cara de poucos amigos. Os dois se olharam, mas não trocaram uma palavra sequer. Ghalib não aguardou convite; sentou-se confortavelmente e iniciou a conversa.

– Estamos ferrados.

– Sua percepção me assombra – ironizou Fariq.

– O que nós fizemos?

– Eu vou te dizer o que nós fizemos... Nós vendemos nossa alma e eles querem levar até a nossa unha do pé.

– Encontrou o desgraçado?

– Claro.

Fariq se dirigiu ao telefone que dava acesso direto a secretária.

– Mande buscar o verme.

Passaram dois minutos de silêncio e apreensão. Os presidentes se estudavam e pensavam na situação criada. Algo precisava ser feito, mas não sabiam o quê.

O telefone voltou a tocar.

– Fale.

– John Terry já está aqui, senhor. Mando os seguranças o levarem?

– Sim.

John foi arrastado para a sala por dois seguranças carrancudos. Ele estava com as mãos algemadas e com a aparência de cansado. Mas, tirando isso, parecia um homem totalmente diferente daquele que eles encontraram anteriormente. No lugar da fala espaçada e temerosa havia um olhar forte, quase bruto. Apesar de estar preso e sendo torturado, a sua postura era superior a dos presidentes.

Ghalib não se segurou. Levantou-se bruscamente e tinha toda a raiva do mundo nos pulsos. Antes que Fariq percebesse sua intenção, Ghalib desferiu um forte soco no rosto de John e o nariz do prisioneiro começou a sangrar. John não demonstrou nenhuma dor. Olhou com ar de supremacia para o seu oponente e sorriu.

– Na América, não é assim que tratamos nossos amigos e aliados.

Ghalib levantou a mão para desferir outro golpe, mas Fariq impediu-lhe.

– Não faça isso! Ele é meu prisioneiro.

Contrariado, Ghalib soltava faíscas pelos olhos. Fariq ignorou-lhe e dirigiu-se ao prisioneiro.

– Você e seu chefe nos enganaram. Ofereceram-nos a possibilidade de sermos temidos, não a certeza de sermos trucidados em uma provável terceira guerra mundial. Vocês dois pagarão caro por isso. Vou descobrir quem lhe dá as ordens. Ou melhor, você me falará. Eu o caçarei pelo mundo todo, até que não reste nada além de cinzas. Agora diga quem foi que lhe ordenou a nos trair, seu verme pretencioso.

– Primeiramente, vocês não foram enganados. Pelo contrário, são conhecidos mundialmente por serem os únicos que tiveram a audácia de atacar o Capitólio, destruir o Cristo Redentor e explodir uma bomba dentro de um metrô em Tóquio. E o mais impressionante: vocês são fantasmas que driblaram sistemas de segurança inteiros e não deixaram nenhuma pista. Para finalizar, vocês invadiram o sistema de uma das maiores emissoras do mundo e desafiaram nada mais, nada menos, que os Estados Unidos da América. Eu menti?! Todos temem a Síria e o Irã.

– Seu insolente! – bradou Ghalib. – Você sabe que não fizemos nada disso. Você e seu chefe armaram para nós, nos manipularam. O que eu me pergunto é: o que vocês ganharam com isso? Seu ódio por nós é tão grande?

– Não tem nada a ver com ódio! – respondeu John. – A relação é com dinheiro. Há trilhões de dólares em jogo e só vocês não perceberam isso.

Fariq tomou as rédeas da conversa.

– Vamos enviar um vídeo para todas as emissoras. Anunciaremos a sua armação e falaremos do contrato que vocês fizeram conosco.

John sorriu da ingenuidade do presidente.

– Ficará lindo! Dois presidentes chorando para suas mamãezinhas em rede mundial, alegando ter feito um contrato com John Terry: o homem que ninguém conhece. Esse tal de John, desconhecido, estava a mando de um poderoso chefe que vocês não sabem o nome, mas afirmam que ele é o mandante dos atentados. Primeiro: vocês virarão chacota em todo mundo. Rirão e debocharão de vocês. Até a sua quarta geração será desprezada. E sabe o que é o pior? Não vão acreditar no que vocês falarão. Ou vocês se rendem e entregam as armas, ou eles irão invadir e tomar tudo na marra. Sabe o que é ainda pior? Se vocês se entregarem, serão covardes. Se perderem alegando que não tem culpa, serão covardes maiores ainda. Então, qual é a escolha, senhor presidente?

Fariq se segurou para não desferir inúmeros socos na face de John. Sabia que ele tinha razão. Não havia escolha: era guerrear ou guerrear. Vencer ou morrer tentando. Alguns minutos de silêncio se seguiram na sala, até que John voltou a falar.

– Eu tenho a solução, se lhes interessar.

Ghalib olhou com ar de fúria.

– Diga, seu porco ocidental.

– Primeiramente, quero esses seguranças fora da sala. Somos amigos, não somos? Não farei mal a vocês. Tirem minhas algemas e vamos conversar civilizadamente. E...

– Você só pode estar brincando... – Interrompeu Fariq.

– Não, não estou. Vocês querem a solução ou preferem ser humilhados?

Fariq olhou para os seguranças e mandou que retirassem a algaema. Logo após, dispensou-lhes.

– Assim está bem melhor – disse John, massageando os pulsos. – Primeiro, farei a minha exigência. Assim que acabar essa nossa reunião, eu serei liberado. Caso contrário, todo aquele esquema irá por água abaixo e tudo que já foi construído irá pelos ares em questão de segundos. Há ordens para, caso eu não

volte em setenta e duas horas, que todo o complexo seja detonado. Alguma objeção?

– Não – respondeu Fariq, entre os dentes.

– Como vocês devem ter percebido, não há alternativa além de lutar e vencer. Meu patrão fará com que vocês tenham vitórias, fiquem tranquilos quanto a isso. Dividiremos o complexo. Parte estará sob o seu total controle, parte sob o meu. Se vocês tentarem me trair, serão derrotados. Se colaborarem, em breve, o Islã dominará o mundo.

Capítulo 25

Os presidentes estavam em reunião na sede da ONU, aguardando o horário máximo estipulado para a rendição dos inimigos.

Apesar dos mísseis já estarem apontados para o território sírio e iraniano, no íntimo, quase todos desejavam a rendição do inimigo. Uma guerra gera custos altos, riscos elevados e, em se tratar dos inimigos em questão, o terrorismo poderia se espalhar pelo mundo. Ainda havia a chance de derrota, apesar de mínima.

Veza ou outra, os olhares dos presidentes se encontravam. Porém, rapidamente eram desviados. Ninguém estava a fim de muita conversa.

Diversos canais estavam sintonizados nos televisores do ambiente. Olhos inquietos aguardavam qualquer sinal que pudesse evitar a guerra. Entretanto, isso parecia um sonho irrealizável.

Joaquim Fernandes, presidente do Brasil, resolveu quebrar o silêncio. Aproximou-se do primeiro-ministro do Reino Unido, Anthony Carter.

– Sinceramente, eu gostaria de evitar essa guerra.

Apesar de ser um sentimento comum, evitavam o assunto. Ninguém queria parecer fraco.

– Você não quer entregar justiça ao seu povo? – arguiu Anthony.

– No Brasil, matar diversas pessoas inocentes em uma guerra não é chamado de justiça. Somos um povo pacífico.

Anthony não queria conversar, muito menos sobre aquilo.

– Não é isso que costumo ver nos jornais. Vocês matam, por ano, mais do que o exército americano matou no mesmo período em guerra com o Iraque.

Joaquim entendeu a deixa e ficou quieto. Voltou a olhar para um dos televisores e refletir. Não importava o que fizesse, ainda era o patinho feio do grupo: o presidente do país violento e subdesenvolvido. Sentiu-se pequeno em meio a todos. Pensou em desistir da guerra, mesmo que os inimigos não se rendessem. Mas, se concretizasse seus planos, ganharia mais um adjetivo: covarde.

Pensou em virar-se para o lado e responder, humilhar aquele ministro arrogante. Contudo, Carter certamente pisaria em outro calo seu. O que não faltavam eram calos no Brasil. Resolveu ficar quieto e esperar. *Quem sabe eles não se rendam, pensou. Ainda faltam duas horas...*

Capítulo 26

A hora se aproximava; o medo também. Ele ainda estava inquieto, sua vida e seu emprego estavam em jogo. Contudo, pelo dinheiro que havia recebido, valia a pena. Não tinha família e nem vínculos afetivos. *Se algo der errado, eu reinicio a vida em outro lugar*, pensou.

Era troca de turno. Escondeu os artefatos dentro da roupa e foi em frente. Após algumas voltas, certificou-se que não havia nenhum dos outros guardas por perto. Retirou o primeiro de dentro da blusa, cuidadosamente. Plugou os conectores. Olhou para o relógio e programou a hora exata, assim como foi instruído: vinte e uma horas, de acordo com o horário de Nova Iorque. Colocou o artefato dentro de uma pequena caixa e largou sob uma das árvores que circundam o local.

A primeira parte havia sido fácil. Dirigiu-se para uma região mais afastada, a mais próxima da embaixada dos Estados Unidos. Passou por dois guardas, que, apesar de saberem que ele estava fora da sua região de patrulha, nada perguntaram. Dar pequenas fugidas durante o expediente era comum.

Ao chegar, abaixou-se entre os blocos, retirou o segundo artefato e o programou da mesma forma. Este era mais potente e deveria ser instalado o mais próximo possível da embaixada. De acordo com a explicação de quem lhe contratou, não haveria feridos ou mortos. Os explosivos não eram fortes e deveriam apenas chamar a atenção e transmitir um recado. Tal informação o tranquilizara. Ele não era totalmente honesto, mas não queria se tornar um assassino. Abandonou a caixinha com o explosivo e saiu. O que ele precisava, agora, era um álibi.

Dirigiu-se à sala da supervisão de segurança, fazendo cara de enjoado. Bateu à porta. Dois longos minutos se passaram e seu supervisor abriu-a, aparentando ter acordado naquele momento.

– O que você quer?

Claramente, o superior estava insatisfeito, mas isso não era nenhuma novidade. Respirou fundo e fez a cara mais convincente possível.

– Não estou me sentindo bem. Gostaria de ser liberado para ir ao hospital.

O homem o encarou, tentando encontrar algum indício de que ele estava mentindo. Olhou-lhe da ponta dos pés ao último fio de cabelo.

– Você já tem uma cara de doente, mas hoje está pior... Saia logo daqui, isso pode ser contagioso. E traga um atestado amanhã!

Saiu. Manteve a fisionomia de quem passa por dores profundas até que o último segurança de plantão pudesse vê-lo. Depois, andou apressadamente até o hospital mais próximo. Fez a ficha e ficou aguardando atendimento.

Ao ser atendido, alegou enjoo e dor de cabeça. O médico apenas indicou um remédio para caso as dores persistissem e o liberou.

Permaneceu no hospital, vidrado na televisão. Alguns minutos mais tarde, a programação foi interrompida e uma mulher apareceu. Com uma voz de aparente indiferença, ela iniciou seu discurso: *Interrompemos a programação para realizar a cobertura de um possível atentado que aconteceu há poucos instantes em Berlim, no Memorial do Holocausto. Apenas alguns blocos de concreto, dos dois mil setecentos e onze que compõem o monumento, foram destruídos. Não há relato de feridos ou mortos.*

Suspeita-se de que a explosão tenha relação com os atentados que assolaram o mundo recentemente, mas ainda não há qualquer anúncio oficial. Em breve, voltamos com mais informações.

Sorriu levemente, levantou-se e saiu do hospital.

Capítulo 27

Olhavam incrédulos para os televisores. Esperavam o silêncio ou a rendição. Entretanto, um último atentado era uma resposta em alto e bom som: eles estavam esperando que a guerra começasse.

Não satisfeitos em comprar briga com os Estados Unidos, resolveram cutucar a Alemanha, uma fera que dormia desde a segunda grande guerra. Certamente, as coisas estavam prestes a esquentar.

Os presidentes trocavam olhares agoniados, mas ninguém proferia uma palavra. Todos pareciam perdidos entre os próprios pensamentos.

Depois de alguns minutos, o primeiro-ministro Anthony Carter quebrou o silêncio.

– Acho que todos nós sabemos o que essa explosão significa. Eles atingiram um lugar de paz para dar um recado de horror ao mundo.

– Um lugar de paz? – questionou o presidente Italiano.

– Já era de se esperar que os italianos, que têm a traição no sangue, não conhecessem o memorial que foi destruído – falou, olhando debochadamente para o presidente. – Aliás, você pretende lutar ao lado dos sírios?

A face do presidente italiano ficou rubra e ele fez menção de se levantar. Porém, um pequeno toque em seu ombro por parte do presidente dos Estados Unidos fez com que ele recobrasse os sentidos.

Willian Tyler tomou a palavra.

– Senhores, não é o momento para troca de farpas. Precisamos nos unir para derrotar um inimigo em comum. Esta ação, caso seja um atentado sírio ou iraniano, é a demonstração clara de que eles desejam o fim da paz e da harmonia.

Anthony não aguardou o presidente americano dar continuidade ao discurso.

– Para os que não conhecem a história mundial – olhou para o presidente italiano – ou para os que não têm qualquer estudo, – direcionou o olhar para o presidente brasileiro – o monumento em questão foi levantado em homenagem às vítimas do holocausto. Um atentado como esse significa: vocês tentam unir o mundo, mas eu vim para destruí-lo – fez uma pequena pausa para dar efeito ao que falava. – Acho que consegui ser claro... Restou alguma dúvida? Preciso repetir em alguma outra língua? Italiano? Talvez em português...

O presidente israelense tomou a palavra, minimizando as provocações do ministro.

– Acredito que o atentado, além de ter a conotação afirmada por Anthony, também pode ser um recado para os israelenses. Eles destruíram um monumento em homenagem aos judeus. Além disso, Israel é o país mais próximo, tornando-o um alvo teoricamente mais fácil. Mas tudo isso são apenas suposições. É preciso que entremos em contato com o governo alemão. Só eles poderão confirmar nossas suspeitas.

Após quase trinta minutos de tentativas, o contato com a ministra alemã foi realizado. De acordo com ela, não havia indícios sobre quem realizara o atentado. Porém, sírios e iranianos eram tratados como suspeitos.

Após o contato, ratificaram a entrada da Alemanha na guerra e traçaram estratégias. Depois de tudo preparado, seguiram para a sala de imprensa.

Assim como no discurso anterior, o presidente norte-americano dirigiu-se ao centro e tomou a palavra.

– Boa noite para todos. Primeiramente, justificamos o atraso da coletiva devido ao atentado ocorrido na Alemanha. Estávamos analisando os fatos e identificando uma possível ligação com os demais atentados.

Fez uma pausa estratégica e olhou para as câmeras como se algo rasgasse suas vísceras.

– É com muita tristeza que anunciamos que não houve qualquer contato por parte dos agressores. Esperávamos que o conflito fosse resolvido diplomaticamente, evitando mortes. Entretanto, o ataque realizado comprovou o desejo sírio e iraniano pela guerra. Eles bramam por sangue e só estarão contentes após assolar e destruir boa parte do mundo. Só nos resta batalhar, evitando a disseminação do terror e da morte. O exército alemão juntar-se-á aos nossos combatentes com o intuito de destruir a praga da violência e do medo que tenta impregnar-se no mundo.

Realizou mais uma parada e bebeu um pouco de água. Olhou para as câmeras de modo confiante e ameaçador.

– Não gostamos de trabalhar dessa forma, mas sabemos que o ataque é a melhor defesa – disse, olhando fixamente para os jornalistas. – Anunciamos que, nesse momento, um míssil acaba de ser disparado em direção a um dos territórios ofensores. Não haverá clemência com terroristas.

Capítulo 28

Enzo caminhava lentamente pelas ruas. Aqueles dias estavam sendo difíceis, mas ele preferia a reencontrar Tamires. Após a humilhação que ela o fez passar, o fogo do amor começara a se extinguir.

Trabalhava nas ruas carregando malas e bolsas, o suficiente para conseguir alguns trocados para se alimentar. Não era nada que se comparasse a ser um integrante do BOPE. Porém, ele se recusava a roubar.

Parou em frente à televisão de uma loja de eletroeletrônicos. Rapidamente, um dos funcionários apareceu para despachar aquele incômodo mendigo que espantaria a clientela, mas Enzo parecia não escutar. Seus olhos estavam atentos à notícia passada. O funcionário da loja gritava e ameaçava chamar a polícia, mas os pensamentos de Enzo estavam longe.

A repórter comunicava que o governo precisava aumentar o número de homens enviados à guerra. Por isso, convocava que reservistas, com a idade máxima de trinta anos e com interesse em defender a honra de seu país, apresentassem-se à junta militar mais próxima.

Enzo anotou mentalmente o endereço e seguiu em direção ao local informado. Chegando lá, foi olhado com desdém por todos ao seu redor. Ignorou os olhares e entrou na fila, aguardando pacientemente a sua vez. Quase uma hora depois, foi chamado.

Um militar jovem o olhou com soberba e sorriu.

– Precisamos de homens, não de trapos.

– Dizem que até mesmo os trapos tem utilidade. Sou um militar, apenas estou sujo.

O outro militar presente na sala, um sargento aparentando uns quarenta e oito anos, levantou-se e foi até eles. Olhou bem para a face de Enzo e mandou que ele ficasse em pé.

– Realmente você tem porte de militar. Forte, alto, cabelo bem cortado. Mas... Pelo amor de Deus! – disse, ao aproximar-se mais de Enzo – Você andou rolando com porcos?

Enzo manteve-se impassível.

– Não, senhor.

– Qual o seu nome, filho?

– Enzo da Silva Peixoto.

– Pois bem, Enzo... Você disse que era militar. Policial, imagino.

– Exatamente, senhor. Eu faço parte do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar.

O jovem soldado riu, mas o sargento o fez ficar quieto apenas com um olhar.

– Acredito que você tenha uma carteirinha que possa provar isso ou algum outro documento.

Enzo apresentou toda a documentação que possuía na carteira: a carteira do BOPE, identidade e CPF.

– Enzo, por que você está se parecendo com um mendigo?

Enzo sabia que esse momento era crucial, mas decidiu contar toda a verdade. Falou sobre seus problemas com Tamires, sobre a perda do amigo em uma operação, a posterior morte do filho e o afastamento da corporação para um tratamento psicológico.

Após o relato, sentiu-se melhor. Talvez, tudo que precisasse era esvaziar a alma e o coração. Porém, o sargento ficou sério e quieto. Parecia meditar em algo.

Depois de quase um minuto, quebrou o silêncio.

– Acredito que você tenha uma grande habilidade com armas e, diferentemente dos militares que temos no exército, participa de combates quase que diariamente. Eu tenho uma vaga para você.

O militar mais novo, irritado, se interpôs.

– Não acredito! Ele mesmo disse que foi afastado. Você vai recrutar um maluco?

O sargento, demonstrando todo seu descontentamento, vociferou:

– Mateus, quem você acha que é?! Você é meu subordinado! Acha mesmo que pode falar comigo assim?! Eu te jogo atrás das grades por uns dias para você aprender alguns modos, seu moleque insolente.

– Desculpe, senhor.

– Só isso que você tem a dizer?

Mateus o olhava de forma confusa e suas palavras sumiram.

– Retire-se! Caso precise de você, mando chamá-lo.

Olhou novamente para Enzo.

– Tenho uma vaga para você. O que acha de fazer parte de um grupo de elite?

Capítulo 29

Cláudio estava inquieto. Avisou a Érica que, naquele dia, seria tratado, em família, de um assunto que mudaria a rotina de todos naquela casa. Porém, não deu mais detalhes a sua esposa.

Ela estava curiosa, mas preferiu não questionar sobre o assunto. Imaginou que se tratasse de uma surpresa.

Por volta das vinte e três horas, Thiago entrou em casa apressadamente. Assustou-se com os seus pais que, sentados no sofá, olhavam fixamente para ele.

– O que foi? Viram uma assombração?

Thiago riu da própria piada. Porém, Cláudio e Érica permaneciam sérios.

– Vamos sorrir! Só se vive uma vez, minha gente.

– Precisamos ter uma conversa muito séria – disparou Cláudio. – e você é o motivo dela.

Thiago jogou-se sobre o sofá que estava à frente dos pais e fez cara de desinteressado.

– Podem mandar. O que eu fiz dessa vez? Vão falar que foi eu que explodi o Cristo Redentor? Já assumiram o atentado. – Riu bem alto.

– Onde você estava?

– Cláudio, eu sei que você é meu pai, mas já passou da idade de você querer me controlar, não concorda? Relaxe um pouco... Pare com essa coisa de querer controlar o mundo. Ele não está em suas mãos, ok?!

Cláudio se segurou para não voar no pescoço do filho. Resolveu ser bem direto, antes que estourasse.

– Quanto você pagou para te liberarem do serviço militar?

– Que história é essa, Cláudio? – inquiriu Érica.

– Pergunte ao seu filho. Ele deve ter uma boa resposta.

Thiago fez a melhor cara de cínico que conseguiu.

– Pai, você sempre diz que eu devo ser empreendedor e saber aproveitar as oportunidades que a vida me dá. O exército estava atrasando o pagamento dos salários e os filhos dos oficiais estavam passando fome. O que eu poderia fazer?

Resolvi ajudar. Fiz um bom negócio e fui generoso, assim como você me ensinou. Sou ou não um bom aluno? – Piscou para o pai.

Érica ficou pálida. Sempre defendia o filho de todos. Porém, ele mesmo havia confessado o que tinha feito. Não acreditava que ele poderia ser tão descarado e corrupto.

– Estou aqui com todos os comprovantes dos depósitos – disse Cláudio, tentando se controlar. – Pelo visto, você garantiu o leite das crianças pelo ano todo.

– Eu sou um homem generoso, pai – disse sorrindo sarcasticamente.

– Thiago, me explique uma coisa: precisava disso? Era mesmo necessário subornar os oficiais?

– Era isso ou ser enviado para uma espelunca federal.

– Isso não justifica nada, Thiago! – Cláudio se exaltou. Sua paciência já havia se esgotado há tempos. – Sabe do que você precisa? Honra e caráter. Você precisa aprender a ser um homem. Você não passa de um moleque mimado e ridículo que se esconde atrás da saia da mãe e do dinheiro do pai.

– Cláudio, você está nervoso. É melhor termos essa conversa depois.

– Você está vendo, mãe? É assim que ele fala comigo! Quem sabe se ele tivesse me educado ao invés de ficar pensando na empresinha dele, eu seria uma pessoa melhor. Se é que sou uma pessoa ruim, né?! Particularmente, me acho ótimo.

Thiago olhou para Cláudio e deu um leve sorriso.

– Cláudio, eu realmente acho que você deve se desculpar com seu filho. Você está sendo muito ofensivo.

– Érica, seu filho é um pilantra! – gritou. Esperou alguns segundos e tentou se controlar um pouco. – Já que eu falhei em sua educação, vou te ensinar agora! Amanhã você vai se voluntariar para o exército e irá à guerra. Já está na hora de você agir como um homem.

– Você está querendo mandar meu filho para morrer?! – Explodiu Érica.

– Não estou mandando ninguém para morrer. Tenho certeza que o Thiago dará o jeito dele.

Ficou quieto por alguns segundos e desviou o olhar para o filho.

– Aliás, não haverá perigo algum. Antenor cobrou um antigo favor a um amigo e conseguiu que você fique em um setor que estará fora do combate.

– E o que o Antenor tem com a minha vida?

– Conversamos sobre a sua irresponsabilidade e ele sugeriu o exército. Eu gostei da ideia e acertamos tudo.

Antenor quer me tirar do baralho, pensou Thiago. Mas posso ser uma carta bem incômoda quando quero.

Ele iria responder ao pai, mas sua mãe se antecipou.

– E você colocará a vida de seu filho nas mãos de seu sócio?

– Não, nas mãos do Exército Brasileiro. E não há o que discutir: o assunto já está resolvido! – disse para Érica; após, virou-se novamente para Thiago. – Amanhã esteja acordado bem cedo. Espero que você não tente nenhuma gracinha.

Érica iria protestar mais uma vez, mas Cláudio levantou-se e foi para o quarto. Ela começou a chorar copiosamente: não conseguia imaginar o seu filho em combate, arriscando a própria vida.

Thiago ficou quieto, pensativo. Depois de alguns minutos, foi para o quarto, pegou o telefone e fez uma ligação.

– Alô?! – respondeu a pessoa do outro lado da linha.

– Cuidado, Antenor. Sei ser perigoso quando quero.

Capítulo 30

Cláudio estava taciturno enquanto esperava por Thiago na sala. Atrasado, suspeitava que o filho estivesse fazendo corpo-mole de propósito, a fim de evitar ir à guerra. Contudo, apesar do péssimo humor, prometera a si mesmo que ignoraria as gracinhas dele.

A noite havia sido dura. Érica estava histérica: não concordava de maneira alguma com o alistamento forçado do filho. Jurou por todos os deuses e santos que, se algo acontecesse com seu bebê, iria até ao inferno, se fosse necessário, para acabar com a raça de Cláudio. Ao lembrar-se da frase, ele fez uma careta e pensou: *Como ela pode ser tão cega?*

Quase vinte minutos depois, Thiago saiu do quarto vestido com uma calça skinning preta e uma camiseta branca escrita “Polícia pra quem precisa de polícia”. Olhou para o pai e sorriu.

– Bom dia, senhor Cláudio. Como você está? A noite foi agradável?

Thiago havia escutado cada um dos gritos de sua mãe e das respostas do pai. Em certo momento, durante a madrugada, chegou a ouvir algo sendo arremessado e partindo-se contra a parede.

– A noite foi ótima: dormi como uma pedra.

– Não sabia que pedras dormiam, senhor Cláudio.

Deu as costas para o pai e foi para a cozinha. Cláudio foi atrás.

– Está pronto para sair, Thiago?

– Ainda não, papaizinho. Agora serei um soldadinho e preciso me alimentar direito. Você deve saber como é – disse, fazendo cara de confuso, como se tivesse cometido um enorme equívoco. – Na verdade, esqueci que você nunca prestou serviço nas forças armadas.

Cláudio abriu a boca para responder, mas se controlou. Não daria o gostinho ao filho.

Depois de aproximadamente dez minutos, os dois entraram no carro e saíram de casa. Pouco tempo após, chegaram ao posto de recrutamento. Foram atendidos imediatamente.

Um soldado truculento e um tenente carrancudo eram os responsáveis. Pediram a documentação do Thiago e fizeram a análise.

- Você tem alguma experiência com armas? – perguntou o tenente.
- Tenho algumas horas de treinamento em emuladores.
- Que tipo de emuladores? Algum treinamento militar?
- Não, videogame mesmo. Hoje quase não jogo, mas já fui viciado.

Thiago sorriu para o tenente, que se dignou apenas a responder com uma expressão séria.

Cláudio balançava a cabeça em um misto de vergonha e desaprovação.

– O que você faz atualmente, Thiago? Vi que você não trabalha de carteira assinada. Tem algum trabalho fixo?

– Sou freelancer.

– Se fôssemos nos basear em seu histórico e em seu humor adorável, você não seria aceito. Mas seu pai nos entregou uma indicação forte. Apresente-se amanhã na vila militar de Deodoro, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Você fará parte do contingente F.

– E o que é esse tal contingente F?

– Soldados de operação interna: carregam caixas, armamentos e alimentos. Se você for bem, pode até ser colocado na parte administrativa.

Thiago não perguntou mais nada. Limitou-se a confirmar os dados e sair. Entrou no carro juntamente com seu pai.

Durante todo o caminho, um silêncio ensurdecedor tomou conta do ambiente. Cláudio estava pensativo, imaginando como Érica reagiria ao acordar e descobrisse que seu filho já havia se alistado. Thiago, por sua vez, planejava a vingança contra Antenor.

Ao chegarem e saírem do carro, Thiago disparou:

– Espero que você realmente acredite que carregar caixas no Oriente Médio me trará mais responsabilidade. Tenha um bom dia, senhor Cláudio.

Capítulo 31

Washington, Estados Unidos da América.

James Fillmore planejava as próximas estratégias para sua campanha eleitoral. O dia da votação estava chegando e ele necessitava dar uma guinada em seu marketing pessoal caso realmente quisesse chegar a ser presidente dos Estados Unidos. Ele havia sido considerado um dos melhores senadores da história recente do país. Porém, isso não estava fazendo tanta diferença na hora da escolha dos eleitores.

O telefone de sua sala tocou e seus pensamentos foram interrompidos.

– James Fillmore.

– Senhor Fillmore, o Jack do marketing está aguardando na recepção para falar com o senhor. Posso solicitar que ele entre?

– Imediatamente e obrigado.

Jack entrou formalmente na sala e agradeceu a secretária. Ao fechar a porta, a transformação foi imediata. James se levantou e os dois se abraçaram como velhos amigos.

– O que você me conta de novo, Jack? Além desse penteado que está ridículo.

Jack passou a mão nos cabelos, em dúvida se levava o comentário a sério. Um segundo depois, olhou para James e sorriu.

– Tenho certeza que não estaria tão engraçadinho caso você tivesse lido o jornal de hoje.

– E quem disse que não li?

– São nove da manhã. Provavelmente você ainda está tentando lembrar qual a senha do seu computador. Certamente não leu – disse, sorrindo.

– Então me diga, Jack: o que há de tão temeroso nos jornais?

– Os eleitores parecem que não vão muito com sua cara. Realmente ela não é bonita, mas... Se você estava mal, agora você já pode voltar para casa e chorar as dores para sua mamãe.

– Qual a diferença?

– Vinte pontos percentuais.

James ficou calado por alguns segundos e analisou essa nova realidade.

– Você, como meu assessor de marketing, sabe explicar o fato de a diferença dos pontos ter aumentado tanto?

– Também está no jornal. A população gostou da atitude do atual presidente sobre a guerra. O povo achou que foi um ato de diplomacia e generosidade dar a chance aos sírios e iranianos de se renderem.

– Generosidade que nada! Ele foi um sacana com esse papinho. Se eles se rendessem, ele seria o herói da nação. Como eles não se entregaram, ele é o líder generoso.

– Verdade...

– Estou começando a achar que o assessor de marketing dele está merecendo o salário que ganha, diferente de alguém aqui.

– Nem olhe assim para mim. É um ex-senador contra o atual presidente. A maré está a favor dele e você sabe disso. E você tem mexido algumas peças erradas nesse jogo de xadrez.

James não queria concordar, mas Jack estava certo e ambos sabiam disso. Resolveu interromper a conversa e virar-se em direção da janela. Uma imensidão de prédios e construções estava à vista e seu pensamento foi tão longe quanto o horizonte.

– James, o que precisamos é investir em marketing. Se você liberar mais verbas, talvez ainda haja chance de mudarmos esse quadro.

– Não precisamos de mais verbas, Jack. Eu tenho uma ideia bem melhor. – Virou-se e olhou para o calendário. – Quando é o próximo debate?

– Em uma semana. Por quê? Você tem que parar com essas ideias...

– Eu preciso fazer algumas ligações. Me deixe sozinho.

Capítulo 32

Ao sair do avião, Thiago encarou o céu cinzento e percebeu que sentiria saudades do firmamento brasileiro, sempre tão azul. O cansaço domava seu corpo e mente, mas a viagem ainda estava muito distante de terminar. Depois da longa jornada do Brasil a Israel de avião, ainda teria que enfrentar um trajeto de caminhão até as proximidades da cidade de Daraa, na Síria, onde as tropas brasileiras estavam concentradas.

Dentro do caminhão, vários soldados riam e se divertiam. Thiago preferiu ficar em seu canto. Ligou o MP3 e começou a ouvir rock. Ainda analisava a situação como um todo e pensava no que poderia fazer para melhorar seu quadro.

O ódio por Antenor tomava seu corpo cada vez que lembrava que estava indo em direção à Síria. O único alívio era saber que talvez pudesse usar a distância como vantagem.

Apesar de seu pai ter acatado a decisão, não tinha raiva dele. Em seu íntimo, pensava no pai como um velho indefeso que era manipulado por todos ao redor, inclusive a esposa.

Fechou os olhos ao pensar em sua genitora. Mesmo com todos os problemas, ela sempre esteve ao seu lado lhe defendendo. Seria por ela que se manteria firme. Traçaria um plano e, após a execução, daria um grande presente a sua mãe. Talvez ela não gostasse muito, mas o fim justificava os meios. Na prática, o mundo sempre funcionou assim.

Horas depois, chegaram ao destino. Um terceiro-sargento os orientava na decida do caminhão e informava para onde deveriam se dirigir. Ao adentrar o local onde ficaria hospedado, observou os seus companheiros e o estado precário das instalações. Resolveu sair dali no mesmo instante. Voltou ao terceiro-sargento que estava na entrada, orientando os demais soldados.

Olhou fixamente a plaquinha no peito do militar.

– Terceiro-sargento Andrade, certo?

– Para você, sou senhor. O que você quer?

– Nada demais, senhor. Só gostaria de falar com os responsáveis por este alojamento.

– Está falando com o próprio.

– Não me leve a mal, mas eu tinha em mente alguém mais avançado na hierarquia.

Olhou para os dois lados, sacou uma nota de cem reais da carteira e colocou no bolso do militar.

– Gostaria de falar com alguém que realmente pudesse resolver o meu problema... Senhor.

– E qual seria o seu problema?

– Não gostaria de ficar na Companhia F. São muitas pessoas inconvenientes e não faz bem meu estilo. Sou um pouco reservado.

– Imagino que, para falar com o Capitão, seja um pouco mais difícil.

Thiago gostou do rapaz.

– Quanto mais difícil?

– O dobro.

– Vamos andando até ele, então.

No caminho, Thiago retirou mais cento e cinquenta reais do bolso e passou ao militar.

– Fique com o troco, por seus bons serviços.

O rapaz apenas fez uma menção com a cabeça e nada mais. Seguiram em silêncio. Ao chegar, o terceiro-sargento pediu que Thiago aguardasse um instante. Depois de aproximadamente dez minutos, voltou.

– O capitão falará com você, soldado Ferris.

O militar o levou ao Capitão e se retirou.

– Soldado, você chegou hoje e já solicitou falar com o responsável pela companhia. Isso aqui não é um parque de diversões. Não me importa o que você quer e nem o quanto você pagou para te trazerem a mim. Eu não vou lhe ajudar!

– Acredito que o senhor ganhará muito mais ao me ajudar do que o contrário.

O capitão se surpreendeu com a audácia e, pela primeira vez, levantou seus olhos e observou seu interlocutor. A princípio, não viu nada de extraordinário. Entretanto, ao observar sua farda, reconheceu o sobrenome: Ferris; mas, ainda assim, imaginava ser uma coincidência. Existiam centenas de pessoas com aquele sobrenome. Resolveu tirar a dúvida.

– Qual o seu nome completo, soldado?

– Thiago Borges Ferris, senhor.

Thiago soltou um leve sorriso pelo canto dos lábios. Imaginou que o capitão havia reconhecido o seu sobrenome.

– Por acaso você não é o...

– O herdeiro da Brasil Petros? O próprio, em carne e osso.

O capitão comemorou internamente. Dessa vez tinha tirado sorte grande. Talvez fosse a hora de mudar de vida. Se fizesse tudo direitinho, certamente o rapaz iria recompensá-lo.

– Em que posso ajudá-lo, soldado Ferris?

– Capitão, eu não gostei da minha companhia. Muitos soldados incompetentes e despreparados. E se houver uma invasão? Quem me defenderá? Não pretendo morrer tão cedo.

– Compreendo. Qual a sua companhia?

– F.

– Receio ser a mais segura disponível. Ninguém vai querer atacá-la. E, aliás, os soldados que lá estão não irão para a batalha. O trabalho será interno e...

– Não me interessa. Quero um grupo onde haja pessoas preparadas e que possam me defender. E, se possível, me treinar.

– Eu tenho um grupo de elite sob minha hierarquia, mas...

– Me coloque nesse grupo.

A vontade do capitão era bater naquele soldado insolente e depois colocá-lo para sofrer com muitos trabalhos pesados. Mas, sendo Thiago filho de quem era, isso não seria uma boa ideia.

– Soldado Ferris, o grupo para o qual você deseja se transferir é um grupamento especial. Eles serão enviados para missões de alto risco e...

– Capitão, eu não quero ficar parado aqui. A chance de um avião passar e jogar uma bomba em nossas cabeças é enorme. Prefiro ir para uma situação de risco sabendo que existem pessoas preparadas que poderão me auxiliar.

– Tudo bem, soldado. Eu realmente tenho uma vaga aberta nesse grupamento e ela é sua.

– Muito obrigado, senhor... – pausou a fala, analisando o Capitão. – Acredito que essa transferência de companhia deva gerar um custo...

– Eu sou um homem justo e honesto, soldado Ferris.

Thiago entendeu a deixa e resolveu entrar no jogo.

– Certamente é. Mas, até mesmo as pessoas justas recebem presentes, não concorda?

– Isso realmente é verdade.

– Preciso que o senhor me forneça sua conta bancária e um computador com internet. Se possível, agora.

– Você pode usar o meu notebook, não há problema.

Thiago sentou-se ao lado do militar, puxou o notebook para si e acessou o site do banco. Ao entrar em sua página pessoal, pediu ao capitão a sua conta bancária. Com o dado em mãos, fez a transferência de três mil reais para a conta de seu superior hierárquico.

– Capitão... – olhou o nome de seu superior na farda – Dias, eu sou grato pela sua ajuda.

– Não precisa agradecer. Precisando, estou ao seu dispor.

– Ótimo. Talvez eu precise, algumas vezes, de um telefone que não esteja grampeado. Caso seja necessário, poderei usar o seu?

– Certamente. Precisando, me comunique. Agora chamarei o terceiro-sargento Andrade para te levar ao seu novo alojamento.

O capitão saiu da sala e, logo depois, voltou juntamente com Andrade.

– Andrade, conforme o combinado, leve o soldado Ferris para o seu novo grupamento.

– Sim, senhor.

Ambos saíram e caminharam lentamente pela área militar. Já estavam na Síria, mas a calmaria era profunda. Thiago olhava cada canto do acampamento e se perguntava por quanto tempo a paz iria durar. Esperava que por muito tempo. Contudo, sabia que isso era uma utopia. Estavam próximos ao acampamento inimigo e bastava um tiro para que toda a Síria virasse um grande inferno.

– Chegamos – disse o sargento Andrade. – Boa sorte, soldado.

Despediram-se. Thiago entrou no alojamento, olhou ao redor e percebeu que nada seria fácil.

Encaminhou-se para o fim do alojamento e se dirigiu para a única cama que estava vazia. Jogou sua mochila no chão, ao lado da cama. Deitou-se e ligou o pequeno MP3. Começou a escutar rock no último volume e a pensar que, talvez,

não tivesse começado como deveria. Querendo ou não, ele precisaria daqueles que estavam ao seu redor. Necessitava aprender a se proteger e, também, que eles o protegessem. Se Antenor tinha dado um jeito de enviá-lo para o fim do mundo, certamente poderia tentar algo mais.

Um toque no seu braço retirou-lhe dos seus profundos pensamentos. Olhou para o lado e encarou um rapaz loiro, de olhos verdes bem claros e de um sorriso fácil. Era alto e forte e parecia querer falar algo. Thiago tirou o fone dos ouvidos.

– E aí, soldado Ferris? Pelo visto você não é de falar muito...

Thiago limitou-se a balançar os ombros e fazer um gesto com a cabeça.

– A galera está querendo te conhecer. O gato comeu a sua língua?

Instantaneamente, Thiago gostou do rapaz. Olhou para a sua farda e leu “Guimarães”.

– Não, Guimarães. Só não tinha como saber se vocês estavam querendo conversar.

– Nem todos aqui são amáveis, mas alguns são bem tranquilos. Eu, por exemplo, falo demais. Pelo menos é o que diz a minha noiva. Ou melhor, ex-noiva. Ela terminou comigo porque me voluntariei.

– Entendi...

– Qual o seu nome, Ferris? E que diabo de sobrenome é Ferris? Isso parece marca de gelatina.

Thiago riu. Mentalmente, o escolheu para seu parceiro e protetor.

– Pode me chamar de Thiago.

– Então, Thiago. Vou te apresentar a galera: aquele lá no começo é o Magalhães; o segundo é o Peçanha. O terceiro, com cara de ET, é o Munhoz. O da cama em frente a sua é o Peixoto. Ele não é muito de falar, mas prefere que o chame de Enzo. Ex-PM... Dizem que ele foi expulso da corporação por fuzilar o sargento. Mas isso é mito.

Thiago analisou Enzo e quando este percebeu, perguntou:

– Perdeu alguma coisa aqui, pirralho?

Thiago não se segurou. Não era sua intenção arrumar confusão assim que entrasse para o grupamento, mas não conseguiu evitar.

– E se tivesse perdido... Você iria fazer o quê?

Todos alternavam os olhares entre Thiago e Enzo e viam que aquele não poderia levar a melhor: era mais baixo e muito mais fraco.

Enzo se levantou rapidamente, pegou Thiago pela camisa, encurralou-o na parede e disse:

– Repita, se você for homem o suficiente.

– Você está se achando demais, soldadinho da PM. Vai querer me cobrar propina também? Aqui não tem Lei Seca.

– Vou te matar, verme. Eu era do BOPE.

– A dama se vestia de preto, então?

Thiago riu na cara de Enzo, apesar de estar sob o seu poder. Ele sabia que poderia apanhar a qualquer momento, mas queria ver até onde o militar chegaria.

– Olha aqui, fedelho... Eu não quero arrumar confusão com você... – abaixou o tom da voz, de forma que só os dois escutassem. – Sou apenas um cara que perdeu a carreira, a esposa e o filho. Antes eu era um homem, mas agora sou apenas um militar pronto para matar e destruir. Acho bom você não cruzar comigo.

Enzo soltou-o, virou-se e estava voltando para a sua cama. Thiago gritou:

– Prazer, meu nome é Thiago.

Enzo virou, deu um pequeno sorriso e foi para a sua cama.

Capítulo 33

No dia seguinte, às seis da manhã, o primeiro-sargento Pedrosa entrou no quarto gritando e ordenou que todos se colocassem de pé. Ficaram parados em frente as suas respectivas camas e o sargento passou por todos, observando cada um deles.

– Vocês são apenas oito, mas serão mais valiosos que um exército inteiro. Serão os batedores, os enviados. Irão à frente da tropa, preverão dificuldades e passarão para os capitães qual o posicionamento do inimigo. Além disso, executarão missões que um exército inteiro não teria como realizar. Eu não gosto de fracassados e por isso vocês foram escolhidos a dedo. Estão aqui por mérito. Pelo menos, a maioria... – Olhou para Thiago fixamente, como se pudesse enxergar o fundo de sua alma. – Não importa quem vocês eram antes e muito menos como eram chamados. O que me importa é o presente. E, agora, vocês são os meus Mensageiros da Morte.

Pedrosa olhou para cada um deles, como se analisasse as reações.

– Encontro vocês em meia-hora no centro de treinamento. Não se atrasem; vocês não vão querer conhecer meus métodos. Estão dispensados.

Pedrosa se dirigiu até o Thiago e disse de forma baixa e pausada, para que só ele pudesse ouvir.

– Eu pedi oito matadores. Me mandaram sete homens e um fedelho. Você fez a pior escolha da sua vida ao vir para o meu grupamento, garoto. Hoje, no treinamento, você aprenderá a ser um homem... Nem que seja um homem morto.

Virou-se, caminhou lentamente pelo alojamento e se retirou.

Assim que o sargento saiu, Thiago foi falar com Guimarães. Precisava ser rápido e direto. O seu destino estava em jogo.

– Você era militar antes de estar aqui?

– Isso é óbvio. Todos aqui foram escolhidos a dedo. Com exceção de você, pelo que dizem.

– Realmente não deveria estar aqui. – Fez uma pausa, fingindo estar constrangido. – Você era do Exército?

– Fuzileiro Naval. Mas...

– Eu preciso que você me treine. Se eu não aprender rápido, morrerei na guerra ou nas mãos de Pedrosa.

– Acalme-se, Thiago. Você quer me explicar o que você está fazendo nos Mensageiros da Morte? – Fez o símbolo de aspas com as mãos enquanto falava e ria. – Que nome cafona. Minha mãe pensaria em um melhor.

– Meu pai me mandou para cá porque eu, supostamente, preciso ganhar responsabilidade. Como eu cheguei ao grupamento especial, também é um mistério para mim.

– Sua história está muito mal contada... – Ficou pensativo por alguns segundos, mas depois seu olhar se iluminou. – Você é religioso?

– Não, mas isso não vem ao caso agora.

– Você está enganado. Faremos o seguinte acordo: eu te ensino tudo que sei e você vai à capela comigo, todas as noites. Sou um homem religioso e não abro mão de que aqueles que eu ensine também o sejam.

Thiago avaliou a proposta e viu que o preço seria baixo.

– Fechado. Começamos a treinar hoje, então.

– Foi bom fazer negócio com você, soldado gelatina.

Guimarães virou-se, começou a rir da própria piada e foi arrumar suas coisas.

Capítulo 34

Washington, Estados Unidos da América

Estavam observando o movimento dele há meses, mas só agora entrariam realmente em ação. O Chefe havia lhes avisado que poderiam ser requisitados a qualquer momento. Caso não estivessem prontos para agir, a morte seria certa.

Estavam os quatro, separados em dois carros pretos, de vidros escuros e da mesma marca e modelo do veículo que era utilizado pelo motorista particular de Jane Tyler para buscá-la no colégio.

Todos os dias, antes de buscá-la, o motorista parava em um *fast food*, comprava um sanduíche e conversava com os funcionários. Aquele era o momento mais vulnerável da sua rotina e foi escolhido para que a operação fosse realizada.

O motorista saiu da Casa Branca e, discretamente, um dos dois carros pretos começou a segui-lo. Uma distância segura foi mantida, o suficiente para não ser descoberto e nem perdê-lo de vista, caso algo desse errado. O motorista ouvia e cantava animadamente *Rap God*, não percebendo o carro que vinha atrás de si. Seguiu o trajeto de sempre e parou na lanchonete.

Entrou, cumprimentou os funcionários pelo nome e, como de costume, pediu o combo número sete. Quando saía do *fast food*, foi abordado por um jovem branco, de olhos claros e cabelo preto bem penteado. O rapaz vestia um terno fino e gravata rosa clara.

– Bom dia, senhor. Desculpe-me incomodá-lo. O meu carro, esse que está parado logo à frente do seu, teve o pneu furado. Você não teria um macaco para me emprestar? Prometo que será rápido. Cinco minutos, no máximo.

O motorista olhou para o relógio e viu que tinha uma boa margem para chegar ao colégio.

– Claro. Só um momento que eu guardarei o meu lanche.

Quando o motorista se inclinou para colocar o sanduíche e as batatas sobre o banco do carona, o rapaz sacou uma pistola automática disfarçadamente.

– Não reaja, senão será pior para você, para a sua mãe e principalmente para a filha do seu chefe. Aja como se nada tivesse acontecendo, me entregue a sua arma e entre no carro atrás do seu, na porta do motorista. Não tente nenhuma gracinha.

O motorista fez o ordenado e o rapaz com a arma sentou-se no banco do carona. No banco traseiro, um jovem muito bem vestido sorria.

– Jofrey, nós somos os seus melhores amigos no momento e não queremos te machucar. Pode me chamar de Bob e ele – apontou a arma para o rapaz sentado no banco traseiro – de Jay.

Jofrey estava visivelmente assustado e não sabia o que fazer. Perguntou a única coisa que veio à mente.

– Como você sabe o meu nome?

– Jofrey, isso é o menos relevante agora. Vamos combinar uma coisa? Você faz o que nós pedimos e prometo não fazer mal a um fio de cabelo seu ou da filha de seu chefe.

– Tudo bem.

– Você vai dirigir até o colégio normalmente e buscar a garota. Entrará com ela no carro e depois dirigirá até onde eu mandar. Se tentar alguma gracinha, eu e Jay sairemos do carro, mataremos você, Jane e todos os outros que estiverem ao redor. Alguma dúvida?

– Não.

– Então vamos, Jofrey. Você não vai querer deixar a senhorita Jane esperando.

Os cinco minutos que se seguiram foram de silêncio e tensão. Jofrey tentava pensar em um modo de se livrar dos possíveis sequestradores sem que ninguém se machucasse. Entretanto, sabia que uma tentativa de fuga na porta do conceituado colégio que Jane estudava poderia se tornar um desastre. Caso eles realmente atirassem, muitas pessoas ricas e importantes se feririam. Jofrey se via sem opções e se sentia agoniado.

Por sua vez, Bob estava preocupado com a execução do plano. O motorista poderia tentar alguma coisa ou os seguranças da escola poderiam perceber algo estranho. Estava se lançando em um mercado de risco. Porém, caso executasse o plano com perfeição, a recompensa seria excelente.

Chegaram. O segurança estacionou o carro no mesmo lugar de sempre. Com as mãos no volante e olhando para frente, esperava uma ordem.

– Jofrey, você irá até a Jane. Fará o mesmo de sempre e, ao caminho do carro, falará com ela que dois amigos do pai estarão aqui. Se ela gritar, a morte será certa. Estamos entendidos?

– Sim, senhor.

– Não me chame de senhor, Jofrey; me sinto velho desse jeito... Agora vá! Boa sorte e não faça besteira. Sabemos onde sua mãe mora. Tenho certeza que ela não se sentirá bem ao saber que será torturada e estrangulada por causa do filho que quis bancar o herói.

Jofrey sentiu-se momentaneamente tonto, mas aguentou por sua mãe. Se havia pensado em tentar algo, havia acabado de desistir.

Ele levantou-se e foi até a porta da escola. Conversou com a recepcionista, sorriu e brincou com duas senhoras, que deram gargalhadas. Voltou lentamente para o carro, conversando com Jane.

Ao entrar no carro, a menina logo perguntou:

– Vocês são amigos do meu pai?

– Somos, querida. Você é muito linda, sabia?!

– Obrigada. Vocês vão fazer uma daquelas reuniões chatas com ele?

– Vamos sim. Por quê?

– Diga a ele que a professora do colégio o chamou de assassino. Ela falou que ele é mau porque mandou os soldados para matarem inocentes.

– Falarei com ele, querida – afirmou Bob. – Nós sabemos que ele é um bom homem, não é mesmo?!

Fez um gesto para Jay. Ele, sem chamar a atenção, puxou um pano de dentro do bolso e encharcou de clorofórmio. Quando Jane menos esperava, ele a agarrou e segurou o pano em sua narina. A reação de Jofrey foi instantânea para protegê-la, mas Bob o ameaçou com a arma. Poucos segundos depois, a menina caiu sobre o banco, desacordada.

– Fique calmo, Jofrey. Ela só está descansando. Ela saberia que não estamos indo para a Casa Branca, não é mesmo?!

Jofrey limitou-se a fazer um gesto com a cabeça.

– Agora coloque este carro para andar, temos um bom caminho para percorrer.

Capítulo 35

O dia havia sido puxado. Começaram correndo durante quarenta e cinco minutos. Depois, treinamento de movimentação estratégica e abordagem. Thiago havia se saído bem: os anos jogando videogame ajudaram bastante. Por fim, fizeram musculação até a hora do almoço.

O treinamento de tiros durou a tarde toda. Enzo e Guimarães se saíram excepcionalmente bem. Em contrapartida, Thiago foi um desastre. No início, mal sabia segurar uma arma e, no fim do treinamento, conseguiu acertar, no máximo, três tiros seguidos no alvo.

Thiago estava deitado e questionava-se se havia feito a escolha correta em pedir para ser transferido para o grupamento de elite. Lá ele iria ao campo de batalha. Porém, se ficasse na companhia F, estaria desprotegido e tinha certeza que Antenor mandaria matá-lo. Ele não havia sido enviado para a guerra sem razão.

Pesava na balança as suas opções e todas eram ruins. Pelo menos ali teria atiradores de elite ao seu redor, não carregadores de lata e estoquistas.

Por um lado, se culpava. Suas atitudes tinham gerado aquela situação.

– A Bela Adormecida está cansadinha? – perguntou Guimarães, rindo e interrompendo os pensamentos de Thiago.

– Estou apenas analisando minhas estratégias de combate.

– Só acho que para combater é necessário, ao menos, saber atirar no inimigo. Você já descobriu onde fica o gatilho?

Ambos riram.

– No fim eu melhorei. Isso é inegável – defendeu-se Thiago.

– Com a ajuda de quem?

– Tudo bem... Tudo bem... O mérito é seu.

– Amanhã, podemos acordar mais cedo e ir para a área de tiro, já que eles liberaram o treinamento. Posso te ajudar mais dessa forma.

– Fechado.

– Agora você precisa cumprir a sua parte do acordo.

– Eu sou um homem de palavra, Guimarães. Quando você quer que eu vá à capela com você?

– Daqui vinte minutos haverá uma reunião. Apresse-se, não gosto de chegar atrasado.

Minutos depois, os dois saíram do alojamento.

– O Enzo atira realmente bem. Ele parece ser capaz de acertar um mosquito – comentou Thiago.

– Realmente... E eu vi você cheirando ele hoje. Ficou com medinho, é?

– Jamais! Só quis resolver o mal entendido de ontem. Não é necessário sermos inimigos se podemos jogar no mesmo time.

– Nisso você tem razão.

– E, quem sabe, ele me ensine a dar alguns tiros, caso o meu professor falhe.

– Seu professor falhando ou não, está na hora de pagar a promessa. O culto já vai começar.

Vai começar a tortura, pensou Thiago. Será que ele vai querer que eu vire um bíblia também?

Quase soltou uma piadinha, mas preferiu guardar para si. Estava na hora de agregar amigos e não adversários.

Capítulo 36

Bob e Jay, sentados à mesa, observavam Jofrey amarrado. Já havia passado duas horas desde o sequestro e o motorista ainda parecia assustado e prestes a chorar.

Periodicamente, faziam com que Jane aspirasse mais um pouco de clorofórmio, mantendo-a desacordada. Não queriam dois bebês chorões despertos; um já era o suficiente.

– Cara, eu acho que entramos na maior furada das nossas vidas – comentou Bob. – Nós sequestramos a filha do homem mais poderoso do mundo.

– E...

– Você não tem noção do perigo, Jay?

– Sou um assassino experiente. São os outros que têm medo de mim e não o contrário.

Com a afirmação, um silêncio inquietante se formou no ambiente. Jay continuava com o seu mesmo sorriso, como se o mundo todo fosse uma grande piada que só ele mesmo conseguisse entender. Bob, por sua vez, estava irritado e ansioso. Olhava para o relógio diversas vezes, contando mentalmente o tempo que o Chefe estava demorando a entrar em contato. Após alguns minutos, o telefone tocou.

– Chefe?!

– Estão com a garota e o motorista?

– Sim, senhor. Tudo saiu de acordo com o combinado. Alguma notícia na imprensa?

– Ainda não, provavelmente a Casa Branca determinou sigilo. Mas eles já têm as gravações da porta da escola e da lanchonete. Provavelmente, devem estar monitorando as câmeras de trânsito também. Porém, de acordo com o meu contato, vocês não aparecem nelas. Também encontraram o carro e já sabem que tudo aconteceu após o motorista comprar o lanche.

– Ótimo! – Bob exclamou como se tivesse tirado um peso de suas costas.

– Agora faça tudo conforme o combinado.

– Pode deixar.

O Chefe não disse mais nada, apenas desligou.

– Jay, chegou a hora. Pegue os utensílios para começarmos.

Jay foi para a área de serviço e voltou com diversos instrumentos de intervenção cirúrgica. Depositou-os sobre a mesa e ficou olhando de forma lascívia para Jofrey. Bob sacou a arma.

– Bem, Jofrey... Terei que te matar, mas não é nada pessoal. Trabalho é trabalho; você tem o seu e nós temos o nosso. Mas, como me ensinaram, eu te concederei um último pedido. Se gritar, eu mato a menina e sua mãe também. Combinados?

Jofrey balançou a cabeça em confirmação e Jay ria daquele show. Ele adorava espetáculos bizarros.

Bob dirigiu-se ao motorista e retirou a mordaça de sua boca.

– Vocês disseram que não fariam mal a um fio de cabelo meu ou dela.

– Verdade, Jofrey... Eu sou um homem de palavra.

Bob dirigiu-se até a garota que estava desmaiada no sofá e arrancou um fio de cabelo.

– Pronto. Não farei mal a este fio – Fez uma pequena parada, mas Jofrey estava assustado demais para esboçar uma reação. – Agora, vamos ao que interessa. Essa coisa linda aqui – mostrou a arma – será achada amanhã e com as suas digitais. Só para constar, ela está registrada em seu nome. Infelizmente, dirão que você esteve envolvido no assassinato da menina. Mas fazer o quê, né?! É a vida... – fez uma nova parada na fala. – Algum último pedido?

– Por favor, não matem minha mãe.

– Ok, Jofrey. Pedido concedido.

Bob atirou três vezes e o motorista deu o seu último suspiro.

– Até que eu tomei gosto pela coisa, me senti mais vivo – analisou Bob. – É assim que você se sente?

– Talvez sim, talvez não.

Bob olhou para Jane e teve um pressentimento ruim.

– Jay, você sabe a ordem do chefe, então a cumpra. Posso ter me tornado um assassino, mas não sou um monstro.

– Tá bom, boneca. Deixe comigo.

Jay pegou a arma da mão de Bob, apontou para a cabeça da menina e disparou. O líquido viscoso escorreu pela testa e desceu até encharcar a blusa de

Jane. Bob sabia o que se seguiria e resolveu sair do recinto. Precisava tomar um ar, ou desmaiaria. Apesar de seu caráter deformado, jamais tiraria a vida de uma criança.

Jay, percebendo o mal-estar do comparsa, limitou-se a sorrir. Buscou um bisturi que estava sobre a mesa e foi até o corpo. Cortou a parte frontal da blusa e encarou o peito juvenil da garota. Como um artista, foi traçando, minuciosamente, linhas sobre a pele. A epiderme se rompia mediante a extremidade afiada do aço como se fosse um simples papel.

O sangue escapava nas aberturas feitas, atrapalhando a arte, mas Jay já estava acostumado. Continuou construindo a sua obra. Ao terminar, limpou o sangue que se acumulou sobre a superfície do corpo, tornando visível a palavra *revenge*. Ao perceber que o primeiro ato de seu espetáculo estava perfeito, lavou o bisturi e o depositou sobre a mesa.

Pegou uma máquina de tatuar rotativa e voltou para perto de Jane. Revirou seu corpo no sofá, levantou seus cabelos, deixando a parte posterior do pescoço à mostra. Começou a sua arte, lentamente, marcando-a como se fosse gado. Porém, traçava com esmero e delicadeza, como se tocasse uma porcelana.

O corpo já estava frio quando terminou. O brasão de armas iraniano resplandecia magnificamente por causa da tinta fresca.

Virou novamente a menina no sofá e colocou-a na posição anterior. Não fosse a perfuração na testa, poderia passar-se por uma garota dormindo. Jay olhou para aquela cena e não pôde deixar de pensar o quão fracos eram até os mais fortes. Porém, o pensamento foi embora tão rápido quanto veio.

– Bob! – gritou Jay. – Já está tudo pronto. Venha aqui.

Bob chegou e prestou atenção na cena. Tentou bloquear os sentimentos, mas era evidente o horror em sua face.

– Matar um homem, tudo bem. Mas, uma criança... Como você dorme à noite?

– Fechando os olhos, boneca. Tem certeza que tomou todos os cuidados necessários?

– Tenho.

– Não deixou nenhuma digital por aí, certo? Você ficou de luva o tempo todo?

– Fiquei.

– E essa juba? Você não espalhou seus cabelos pela casa, né?!

– Largue de ser ridículo. Coloque a arma abaixo do corpo dela e vamos sair. Em breve, avisarão a imprensa e precisamos estar bem longe daqui.

Posicionaram a arma, pegaram a única garrafa d'água que poderia incriminá-los e saíram do prédio abandonado. Bob olhou para trás, mas antes que a culpa inundasse sua mente, ligou o rádio e resolveu se distrair. Arrependimento matava e ele não estava a fim de morrer.

Capítulo 37

Eram apenas seis da manhã e os tiros já eram escutados na área de treinamento. Por lá, Guimarães tentava treinar Thiago para a guerra, da melhor maneira possível.

– Thiago, está vendo aquela parede de concreto? Você ficará lá atrás, virará e atirárá, simulando um confronto. Eu ficarei mudando o alvo de lugar.

– Certo.

Thiago se posicionou atrás da murada e esperou o a ordem.

– Vai.

Thiago virou e atirou, mas o disparo passou longe.

– Cara, assim você nem fará cócegas. E olha que o alvo está parado. Não o mudarei de lugar, apenas vire a tire, ok?

Thiago fez o mesmo movimento. Porém, na hora do disparo, perdeu o equilíbrio e o projétil passou acima do alvo.

– Thiago, me dê esse fuzil e use a pistola. Você não está nem aguentando o peso da arma.

– Não seja idiota, Guimarães. Eu escorreguei nesta merda de areia.

– E no primeiro disparo? – Guimarães perguntou com um sorriso.

– Eu não esperava o boneco tão próximo e acabei me assustando.

Guimarães riu mais ainda.

– Então, se o soldado inimigo vier correndo na sua direção, você se assustará?

– Sim... Quero dizer... Não.

– Vamos mais uma vez, Thiago. Mudarei o alvo de lugar.

Thiago fez o mesmo movimento por trás da murada e, quando iria atirar, ouviu o som de um disparo vindo de trás de si. Ao olhar para o alvo, percebeu que o tiro havia sido preciso.

Encabulado, Thiago olhou para trás e viu que era Enzo.

– Bom tiro, Enzo.

– Não posso dizer o mesmo de você.

– Errar é humano. E foram erros simples.

– Relaxe. Você só escorregou na areia – disse Guimarães, rindo.

– Thiago, a arma deve se tornar o prolongamento do seu braço. Sua visão tem que ser periférica. – Enzo fez uma pausa, organizando os pensamentos. – Você disse que jogava videogame. Em um jogo de tiros, se você prestar atenção somente no meio da tela, pode aparecer um inimigo em um dos cantos e te matar. Na vida real funciona da mesma forma.

Thiago balançou a cabeça, tentando absorver a dica.

– É o que eu estou tentando ensiná-lo – disse Guimarães. – Mas essa anta parece que não aprende.

Antes que o Thiago pudesse se defender, Pedrosa entrou no centro de treinamento de balística.

– As crianças estão fofocando?

– Estamos comentando sobre a sua barriga grande, sargento – disse Thiago. – Estamos apostando quantos quilos o senhor tem.

Pedrosa aproximou-se de Thiago, quase a ponto de escutar a sua respiração.

– Sua habilidade no tiro é inversamente proporcional ao seu abuso. Sua sorte é que eu gosto de soldados abusados e valentes, moleque. Só espero que você saiba demonstrar isso em campo de batalha. Não quero sair arrastando o que sobrar de você.

Pedrosa se afastou e viu que os seus outros cinco subordinados estavam chegando. Esperou que todos se reunissem e começou o seu show.

– Mocinhas, a hora de entrar em ação está chegando. Essa guerra está um tédio e todos nós precisamos de um pouco de adrenalina no sangue. Amanhã, os nossos novos aviões de combate farão uma visitinha à cidade de Daraa. A nossa missão é infiltrar-se nos destroços, após o ataque, e descobrir o posicionamento das tropas remanescentes. Se possível, mataremos alguns soldados desavisados, só para esquentar o sangue um pouco. Alguma dúvida?

Ninguém respondeu.

– Hoje, nós iremos treinar com armas de paintball. O capitão barrou as armas de verdade para ninguém se ferir, apesar de eu achar que vocês não acertarão nenhum tiro mesmo.

Fez uma pausa e observou a reação do grupo.

– Treinaremos na vila abandonada. Quatro de vocês serão soldados remanescentes e os outros quatro serão infiltrados. Vamos treinar até vocês perceberem que, se fizerem besteira, vão ter seus corpos largados para serem comidos por abutres. Alguém problema?

O silêncio novamente se fez presente.

– Peguem suas armas de mentirinha e comecem a andar, seus preguiçosos!

Foram cinquenta minutos de corrida sob o sol escaldante. Ouviam-se murmúrios durante o trajeto, mas Pedrosa se fazia de surdo e continuava a correr.

Chegando lá, todos estavam exaustos; Pedrosa fingiu não reparar.

– Vamos nos dividir. Aqui comigo: Ferris, Munhoz, Guimarães e Peixoto. Os outros têm três minutos para se posicionarem lá dentro.

Quando os outros quatro soldados entraram na vila, Pedrosa encarou os que ficaram, principalmente o Thiago.

– Essa é a preparação para amanhã. Eu demorei a construir minha carreira; espero que vocês não a estraguem em um dia. – Fez uma pausa e olhou para o relógio. – Quero o Peixoto e o Guimarães na dianteira e os outros dois cobrindo. Por favor, durem mais de cinco minutos... Agora vão!

Os quatro começaram a se esgueirar pelas ruelas da vila. Em cada esquina, um avançava e os outros davam cobertura.

Enzo fez sinal para que eles parassem.

– Vocês estão ouvindo?

– Não estou ouvindo nada! – exclamou Thiago. – Ande logo, Enzo.

– Thiago, largue de ser burro! Esse é o problema: não há barulho. Eles devem estar parados, nos esperando para uma emboscada.

– Então vamos até eles.

– Ferris – era Munhoz quem perdia a paciência, dessa vez –, quantas casas você acha que tem nessa vila?

– Umas vinte. Por quê?

– Porque nós já passamos por mais de dez. Isso significa que precisamos ficar atentos. Eles já devem estar de olho em nós.

Andaram mais alguns metros e chegaram ao fim da vila.

– Que porcaria é essa? Eles não podem sair da vila! Onde estão esses desgraçados?

– Fique calmo, Thiago. É melhor nos dividirmos. Guimarães, você vai com ele – falou, apontando para Thiago. – Munhoz, você vem comigo.

Entraram novamente na vila e se separaram na primeira bifurcação.

– Thiago, olho vivo. Eles estão entocados e vamos pegar todos de uma vez.

Os dois caminhavam olhando para todos os cantos, observando cada centímetro. De repente, Thiago percebeu um vulto no casebre à direita. Ele cutucou Guimarães e fez um sinal indicando o ocorrido.

Os dois se aproximaram devagar, com as armas em riste. Quando faltavam cinco passos para os dois chegarem à porta, Magalhães apareceu na janela, atirou três vezes e saiu da zona de visão. As balas de tinta não acertaram nenhum dos dois, mas passaram perto.

Guimarães fez sinal para que Thiago ficasse daquele lado, pronto para atirar. Deu a volta na cabana e apareceu do lado oposto. Posicionou os dedos de forma que pareceu uma arma, mostrou para a entrada e contou até três. Ao terminar a contagem, Thiago apareceu na janela e Guimarães na porta, ambos já atirando. Porém, não havia ninguém na sala. Os dois entraram e se dividiram.

Guimarães foi ao banheiro, mas este estava vazio. Parou na abertura onde deveria ficar a porta da cozinha, levantou a arma e esperou, mas não ouviu qualquer barulho vindo de lá. Contou até três e virou-se, apontando a sua arma para o espaço vazio. Resolveu voltar e encontrar-se com Thiago.

Thiago ficou ao lado da entrada do quarto, com a arma para cima, assim como tinha aprendido com Enzo. Respirou fundo e virou-se, mas não havia nem sinal de Magalhães no recinto.

Foi até o fundo do cômodo, checkou todo o ambiente, mas não havia qualquer lugar onde ele poderia ter se escondido. Encostou-se ao beiral da janela do quarto, olhou para fora, porém não havia movimentação suspeita.

Voltou lentamente até a sala, preparado para tudo. Encontrou Guimarães.

– O quarto estava vazio, mas há uma janela. Ele pode ter fugido por lá.

– Não há sinal dele na cozinha e nem no banheiro.

– Melhor nós sairmos para checar em volta da casa.

Quando estavam saindo, uma parte do chão foi levantada, abrindo um buraco de 40 x 40 cm. Magalhães apareceu, atirando nos dois pelas costas.

Sem chances de reação, eles haviam sido os primeiros a serem eliminados.

Capítulo 38

Kelly procurava no GPS o endereço passado na ligação anônima. O editor-chefe não tinha dado muita atenção ao contato, mas Henry, seu estagiário, e ela insistiram em ir. Entretanto, ao observar o lugar em que adentrava, ele começou a se arrepender.

- Você tem certeza que estamos indo pelo caminho certo, Kelly?
- Tenho, Henry. E já estamos chegando.
- Você não está achando esse ambiente muito sinistro?
- O que tem de sinistro aqui?
- Esquece.

Kelly dirigia lentamente e observava tudo ao redor. Mentalmente, admitia que o ambiente não era muito amigável, mas guardou suas impressões para si. Não queria assustar o seu já medroso estagiário.

O silêncio era total e o medo exalado por Henry poderia ser percebido a quilômetros de distância.

- Faltam duzentos metros para chegarmos.
- Kelly...
- Diga.
- E se tiverem criminosos no prédio? Talvez eles queiram nos matar. Talvez tudo isso tenha sido uma isca e nós estamos sendo fisdados como dois peixes idiotas e...

Kelly parou o carro em frente a um prédio abandonado.

- Henry, olhe para mim! – Ela arregalou os seus grandes olhos castanhos. – Não vai acontecer nada. Se acalme!
- Ok.
- Chegamos. Este prédio é o lugar.
- Você não está querendo que eu entre aí, né?

Kelly não deu atenção para o rapaz. Pegou a sua câmera no banco traseiro e entrou nas dependências do edifício. Tentou apertar o botão do elevador, mas ele

estava estragado. Resolveu subir pelas escadas. Ouviu os passos do seu estagiário vindo atrás.

Ao chegar ao nono andar, estava exausta. Parou e esperou por Henry. Ao vê-lo, orgulhou-se da sua própria forma física, que antes parecia péssima: ele transpirava e mancava como se tivesse corrido uma maratona.

– Matar uma pessoa e supostamente abandonar o corpo para nós acharmos, ok. Mas deixar em um prédio, sem elevador, e no nono andar é ser sádico demais.

Kelly sorriu. Apesar de Henry ser um tanto excêntrico, ele a ajudava bastante e era engraçado. *Se ele não fosse mais novo e tão estabonado...*, pensou. Mas assim como lhe veio o pensamento, ela expulsou-o da mente.

– Vamos, Henry. Não temos o dia todo.

Encaminharam-se para o apartamento 904, assim como informado na ligação. A porta estava entreaberta.

– Henry?

– Oi.

– Evite tocar nas coisas. Se tiver mesmo um corpo lá dentro, você não vai querer sua digital por aí.

– Tá bom, chefa.

Com a parte frontal da câmera, ela abriu a porta e se deparou com uma cena de filme de terror. Um homem estava amarrado a uma cadeira, com três perfurações no corpo e parecia estar morto há muito. O sangue em seu corpo estava seco, mas no chão ainda havia uma enorme poça.

Ao olhar para o lado, viu uma garotinha desnuda e com a palavra *revenge* flagelada no tronco. Havia uma pequena perfuração na testa da garota e uma mancha púrpura e seca se formava a partir de lá.

Ao ver a cena, Kelly entrou em êxtase e jogou a câmera nas mãos de Henry.

– Tire fotos de todos os ângulos que você puder, mas não toque em nada. Nós conseguimos o furo do século!

Henry tremia e não sabia como agir.

– Kelly, precisamos chamar a polícia. Eles mataram uma criança.

– Seu idiota, nós não vamos chamar ninguém. Não agora. Você não está reconhecendo a garota?

Henry tentou prestar atenção no rosto na menina, mas o simples fato de reparar naquela cena o causava calafrios.

– Não.

– Henry, eu te apresento Jane Tyler: a filha do presidente. Ou a sua sócia perfeita, vai saber.

O estagiário travou e não sabia o que fazer.

– Kelly, se ela for quem você diz que é, estamos ferrados. Precisamos chamar o FBI, a CIA, a Interpol, qualquer um. Estamos ferrados!

– Não, estamos ricos e famosos. Me dê essa câmera de volta.

Kelly puxou a máquina fotográfica das mãos do rapaz e começou a tirar várias fotos.

Depois de ter fotografado tudo nos mínimos detalhes, olhou para Henry que ainda estava perplexo.

– Vamos descer agora. Temos muito trabalho para fazer.

Saíram do prédio e entraram no carro. Kelly ligou o seu notebook, acessou a internet e logou-se no site do jornal. Começou a redigir rapidamente uma matéria. Após terminar, colocou o cartão de memória no slot do seu notebook e começou a transferir as fotos.

Enquanto a transferência era feita, ligou para o redator.

– Alô?

– Francis, tiramos sorte grande. A filha do presidente é a pessoa assassinada. Em três minutos eu jogo a matéria no ar. Ligue para a polícia e comunique o ocorrido; esperaremos no local. Certamente eles vão querer nos fazer algumas perguntas.

– Você tem certeza do que você está falando, Kelly? Se estiver...

– Francis, ligue logo e prepare o meu aumento. – Desligou.

Olhou para a tela do notebook e informava que faltavam cinquenta segundos para terminar a transferência dos dados. Sentia-se satisfeita, completa. Era seu sonho se tornando realidade. Finalmente ela seria uma grande jornalista.

Olhou para o lado e viu que Henry ainda estava com medo.

– Henry, você será o primeiro estagiário a ficar mundialmente famoso antes mesmo de sair da faculdade. Anime-se.

– Kelly, você não percebe?

- O quê, Henry?
- Se for mesmo a garota... Você tem noção do que pode acontecer?
- Nós ficaremos famosos.
- Não. Eles acusarão os sírios e o mundo virará um grande cemitério.

Kelly ficou parada alguns segundos e as palavras de Henry ecoaram em sua mente. O bip do notebook a despertou e ela voltou ao mundo real. O que fizeram não poderia ser mudado e ela não tinha culpa. Apenas aproveitaria a oportunidade que a vida lhe deu.

Digitou no título: “Jane Tyler é assassinada e governo omite caso”. Pressionou o botão de publicar no mesmo momento em que ouviu as sirenes se aproximando.

O dano havia sido feito e nada poderia ser mudado.

Capítulo 39

Eram quatro e meia da manhã e, durante o caminho, podia-se ouvir as explosões na cidade de Daraa. Os aviões destruíam alvos pontuais a fim de desestruturar as forças de defesa.

Após o bombardeio, o grupo de elite faria uma varredura em parte da cidade para verificar pontos de resistência, facilitando a ação militar terrestre. O objetivo era minimizar as perdas do já escasso Exército Brasileiro.

Em um pequeno caminhão, os soldados seguiam para a primeira operação em território hostil. Com exceção de Enzo, já acostumado à guerra, os combatentes estavam receosos.

Da traseira do caminhão, Pedrosa gritou para o motorista.

– Reduza a velocidade, desligue os faróis e nos deixe próximo da cidade.

O sargento olhou para os seus oito soldados, encarando cada um deles.

– Mensageiros da Morte, está chegando a hora de vocês mostrarem para o que vieram e limparem aquela cidade. Dizem que somos apenas batedores, mas eles estão errados. Eu quero um time de elite que saiba de tudo e tenha olhos em todos os lugares. Seremos os mais fortes, os mais ágeis e mais inteligentes. Eu quero uma tropa de guerreiros matadores e sanguinários. Não importa quem esteja atrás daquela fronteira, se vestir um uniforme militar, se torna inimigo. Localizem tropas, descubram dados relevantes e matem todos que puderem, sem dó e sem piedade. Estarei junto com vocês. Se alguém fizer besteira e nos entregar, eu o mato com as próprias mãos.

Ao terminar de falar, um silêncio mortal cobriu o lugar. Até mesmo o bombardeiro havia cessado.

– Rapazes, peguem suas armas e protejam suas almas. A missão acaba de começar!

Desceram do caminhão e foram se aproximando da cidade pela avenida principal. As casas ao redor estavam em chamas e não havia qualquer movimento nas proximidades. Pedrosa ia à frente e resolveu seguir por entre um emaranhado de destroços.

Depois de quase duzentos metros andando, Pedrosa fez sinal para que parassem.

– De acordo com as informações recebidas, todo esse local já havia sido evacuado e só os militares sírios permaneciam aqui. – Olhou para todos, um por um, pausadamente. – Para facilitar nosso trabalho, vamos nos dividir. Soldados Peixoto, Costa, Duarte e Munhoz, venham comigo. Ferris, Guimarães, Magalhães e Peçanha, sigam por ali. Matem todos que encontrarem e voltem para cá em duas horas. Sem atrasos.

Os quatro começaram a busca, olhando de beco em beco, analisando destroços e prestando atenção a cada ruído. A tensão era grande e o medo, apesar de inconfessável, era evidente.

– Só espero que eles não saiam de um buraco e atirem em nós pelas costas... – falou Thiago, para quebrar o clima.

Magalhães entendeu a indireta e sorriu.

– Dá próxima vez, eu solto fogos para vocês saberem onde estou.

Todos sorriram e continuaram avaliando cada centímetro do caminho.

Depois de quase quinze minutos de caminhada, ouviram passos e a atenção foi redobrada. Pararam prontos para atirar em qualquer coisa que se movesse. Ficaram assim por algum tempo. Porém, como os barulhos cessaram, voltaram a caminhar de forma lenta. À direita havia restos de uma pequena mesquita destruída e, à esquerda, uma casa em chamas.

Guimarães fez sinal para que ele e Thiago verificassem o local. Os dois ficaram parados, cada um de um lado da enorme abertura onde, um dia, havia ficado o portão. Guimarães contou até três e ambos entraram no recinto, prontos para atirar. Dentro da mesquita, encontraram um cenário de destruição e morte. O altar havia sido totalmente soterrado; a parede direita da mesquita estava destruída, e a esquerda ameaçava desmoronar. Havia quatro corpos pelo chão. Aproximaram-se e perceberam que se tratava de rapazes franzinos.

– Não me lembro de termos visto esses uniformes nas fotos – disse Thiago.

– Escola Militar. Há uma próxima daqui, de acordo com o Pedrosa.

– Vamos embora.

Saíram da mesquita e, quando iriam retomar a caminhada, ouviram novos passos. Estancaram, cada um apontando para uma direção.

– O som dos passos está vindo de lá... – Magalhães apontou para frente. – É melhor irmos e tentar um ataque surpresa.

Continuaram a avançar, cada vez mais lentos. Após andarem por volta de dez metros, avistaram uma cratera no chão e perceberam que os passos vinham do seu interior.

– Se eles tiverem realmente lá dentro, a vantagem é nossa – disse Peçanha. – Estaremos por cima, basta atirar.

– Certo – disse Guimarães. – Thiago, venha comigo. Vocês dois fazem a cobertura.

Aproximaram-se da cratera de uns três metros de profundidade e viram apenas um garoto, de aproximadamente doze anos, com o uniforme do colégio militar.

Thiago foi impulsivo e desceu. Guimarães tentou impedir, mas já era tarde. Restou-lhe descer também.

– Mãos na cabeça, garoto. Rápido. Coloque as mãos na cabeça ou eu atiro, mesmo você sendo uma criança.

O garoto não entendia nada que falavam e permaneceu imóvel.

– Acalme-se, Guimarães. É só um garoto assustado.

– O que faremos com ele então, Thiago? Deixá-lo ir para contar aos outros que estamos aqui?

Conversavam com os olhos sempre atentos no garoto. Ele parecia impassível e despreocupado. E, vez ou outra, olhava em direção a um prédio que ficava há alguns metros dali.

– Isso está muito estranho, Thiago... Além disso, ordens são ordens e precisamos cumprir as que recebemos. Vou atirar nele agora, nem que seja apenas para incapacitá-lo.

Quando Guimarães fez sinal de atirar, o garoto sorriu, puxou uma pistola da parte de trás da calça e atirou no mesmo instante que Guimarães. Thiago, assustado, disparou contra o garoto e, instantaneamente, começou a ouvir rajadas oriundas de diversas direções.

Magalhães e Peçanha tentavam se proteger como podiam e atiravam nos soldados inimigos, apesar de não vê-los.

Enquanto Thiago tentava subir pelas paredes escorregadias da cratera, ouviu um barulho agudo, seguido de uma forte explosão atrás de si, jogando-o para longe. Tonto, tentou levantar-se, mas não havia força em suas pernas. Olhou para a beira da cratera e viu Magalhães ser atingido na cabeça.

Tentou arrastar-se pela subida, mas acabou esmaecendo. Fechou os olhos e entregou-se à escuridão.

Capítulo 40

Aquele era o lugar mais limpo e conservado da base. As paredes eram brancas, apesar de a pintura já estar desbotada. A cerâmica era velha e quebradiça em muitos pontos, mas ainda existia. A sala tinha uma grande janela logo sobre a cama. Ao lado desta, ficavam alguns aparelhos velhos que estavam conectados ao peito do rapaz. Do outro lado, havia uma cadeira e, à frente, uma parede vazia, onde ficava a porta.

Beatriz e Letícia, apreensivas, olhavam para o paciente.

– Ainda não entendo porque eles marcaram esta reunião. O que nós temos a ver com um sargento e um capitão? E o pior: por que em frente a este leito? – questionou Letícia.

– Certamente é algo envolvendo esse rapaz.

– Ele é apenas um soldado. Por que o capitão se importaria com ele?

Antes que Beatriz tivesse a chance de responder, o som da porta se abrindo encerrou o assunto. Virou-se e o seu olhar se cruzou com o de Enzo. Nenhum dos dois falou nada, visto que ele estava acompanhado pelo sargento Pedrosa e pelo capitão Dias, mas ambos perceberam um sorriso nos lábios alheios.

Dias, sem cerimônia, iniciou a reunião.

– Enfermeira Beatriz, sei que você é a chefe do setor e tem autonomia para posicionar suas assistentes. Por isso, desejo que você coloque a enfermeira Letícia unicamente para cuidar do soldado Ferris. Ele é uma pessoa muito valiosa para mim.

– Capitão Dias, com todo respeito, se eu destacar a Letícia, sobrecarregarei as outras enfermeiras e poderei prejudicar a recuperação dos demais pacientes.

– O soldado Ferris é mais importante que os demais pacientes. E devo lembrá-la que eu não costumo ser contestado.

Antes que ela pudesse falar algo, ele virou-se para Enzo e Pedrosa.

– Primeiro-sargento Pedrosa, o soldado Peixoto será o responsável por acompanhar o soldado Ferris durante as missões. Além disso, ele virá, sempre que possível, acompanhar a melhora na saúde do Ferris e reportar a você. Qualquer novidade, me informe imediatamente. Alguma dúvida?

– Não, senhor.

– Terminamos por hoje, então.

Enzo e Pedrosa bateram continência e capitão saiu. Pedrosa estava saindo do quarto, porém, Enzo o chamou.

– Sargento?

– Diga.

– Vou me informar melhor sobre o caso do soldado Ferris e em cinco minutos me reapresento no treinamento.

– Tudo bem, Peixoto. Pode bancar a babá. – Fez uma pequena pausa. – Eu só queria saber o que esse tal de soldado Ferris tem de tão especial...

– Eu também, sargento.

Enzo olhou para Beatriz, esquecendo-se de que a outra enfermeira estava na sala.

– Pensei que jamais voltaria a te ver.

– Pensei o mesmo.

– Estava sentido falta do seu olhar.

– Eu ainda estou aqui, galera – disse Letícia. – Vocês vão ficar mesmo bancando atores de novelinha mexicana?

Desconcertado, Enzo sorriu.

– Posso vir aqui, por volta das dezenove horas?

– Pode sim.

– Ok... Até mais tarde.

Enzo saiu da sala, mas Beatriz continuava sorrindo.

– Até que você tem cara de tapada, mas é bem rápida no gatilho. – Letícia riu bem alto.

– Letícia, você está numa enfermaria.

– Digo o mesmo para você, enfermeira Beatriz. Eu digo o mesmo.

Capítulo 41

Thiago abriu os olhos lentamente, mas não se mexeu. Olhou para o teto branco e só conseguiu agradecer mentalmente por estar vivo. Não importava se numa base aliada ou inimiga, ele respirava. Permaneceu por alguns segundos olhando para o teto, tentando reunir coragem para tentar identificar onde estava. Poderia ter uma surpresa desagradável.

Olhou para um lado e viu apenas um estranho aparelho, vários fios saindo deste e conectando-se ao seu tórax. Voltou a reunir coragem para virar-se para o outro lado. Porém, a dor que o assolava ao menor movimento era pior do que o medo de encontrar alguém indesejado.

Virou-se e viu uma mulher de uns vinte anos e de cabelos negros, vestida totalmente de branco. Atentou ao seu rosto e percebeu que seus traços eram formosos. Sua pele tinha uma cor mais bela que o ébano. Thiago a olhava encantado, mas ela não percebeu que estava sendo observada.

– Não sabia que as deusas passavam o tempo lendo – gracejou.

Letícia olhou assustada e fechou o livro. O momento de hesitação passou rápido e ela mostrou sua confiança e seu deboche de sempre.

– Deusas não tomam conta de doentes, soldado Ferris.

– Você pode me chamar de Thiago.

– Como você se sente?

– Depois de acordar com uma visão tão bela, excelente.

Ela não demonstrou, mas sorriu por dentro. Não era romântica e nunca gostara dessas cantadas clichês, mas ele tinha algo diferente.

– A minha visão também estava ótima. – Balançou levemente a cabeça em direção ao livro que ela lia anteriormente.

– *Cisne...* – disse, em voz alta, o nome do livro. – Não sabia que, no Olimpo, as deusas liam contos de fada.

– Isso não é um conto de fada! – respondeu irritada.

Thiago viu que tinha errado o caminho e tentou consertar.

– Pelo tamanho, imagino que seja uma arma de defesa pessoal disfarçada de livro.

Ela sorriu; Thiago comemorou internamente.

– Pelo visto você não gosta de ler... Estou errada, soldado Ferris?

– Thiago...

– Tanto faz.

– Podemos dizer que tenho outros hobbies.

– Entendi... – disse meio desanimada.

– Mas eu gosto muito de música... Dizem que toda música é uma poesia, não é isso?!

– Então há algumas poesias muito ruins por aí.

Ele sorriu e nada disse. Estava encantado demais para pensar em algo.

– Trouxe este livro de casa. Estava lendo-o quando esta guerra começou. – Olhou para o livro, como se estivesse lembrando-se de algo. – Até você aparecer aqui, não tive muito tempo de terminá-lo.

– Até eu aparecer?

– Fui colocada como sua babá pelo capitão Dias. Como a Bela Adormecida estava repousando, não havia muito para fazer.

Thiago fingiu não entender a alfinetada.

– Me lembre de agradecer ao Dias.

Ela sorriu e iria responder, mas a porta foi aberta.

– Enfim você acordou.

– Também estava com saudades, Enzo.

Letícia soltou um risinho entre os dentes. A cada segundo, gostava mais dele.

– Você lembra o que aconteceu?

– Havia um garoto em uma cratera... Mas era uma emboscada. Ele atirou em Guimarães, depois houve uma explosão. Ainda vi Magalhães levar um tiro, mas depois eu apaguei.

– Ambos estão mortos, Thiago. – Fez uma pausa, analisando a reação dele. – Peçanha conseguiu sobreviver ao ataque e te arrastou até o ponto de encontro.

Thiago analisou as palavras e as imagens do acontecido voltaram à sua mente. O garoto disparando contra Guimarães, o calor intenso, as rajadas... Balançou a cabeça, tentando afastar os pensamentos.

– Já imaginava que ambos estivessem mortos. Pensei que também morreria.

Enzo não respondeu.

– Letícia, quando ele estará pronto para voltar ao combate?

– Em dois dias, provavelmente. Mas só o médico poderá confirmar.

– Thiago, eu voltarei amanhã para ver como você estará.

Retirou-se tão subitamente quanto apareceu no quarto.

– Ele não é muito educado, né?!

– Até onde sei, ele tem alguns bons motivos.

Um silêncio constrangedor se seguiu por alguns segundos. Letícia passava a mão nos cabelos, como se fosse brotar algum assunto dos fios. Thiago limitava-se a olhá-la. *Realmente terei que agradecer ao capitão Dias por isso*, pensou.

– Letícia?

– Sim, Thiago.

– Agora que estou acordado, você terá o que fazer.

– Tipo?

– Nos conhecermos melhor já seria um bom começo.

Capítulo 42

James Fillmore colocou a gravata, olhou-se no espelho e sorriu ao ver o resultado. *Em breve, pensou, serei o homem mais poderoso do mundo.* Fez uma pose intimidadora frente ao espelho e gargalhou de si mesmo.

– Contenha-se, James – falou alto para ter o prazer de ouvir a própria voz. – Só falta um debate e esta é a sua última chance. Você não vai querer estragar tudo, não é mesmo?

Apressou-se, pois queria encontrar o atual presidente antes do debate, apertar-lhe a mão e desejar boa sorte. Sorriu só de pensar na cena.

Saiu de sua mansão. O motorista particular o esperava à porta do carro com um sorriso e abriu-a para que James entrasse. Lá dentro, Jack o esperava.

– Como vai o meu suposto futuro presidente?

– Não me importaria se você me desse um voto de confiança, Jack.

– Como? Você não confiou a mim a estratégia que adotará. Como saberei que dará certo? – disse em um tom que demonstrava estar chateado.

– O segredo é exatamente a chave do sucesso, meu caro Jack.

– Sei...

– Beba um champanhe e aproveite o momento. Em breve, você terá um aumento.

Capítulo 43

– Senhores, em dois minutos, estaremos no ar.

Não era um palco de debate comum, pois aquele era o programa de maior audiência do país. Na poltrona do meio estava Charles, o apresentador. À direita, o atual presidente, Willian Tyler, e à esquerda, James Fillmore.

Charles olhou atentamente para ambos.

– Senhor presidente e senhor Fillmore, obrigado por terem vindo. Sei que a grosseria não faz parte da índole de vocês, mas gostaria que os senhores zelassem pela lealdade nas respostas e, também, sempre que possível, pela transparência.

Ambos balançaram a cabeça, mas ninguém respondeu.

– Cinco segundos para entrar no ar – gritou o diretor.

A vinheta tocou e Charles começou o seu espetáculo.

– Boa noite, cidadãos americanos. Hoje é um programa totalmente especial: temos aqui os dois candidatos à presidência dos Estados Unidos da América. Faremos uma troca de ideias, como eu gosto de dizer. Teremos quatro temas: saúde, educação, economia e relações exteriores, e mais uma pergunta livre. A ordem das perguntas será sorteada. Lembrando que, caso ache necessário, o autor da pergunta pode fazer colocações ou outros questionamentos sobre a resposta do seu interlocutor. – Fez uma pausa e olhou para a câmera dois. – Mas, primeiro, deixarei que vocês cumprimentem o público. Cada um tem trinta segundos.

– Cidadãos americanos, boa noite. – Disse Willian Tyler. – Primeiramente, eu agradeço por todas as condolências e demonstrações de carinho que tenho recebido. Em segundo lugar, peço o apoio de cada pessoa do bem desse país. Unidos iremos mais longe.

A câmera foi direcionada a James e ele se segurou para não rir em rede nacional. Não acertou a postura para falar, simplesmente soltou as palavras.

– Queridos cidadãos, prestem atenção em nossa troca de ideias, pois ela mudará o rumo das eleições. – Deu sorriso enorme. – Conto com o voto de cada um de vocês para termos um governo forte e implacável que esse país merece.

Por trás das câmeras, Jack só pode balançar a cabeça em sinal de desagrado. *Dessa forma, ele vai perder os poucos eleitores que tem, pensou. Isso se tornará um massacre.*

Charles tomou a fala.

– Vamos sortear então o primeiro tema. – Balançou um pequeno recipiente com cinco bolinhas e tirou uma. De dentro desta, tirou um papel escrito o tema. – Pergunta livre... Vamos começar então. Algum dos dois quer dar início?

– Eu gostaria de fazer a primeira pergunta, Charles.

– A palavra é toda sua, senhor Fillmore.

James inclinou-se levemente para frente e olhou nos olhos de Willian. *Todo mundo tem o seu calcanhar de Aquiles*, pensou e sorriu por dentro.

– Senhor presidente, com todo o respeito, eu estou extremamente preocupado. Há algumas noites eu não durmo bem e preciso compartilhar isso com você. – Olhou rápido para a plateia e voltou a direcionar-se para o presidente. – O futuro do país me preocupa. – Fez uma nova pausa dramática. – Você não foi capaz de defender a sua única filha, que ficava quase o dia todo debaixo do seu nariz. Por sua incompetência, ela foi brutalmente assassinada. Como você pretende defender um país inteiro se não consegue fazer o mesmo por uma criança?

Toda plateia olhou, instintivamente, para o presidente. Jack apenas teve tempo de arregalar os olhos, estupefato pela pergunta.

A face de Willian Tyler enrubesceu na mesma hora. Ele levantou-se e foi para cima de Fillmore. Não houve tempo de defesa ou resposta: quando James percebeu, já estava no chão, levando socos no rosto. Sentiu o sangue quente escorrer pelo nariz e o maxilar estalar. O olho esquerdo estava dormente e provavelmente alguns dentes haviam sido quebrados. Porém, apesar da dor dilacerante, James limitou-se a sorrir. Ele tinha acabado de vencer as eleições.

Capítulo 44

Eram por volta das vinte horas quando Thiago apareceu no hospital improvisado. Ao entrar, viu Beatriz passando, indo em direção a um corredor.

– Enfermeira?!

– Você está ferido? – respondeu, sem olhar para ele. – Sangrando? Quebrou a perna?

– Não, é...

– Então, no momento, estou ocupada. – Ela já tinha se acostumado com as constantes cantadas e tentava evitá-las. Já havia denunciado diversas vezes o assédio aos superiores, mas nunca dava em nada. O machismo era institucionalizado.

Thiago controlou-se, precisava de sua ajuda.

– Enfermeira Beatriz, eu preciso falar com a enfermeira Letícia. Sei que você é a chefe do setor. Eu gostaria de agradecer pelos cuidados.

Ela parou por um segundo, olhou para ele e o reconheceu.

– Soldado Ferris – observou o que ele carregava em uma das mãos enquanto falava –, que... surpresa.

– Onde posso encontrar a Letícia?

– Segunda porta à direita. Ela está quase terminando o turno dela. Não a atrapalhe.

– Obrigado.

Thiago caminhou até o local indicado, bateu à porta e aguardou. Um minuto depois, Letícia apareceu e sorriu.

– Thiago, você não deveria estar aqui...

– Eu tive que vir lhe agradecer pelos cuidados e trouxe um pequeno presente.
– Entregou-lhe um buquê de flores.

– Uau. Então, por trás de todo esse sarcasmo existe um homem romântico?

– Também não exagere. É só uma demonstração de... Hum... – Pensou em falar gratidão, mas soaria muito impessoal. – Afeto. Essa é a palavra.

– Não consigo imaginar onde você tenha conseguido flores no meio de uma guerra.

– Nada que alguns bons contatos não façam.

– Entendi... – disse enquanto abria um cartão que estava junto às flores. – Shakespeare? Pensei que alguém não gostasse de ler...

– Digamos que eu já li alguns livros na vida.

– Tem certeza que esse é o Thiago que eu conheço? – O sorriso dela era evidente.

– O próprio... Sairei em missão hoje à noite e, caso eu não volte, queria que você soubesse que sou grato por tudo que você fez para mim.

Ela tentava acalmar o seu coração que quase saía pela boca e, principalmente, manter a postura de mulher forte e decidida que ela era, mas estava praticamente impossível. Ela limitava-se a sorrir e não conseguia dizer uma palavra. Não estava acostumada a esse tipo de demonstração de carinho.

– Bem... Acho que está na hora de voltar.

– Certo.

– Até logo, Letícia.

– Até...

Ele se virou e estava saindo do seu campo de visão quando ela resolveu tomar uma atitude.

– Thiago!

Quando ele virou-se, ela o surpreendeu com um beijo.

– Volte inteiro, por favor.

Enquanto ele pensava em algo para dizer, ela sumiu tão subitamente quanto apareceu.

Capítulo 45

Era por volta das duas da manhã e o caminhão estava chegando aos envoltos da cidade. Os soldados conversavam e riam animadamente, com exceção de Thiago. Pensativo, relembra cada segundo do seu encontro com Letícia e agradecia, mentalmente, aos conselhos de Munhoz. *Se não fosse ele, nunca daria certo. Shakespeare? Quem ainda lê essas coisas?!* Sorriu e lembrou pela milésima vez as palavras dela.

Pedrosa, percebendo que o rapaz estava desatento, resolveu agir.

– Soldado Ferris, acorde! Não pretendo que você saia da missão arrastado mais uma vez.

– Não estou dormindo, sargento.

– Está me chamando de mentiroso, soldado?

– Não, senhor. Só quis dizer que estou atento.

Um riso abafado correu o caminhão.

Pedrosa chegou perto do Thiago e falou baixo, mas todos conseguiram ouvir.

– Soldado Ferris, eu não sei o porquê do capitão Dias possuir um interesse em especial na sua vida e isso pouco me importa, mas eu não serei chamado de incompetente e nem terei a minha carreira arruinada por sua causa. Se você se ferir novamente, eu mesmo meto uma bala na sua testa. Estamos entendidos?

Thiago conteve a raiva e respondeu sorrindo.

– Sim, senhor.

O sorriso, claramente sarcástico, deixou Pedrosa desconcertado. Porém, ele desistiu logo de fazer algo. Estavam chegando a Daraa e ele precisava que todos estivessem concentrados. Uma briga certamente não ajudaria.

Depois de alguns segundos, a animação normal já tinha voltado ao grupo. Contudo, não durou muito. Três minutos depois, o caminhão parou e um silêncio ensurdecedor tomou conta do ambiente.

O sargento Pedrosa rasgou a calma do ambiente.

– Falarei baixo e uma única vez. Não passei dados sobre a missão antes de virmos para cá porque vocês são uns medíocres vermes fofoqueiros. Vocês vazaram a informação da última vez, fazendo com que só achássemos pedras e buracos onde deveriam existir instalações militares.

Fez questão de encarar a cada um.

– Como vocês já sabem, o nosso despreparado exército já ocupa uma pequena área da cidade, mas eles são barulhentos demais para entrarem sem serem vistos nos locais ainda dominados pelos desgraçados. Logo, sobrou para nós. Ontem, durante o dia, fizemos um pequeno bombardeio. Verificaremos essa área bombardeada e ao redor. Analisaremos a possibilidade de um ataque por parte do exército. Alguma dúvida?

O silêncio veio como resposta.

– Então, vamos.

Todos desceram do pequeno caminhão, pegaram suas armas e começaram a locomover-se. A princípio, a caminhada era rápida e barulhenta, pois estavam em território dominado pelo exército brasileiro. Porém, depois de alguns minutos, Pedrosa fez um gesto que todos entenderam. Estavam em território hostil e todo cuidado era pouco.

O cenário era de tristeza e desolação. As casas e escolas estavam destruídas, as ruas esburacadas e os hospitais estavam desativados.

– O que aconteceu aqui? – sussurrou Thiago.

– Estamos em guerra – Enzo respondeu ainda mais baixo. – Isso é a guerra.

Continuaram a caminhar, lentamente, por entre barrancos e casas destruídas. Por diversas vezes durante a caminhada, armas eram apontadas, a respiração era presa e a atenção redobrada. A mesma escuridão que os protegia também ocultava o inimigo.

Pedrosa fez um movimento com as mãos e todos pararam. O silêncio era enorme; apenas o barulho de um grilo, bem distante, era ouvido. Com a ajuda de uma pequena lanterna, observou o mapa. Olhou para o redor e localizou-se.

– Estamos chegando.

De acordo com as informações recebidas antes do bombardeio, havia ali uma concentração de tropas inimigas que tentavam recuperar, todos os dias, o pequeno território dominado pelos brasileiros.

Voltaram a andar e identificaram uma larga avenida deserta. As lojas que ali havia estavam com as vidraças esvaquiadas e as mercadorias haviam sido furtadas.

Preferiram seguir por entre os destroços a andar por lá. Eles precisavam se manter ocultos o máximo possível, o que tornava a caminhada lenta e

extremamente tensa.

Depois de alguns minutos, entraram por um beco em direção à avenida. Pedrosa parou, levou os binóculos de visão noturna aos olhos e observou o lugar onde, recentemente, havia ocorrido o bombardeio. Ficou apenas estudando cada centímetro da instalação durante alguns minutos, mas nada se moveu por lá. Virou-se e olhou para o grupo de seis soldados.

– Naquele lugar funcionava um colégio militar. Porém, as aulas pararam de ser ministradas e os alunos foram recrutados à força para o exército. O treinamento ocorria no próprio prédio. – Fez uma pausa, lembrando-se de todas as informações. – Além disso, o lugar servia como base de operações das forças armadas sírias. A forma mais fácil de conter a ameaça era neutralizar o lugar.

Voltou a observar o antigo colégio, mapeando-o mentalmente.

– A fachada e algumas paredes continuam de pé. Vamos nos dividir em dois grupos: cada um irá por um canto do prédio. A missão é matar todos os sobreviventes e descobrir novos agrupamentos próximos. Alguma dúvida?

– Eu tenho várias – disse Thiago. – Eles detonam um lugar cheio de crianças e nos mandaram para assassinar as que sobraram. É isso mesmo ou eu entendi errado?

– Elas estavam sendo treinadas para te matar.

– Treinadas à força, se bem me lembro.

– Os dias na enfermaria te deixaram ainda mais fraco... Ou será que foi a sua namoradinha idealista quem fez isso com você? – falou com escárnio. – Você não está aqui para questionar ordens, soldado Ferris. – Olhou-o, enxergando o fundo de sua alma. – Você nunca fez o tipo moralista... Sempre foi um grande encrenqueiro. Não deixe que uma mulher mude você!

– Há um limite para tudo. – Thiago cuspiu as palavras.

– Exatamente. O limite da sua vida é atravessar essa avenida e matar todas as crianças que você encontrar. Se você não o fizer, eu te mato. Estamos entendidos?

A expressão de ódio era visível no olhar de Thiago.

– Estamos.

– Ótimo. Moralista e soldado Peixoto, venham comigo. Os outros quatro avancem pelo lado esquerdo do prédio.

Os soldados balançaram a cabeça e começaram a atravessar a avenida. Ao chegar do outro lado, Thiago e Enzo seguiram pelo lado direito, logo atrás do

sargento Pedrosa.

A fachada da escola estava inteira, mas, logo na parte lateral, já havia uma grande abertura, por onde entraram. Deparam-se com um cenário de filme de terror: parte do teto havia ruído naquele lugar, soterrando diversas pessoas. Um braço estava dilacerado logo à frente deles.

Por uma abertura do outro lado do prédio, os demais soldados entraram no recinto. Pedrosa, ao vê-los, fez sinal para que eles fossem até o fundo e depois verificassem os andares superiores. Os três seguiram, pelo lado direito, checando cada corpo.

Ao findar do andar, não havia sido encontrado nada.

Desceram para verificar os dois andares inferiores. Assim que chegaram ao andar abaixo, ouviram passos e a atenção foi redobrada. Os três andavam com armas em punho, prontos para qualquer confronto.

Thiago percebeu um vulto movimentando-se em um corredor a sua direita. Instintivamente, fez sinal para Pedrosa. Os três viraram-se ao mesmo tempo, prontos para atirar, mas se depararam com um garoto aparentando treze anos. Antes que o rapaz gritasse, Pedrosa tampou a boca do pequeno adversário, tirou uma faca do cinto e cortou a sua jugular.

Um jato de sangue quente espirrou no uniforme do sargento, fazendo-o praguejar. Thiago o condenou com os olhos. Porém, Pedrosa, mais preocupado com o seu uniforme, simplesmente virou e continuou andando.

A cada passo que dava, o ódio de Thiago crescia. Sentia raiva de Antenor, que o havia mandado para aquele inferno; de Pedrosa, que era um monstro; e de si mesmo, por estar colaborando com todas aquelas mortes. Sua face estava rubra e a vontade de vingança inebriava a sua mente. O estupor era tanto que não percebeu quando Pedrosa e Enzo pararam a sua frente e acabou esbarrando neles.

Pedrosa demonstrou todo o seu descontentamento pela trombada com apenas um olhar. Porém, segurou sua fúria e apenas fez um gesto demonstrando que havia pessoas dentro da sala ao lado.

O sargento contou até três e eles entraram prontos para atirar.

– Parados! – gritou, Pedrosa.

Havia quatro rapazes na sala. Três aparentavam possuir menos de quinze anos e, o outro, parecia ter por volta dos vinte e dois. Esse, assim que viu a movimentação, retirou uma pistola da parte de trás da calça e apontou para os invasores.

– E agora, sargento? – disse Enzo. – Se atirmos, damos o sinal para todos os outros que estão na escola. Se não atirmos, ele atirá.

– Estou pensando, soldado.

Os três rapazes continuavam parados e o quarto mantinha a arma apontada.

– Eles são crianças, Pedrosa.

– Eu não sou uma criança.

Os três olharam rapidamente para o rapaz que segurava a arma.

– Você fala português?

– Não, seu bosta. Eu falo norueguês. Você não escutou? – Fez uma pausa e avaliou a reação dos três. – Eu sou brasileiro, mas minha mãe me mandou para este fim de mundo. Supostamente, tinha que honrar minhas raízes.

– Podemos fazer um acordo então, meu jovem. – disse Pedrosa. – Matamos os outros e levamos você para o nosso exército. Você tem tempo de mudar de lado.

– Não me leve a mal... Posso não gostar da minha ascendência síria, mas eu odeio muito mais os brasileiros. – Fez cara de asco. – Vocês, brasileiros, são uns porcos nojentos.

– Rapaz, eu estou te dando uma chance.

– Você não pode atirar. Ouça o seu soldado.

Pedrosa amaldiçoou o rapaz mentalmente e teve que pensar rápido.

– Tenho uma proposta melhor para você então, jovem. – Deu um passo a frente quando disse isso.

– Fique parado onde está.

Quando o rapaz foi mudar de posição, Pedrosa atirou em sua mão. Todo o resto aconteceu muito rápido. Enzo atirou em dois dos soldados adolescentes antes mesmo que eles pensassem em reagir. Thiago, por sua vez, golpeou o nariz do jovem mais próximo, porém, quando este sacou uma faca, ele acabou atirando. O soldado sírio-brasileiro tentou pegar a arma com a outra mão, mas Pedrosa deu um tiro um pouco acima da cabeça dele.

– Se eu fosse você, ficaria parado.

O rapaz levantou-se e colocou as mãos ensanguentadas na cabeça.

– Isso... Bom garoto. Agora, vire-se para eu ver essa sua cara nojenta. – Esperou que o rapaz virasse. – Agora, sente-se naquela cadeira.

O jovem soldado caminhou lentamente e soltou seu corpo sobre a cadeira.

– Qual o seu nome, rapaz?

– Ismael.

– Ismael, eu sou um homem bondoso. – Puxou uma cadeira e sentou-se a frente do garoto. – Te darei a chance de se redimir. – Fez uma pequena pausa. – Convenhamos que apontar aquela arma para mim não foi nada gentil. Mas posso deixar que você viva. Basta você dizer onde os demais soldados estão e quantos são.

Ismael ficou calado.

– Rapaz, não desperdice essa chance.

Ismael abriu os lábios para falar algo, gerando expectativa em Pedrosa, mas fechou-os. Permaneceu com o rosto impassível e depois cuspiu na face do sargento.

Pedrosa, nervoso, levantou-se no mesmo momento e deu um soco na face do soldado, arrancando-lhe um dente. Tirou a faca da cintura, encostou-a na bochecha do Ismael e começou a fazer um fino traçado.

– O rapazinho quer bancar o machão... Então vamos brincar.

Afastou-se do jovem e atirou no joelho dele. Ismael urrou de dor e o sangue começou a escorrer pela perna.

– Vamos começar pelas perguntas mais fáceis então, Ismael e, talvez, eu te deixe vivo. – Fez uma pausa. – O que vocês estavam fazendo nesta sala?

– Viemos pegar suplementos.

– Quais?

– Os que estão naquele armário ali. – Apontou.

Pedrosa fez um gesto com a cabeça para Thiago e este foi até o local indicado.

– Sargento, aqui tem um maçarico, panelas, cordas, um pequeno fogão portátil. Há também facas, duas armas e enlatados para sustentar uma pequena tropa por dias.

Pedrosa encarou o jovem.

– Certamente não há mais ninguém no prédio, caso contrário, eles já teriam aparecido. Onde estão as outras tropas?

Ismael nada disse.

– Soldado Ferris, me traga a corda e o maçarico. Eu tive uma pequena ideia para o nosso amigo falar.

Thiago pegou o solicitado e parou ao lado do sargento.

– Ismael, você não me deixou escolha. – Atirou no outro joelho do rapaz, que gritou e quase desmaiou de dor. – É uma pena fazer isso com você. Mas, caso você colabore, ainda posso lhe deixar vivo.

– Amarre-o, soldado Ferris. Deixe-o bem preso na cadeira.

Enquanto Ferris o amarrava, passos foram ouvidos no corredor. Pedrosa e Enzo ficaram prontos, esperando o menor sinal para atirar. Porém, quem abriu a porta foram os quatro soldados aliados.

– Ouvimos os tiros...

– Vocês perderam a melhor parte festa, mas ainda dá para aproveitar – disse, apontando para Ismael.

Pedrosa se aproximou do jovem, que já estava imobilizado.

– Sua última chance, rapaz. Onde estão as outras tropas e o que elas pretendem fazer?

– Pode me matar, seu porco. Você já me deixou aleijado mesmo.

– Reconsidere. Você não quer ver a sua mãe novamente?

– Ela me mandou para cá. Não quero ver a cara daquela vadia.

– Não se fala assim de uma mulher, seu nojento!

Pedrosa deu outro soco na cara do jovem.

Soldado Ferris, pegue o maçarico, ligue-o e coloque debaixo da cadeira do nosso querido amigo. Rapidinho ele nos contará tudo.

– Sargento Pedrosa, tortura é um crime de guerra!

– Soldado Ferris, dá próxima vez que você questionar os meus métodos, será você o torturado.

Thiago ligou o maçarico. O calor começou a aumentar na cadeira que Ismael estava sentado e ele se remexia desconfortável. Pouco tempo depois, o assento se rompeu e a chama atingiu diretamente sua pele, fazendo-o soltar um grito agonizante.

– Eu conto tudo, seu idiota! Desligue essa porcaria!

Começou a chorar. A dor era imensa e ele já sentia tonturas.

O capitão fez um gesto e Thiago desligou o equipamento.

– Onde estão as tropas?

– A essa altura, vocês já não poderão fazer nada mesmo. – Gargalhou, apesar da dor. – Estão a caminho da sua base, sargento. Eles vão pisar em vocês, seu bosta.

– Se eles estivessem a caminho da área já conquistada por nós, teríamos visto a movimentação. Onde eles estão? Não tente mentir para mim.

– Você entendeu mal, sargento – disse com um sorriso nos lábios. – Eles foram a sua base, fora da cidade de Daraa. Aquela mesmo onde você dorme todos os dias. Deve estar uma festa. Eu daria minhas duas pernas para estar lá agora.

Capítulo 46

Dentro do caminhão, o clima era tenso. Os soldados estavam mudos e evitavam o olhar um dos outros. Os xingamentos do sargento eram ouvidos impreterivelmente após cada tentativa de contato sem sucesso através do rádio.

Depois de tentar mais de vinte vezes e praguejar outras muitas, o contato foi realizado.

– Soldado Fagundes na escuta.

– Soldado, aqui é o primeiro-sargento Pedrosa. Eu quero falar com o capitão Dias.

– Senhor, são quatro da manhã. – Um momento de hesitação por parte do soldado. – Temo que não seja possível.

– Não me importa o que você teme, soldado. Ou você acorda o Dias agora, ou eu vou limpar esse sangue que está acumulado na lâmina da minha faca no seu pescoço.

– Um momento, por favor, senhor.

Pedrosa olhou para os soldados e sorriu.

– É assim que se impõe respeito, soldado Ferris.

– O capitão Dias impõe respeito apenas com o nome.

Quando Pedrosa iria responder, uma voz estridente foi ouvida no rádio.

– Sargento, eu espero que você tenha um bom motivo para me acordar.

– Capitão, tenho informações de que a base será atacada.

– Que ridículo! Os sírios não têm armamentos para um confronto aberto conosco.

– Senhor, as informações que eu tenho são confiáveis e...

O som de diversas explosões, ao fundo, fez que Pedrosa ficasse calado. Disparos começaram a serem ouvidos e os gritos eram enlouquecedores.

– Sargento Pedrosa?

– Sim, capitão Dias.

– Chegue o mais rápido possível e desça atirando.

– Positivo.

O contato foi encerrado e só era ouvido o som do caminhão movendo-se. Os soldados estavam perplexos demais para falarem.

Pedrosa rompeu o silêncio.

– Soldados, além de vermes desprezíveis, vocês são homens! Vocês são homens que estão defendendo seu país, a sua casa, a sua vida. Naquela base estão amigos, familiares, amores, parceiros de bebida e de jogo. Somos apenas sete, mas podemos mudar o rumo da invasão. Até agora, os Mensageiros da Morte foram uma piada. Perdemos dois homens, matamos alguns desgraçados e conseguimos uma informação sobre a invasão. Mas isso é muito pouco. – Fez uma pausa e olhou para todos, um por um. – Nesse começo de manhã, não estou contando com seis soldados; eu quero seis mensageiros, seis heróis. Quero que vocês matem para defender o que hoje é o seu lar. Um dia, contarão histórias sobre nós. Começamos de uma forma que não deu certo, mas temos a chance de um recomeço. Espero que ao findar do dia, estejamos todos bebendo um conhaque para comemorar a vitória. Não quero um time de fracassados como na Companhia F; eu quero um exército de seis homens!

Houve um momento de silêncio, mas Pedrosa voltou a quebrá-lo.

– Vocês não vão dizer nada, seus covardes? Peguem suas armas e vamos matar aqueles vadios!

O caminhão se aproximava da base e uma cena de destruição era vista. Havia incêndios em diversos lugares e eram constantes os sons das explosões.

– Quero todos comigo! – gritou Pedrosa. – Cubram uns aos outros.

O caminhão encostou próximo à base. Os soldados saíram correndo e esconderam-se atrás de um jipe que estava parado. De lá, observaram o hospital e o alojamento ao lado serem atacados. Uma onda de ódio tomou conta de Thiago. Ele levantou-se e saiu correndo. Pedrosa gritou ordens diversas vezes, mas ele estava surdo pela raiva.

Havia dois soldados sérios na porta da enfermaria que tentavam agarrar uma médica. Thiago, enquanto corria, atirou no que estava de costas, acertando-o na altura da costela. Ele urrou de dor e caiu de joelhos. O outro soldado, vendo a aproximação de Thiago, retirou uma faca do cinto e rasgou o pescoço da médica. Thiago, corroído pelo ódio, atirou, mesmo sem mirar, diversas vezes, transformando os dois soldados em uma massa disforme.

Chegou à porta do hospital improvisado e olhou para o seu interior. Viu um soldado encostado na parede do corredor, displicente, olhando para dentro de uma das salas e sorrindo. Fez a mira e disparou apenas uma vez, na cabeça.

O tiro gerou uma movimentação dentro da sala e um barulho parecido com vidro se partindo foi escutado. Thiago foi se aproximando lentamente e encostou-se a parede, parando ao lado da sala. Olhou para trás e não viu ninguém. Respirou fundo e virou-se, entrando na sala. Atirou em um soldado que apareceu em seu campo de visão. Um jovem médico, todo vestido de branco, estava jogado no chão, aparentemente desacordado. Um soldado sírio estava sobre ele, com as calças abaixadas. Antes mesmo que terminasse de se levantar, ele caiu desfalecido com um tiro na nuca.

Thiago foi até eles e retirou-lhe de cima do rapaz. Pela plaquinha em seu jaleco, identificou-o como doutor Camilo. Não o conhecia, mas o retirou do chão, com dificuldade, e colocou sobre a cama.

Thiago saiu da sala e viu seus companheiros entrando no hospital.

– Sargento, eu já limpei uma das salas. Eu fico com a última desse corredor e vocês veem as outras. O quanto mais rápido fizermos, melhor.

– Enzo e Munhoz, vocês vão com ele – ordenou o sargento. – Os demais venham comigo.

Separaram-se e os três se encaminharam para a última sala. Pararam ao lado da porta. Thiago já estava impaciente. Esperava encontrar Letícia logo e garantir sua segurança. Ao ver o hospital sendo atacado, não havia pensado em mais nada além da possibilidade de perder aquele sorriso que vinha iluminando o seu mundo tão obscuro.

Enzo contou até três e eles invadiram a sala. De pé, a enfermeira Beatriz lutava com um soldado. No chão, Letícia estava nua e um soldado molestava-a.

Thiago ficou cego para todo resto e avançou sobre o soldado que subjugava a sua amada. Acertou-lhe uma coronhada, jogando-lhe no chão. Antes que reagisse, deu mais três coronhadas no nariz do seu oponente, levando-lhe a inconsciência. Retirou a faca que o soldado carregava na cintura e cravou-a na garganta do seu oponente, dando-lhe uma morte imediata.

Tendo dado fim ao soldado e amenizado a sua fúria, virou-se para Letícia e só então teve noção do verdadeiro cenário. Ela estava desacordada e seu pescoço guardava uma marca roxa.

Thiago debruçou-se sobre ela, mas não sentiu sua respiração. Encostou seu ouvido sobre o seu peito, mas não havia qualquer batimento. Olhou para trás, desesperado, e viu que Beatriz chorava nos braços de Enzo.

Quase sem voz, pediu por ajuda.

– Beatriz, salve a Letícia. Eu te imploro.

– Thiago...

– Por favor, Beatriz... Faça qualquer coisa.

– Quando eu cheguei a esta sala, ela já estava desacorda e sofrendo estupro. Quando tentei defendê-la e comecei a lutar com o soldado, o outro a matou com o estetoscópio... Eu sinto muito, Thiago. Ela era uma excelente amiga.

– Não! Você está mentindo! Você tem que salvá-la! Por favor...

As lágrimas escorriam pelos olhos e caíam sobre o corpo de Letícia. Thiago abraçou-se a ela e, pela primeira vez em sua vida, chorou como se lhe arrancassem as entranhas.

Capítulo 47

James Fillmore estava sentado em sua confortável cadeira, tomando uísque e olhando atentamente para a televisão, quando o telefone de sua sala tocou.

- Sim.
- Senhor Fillmore, o Jack deseja vê-lo.
- Mande-o entrar, por favor.

A porta foi aberta e um homem vestido com terno fino e gravata azul clara entrou na sala.

- Como vai o meu presidente preferido?
- Jack, puxar o meu saco não vai fazer você subir de cargo. Já não disse que vou aumentar o seu salário?

Jack sorriu.

- Não sou bajulador, ok?!
- Não, você é um grande bajulador, o que é bem diferente. E o resultado ainda não saiu. Vamos prestar atenção.
- James, é claro que você será eleito. E com a ajuda de quem?
- Com a minha própria, Jack. Se eu fosse depender daqueles comerciais que você fez...

Jack não gostou do comentário e, carrancudo, ficou assistindo o noticiário juntamente com James. Uma jovem repórter fazia a cobertura das eleições: *Apesar do último lote dos votos ainda estarem sendo contados, muito provavelmente, em breve, James Fillmore deverá ser confirmado como o novo presidente dos Estados Unidos da América.*

Fillmore conseguiu uma incrível reviravolta após um conturbado debate. Muitos afirmam que ele usou uma estratégia antiética. Contudo, é inegável o resultado obtido: sua intenção de voto cresceu drasticamente.

- Escutou isso, Jack? Eu consegui a reviravolta. Ela não disse nada sobre você.
- Largue de ser chato, James.
- É assim que você fala com o seu presidente?

– Como você disse: você ainda não é presidente.

Ambos riram.

– Agora cale a boca que a repórter bonitinha voltou.

Cidadãos americanos, a contagem dos votos acabou e o que era inimaginável há alguns dias aconteceu: James Fillmore é o novo presidente norte-americano.

– Parabéns, James!

– Obrigado, Jack – falou, balançando a mão e fazendo cara de quem já imaginava o resultado. – Acho que isso merece uma comemoração. Pegue a garrafa de uísque.

Jack serviu a ambos e sentou-se.

– A você!

– A mim e ao mundo, que, em breve, se curvará perante meus pés.

Brindaram e beberam.

Capítulo 48

Cláudio estacionou o carro na garagem de casa, saiu do veículo e abriu a porta para Érica.

- Veja só o que temos aqui... Um cavalheiro?
- Estou colocando em prática para não perder o costume.

Ela sorriu.

Depois da ida de Thiago para o exército, as brigas tornaram-se constantes. Porém, nos últimos dias, o clima parecia que estava melhorando.

Cláudio abriu a porta da sala.

- Primeiro, a mais bela dama que já conheci.
- Hum... Chegaremos aonde assim?

Érica tinha um sorriso travesso nos lábios.

- Espero que no quarto.

Érica puxou-lhe pela gravata e deu um leve beijo em seus lábios.

- Então vamos, porque essa bela dama está querendo muitas coisas.

Quando abriram a porta do quarto, Antenor estava lá. Vestido totalmente de preto, segurava uma pistola com silenciador.

– Que demora, Cláudio... – Fez uma pausa, aproveitando para se deliciar com o pavor nos olhos do casal. – Érica, eu também estou querendo muitas coisas.

- Antenor, eu não sei o que você quer, mas podemos resolver de outra forma.

- Vocês preferem uma faca, Cláudio? Também sei usá-la com maestria.

– Você está fora de si – disparou Érica. – Por que não conversamos como seres civilizados e resolvemos tudo?

- Claro. Entrem e sentem-se. A casa é de vocês, literalmente.

Os dois sentaram na cama e Antenor acendeu as luzes do ambiente. Ele queria ver os olhares assustados e a dor que emanaria dos corpos.

- Pelos velhos tempos, eu serei bonzinho. Vocês podem fazer uma pergunta.

- O que você quer com tudo isso, Antenor? Que brincadeira é essa?

– Eu disse apenas uma pergunta, Cláudio... – largou as palavras no ar, com um sorriso no rosto. Passou o cano frio da pistola no pescoço de seu sócio e viu o medo nos seus olhos. – Responderei a primeira, pode ser? – Antes que Cláudio dissesse qualquer coisa, emendou. – Eu mandei Thiago para a Síria, deliberadamente, porque ele é muito mais perspicaz que vocês dois juntos. Ele é inconsequente, abusado e irresponsável, mas perceberia a armadilha se formando. Vocês são lesados e deprimentes. – Fez uma pausa, observou os dois e percebeu o espanto delineado na face de ambos. – Lá ele poderia viver ou morrer, mas isso não vem ao caso agora. O primeiro passo era tirá-lo de perto e matar vocês, o que farei agora. Com sua morte, Cláudio, a empresa passará de você para o Thiago. Após isso, eu comprarei as ações necessárias para tornar-me sócio majoritário.

– O Thiago nunca te venderá nada! – exclamou Érica. – Desista do plano, ele está fadado ao fracasso.

– É aí que você está enganada. Eu consultei o advogado de vocês e tive acesso ao testamento. Pelo que me consta, caso haja qualquer problema com vocês e o Thiago, o único herdeiro seria um sobrinho de Cláudio. Estou errado?

– Não, não está – respondeu Cláudio, com um semblante soturno.

– Logo, ou o Thiago vende, ou ele morre. Se ele morrer, o seu sobrinho ficará feliz em me passar a empresa. Palavras dele mesmo.

– Antenor, pare com essa loucura. Não vale a pena. A casa tem câmeras e saberão que você esteve aqui. E mesmo que as câmeras não tenham te flagrado, certamente você será um dos suspeitos por ser meu sócio. Você jamais sairá livre dessa!

– Vamos por partes, meu querido Cláudio. Tenho aqui, em mãos, a planta da sua casa e também toda a engenharia de segurança. Hoje em dia é fácil achar alguém que se venda por um baixo preço. – Piscou para Cláudio. – Achei um ponto cego na segurança, entrei na sua casa, desarme os alarmes, desativei as câmeras, destruí o backup. – Parou e ficou olhando para longe, como se tentasse lembrar-se de algo. – E eu tenho um álibi. Nesse momento, estou em um hotel com duas garotas de programa. Minha noite está sendo realmente maravilhosa.

Começou a andar pelo quarto e parou na janela, observando o exterior.

– Você viu como o céu está lindo, Érica?

Ela nada disse, mas ele ouviu pequenos gemidos em resposta. Sorriu por dentro.

– Te fiz uma pergunta. Seja educada e me responda.

– Está lindo mesmo – disse entre lágrimas.

Voltou para frente dos dois, com um sorriso imenso e provocador.

– Pena que será a última vez que você verá este céu. Pena que uma mulher tão bela e de lábios tão carnudos tenha que morrer...

O choro de Érica se tornou ainda mais intenso.

Antenor foi até o closet do quarto do casal e pegou uma adaga.

– Guardei essa beleza ali para caso surgisse uma emergência. Mas tive uma ideia mais interessante...

Subitamente, puxou Érica para si e encostou a adaga em seu pescoço.

– Cláudio, seria uma pena se a sua esposa fosse morta diante dos seus olhos... Então eu te dou uma chance: você se suicida e Érica permanece viva. Se ela concordar em abrir mão de todos os bens e prometer que levará a verdade para o túmulo, é claro.

Cláudio sentiu seu coração apertar. Jamais imaginou que ficaria de frente para a morte estando tão indefeso.

– Antenor, existem outras formas...

– Já vi que você prefere que eu atire nela. Sendo assim...

– Eu me mato, Antenor. Eu me mato.

– Vou te dar a arma. Se você tentar alguma gracinha, eu levo a sua linda esposa junto comigo para queimar no inferno.

– Tudo bem.

Antenor entregou o cabo da arma a Cláudio. Este a segurou, mesmo trêmulo.

– Encoste a arma na cabeça. – Cláudio o fez.

– Nada mal. Agora diga a sua querida esposa que você a ama.

– Érica, eu te amo.

Érica começou a chorar ainda mais.

– Pode fazer o resto, Cláudio.

Cláudio olhou para Érica com um ar de tristeza e uma lágrima rolou dos seus olhos. Segundos depois, um barulho abafado foi ouvido e Cláudio caiu desfalecido.

Antenor gargalhou.

– Pena que não tem bis.

– Você é um monstro, Antenor. Um monstro!

– É, eu sei.

Com a adaga, rasgou o pescoço de Érica e a jogou no chão.

Capítulo 49

Logo após o almoço, Pedrosa entrou no alojamento dos rapazes, um dos poucos que havia permanecido de pé após o ataque sírio no mês anterior.

– Soldados!

Os soldados Peçanha, Munhoz, Duarte e Costa colocaram-se de pé.

– Onde estão o soldado Peixoto e o soldado Ferris?

– Estão treinando, senhor – disse Munhoz. – Para variar...

– Outra vez? Eles vão acabar com a munição de tanto dar tiros em bonecos. – Parou por um segundo. – Vamos todos para lá, então. Preciso falar com vocês, todos juntos.

Conversavam animadamente durante o pequeno trajeto. Havia esperança de uma verdadeira missão depois de semanas de pequenas intervenções. Ao entrarem no centro de treinamento improvisado, viram Thiago com fones no ouvido, arma na mão e olhar concentrado.

Ele estava de costas para uma pequena murada. Depois de alguns segundos, virou atirando, acertando, quase simultaneamente, os cinco bonecos que estavam a distâncias distintas. Ao terminar, Enzo bateu palmas e todo o grupo que assistia ao espetáculo estava perplexo.

Pedrosa aproximou-se de Thiago.

– O que você está escutando?

– T.N.T.

– Seja lá o que seja isso, deve estar fazendo bem para a sua pontaria.

– Obrigado, sargento.

– Mas eu não vim até aqui para te elogiar. – Parou, esperando que Enzo se aproximasse. – Temos, enfim, uma missão de verdade. Vamos para o front de batalha hoje e de lá partiremos para o território dominado pelos sírios. Nosso serviço de inteligência descobriu onde estão escondidos os generais sírios que ordenaram a invasão. – Pedrosa olhou para cada um dos seus soldados e percebeu que estavam impassíveis, com exceção de Thiago, que mostrava um brilho assassino no olhar. – Em uma ocasião normal, mandaríamos um ataque aéreo, mas eles estão no subsolo.

– Vamos ser mandados para morrer no subsolo sírio? É isso? – Questionou Munhoz.

– Se você não quiser ir, o problema é seu – disse Thiago. – Faço questão de matar todos os responsáveis com minhas próprias mãos.

– Depois que perdeu a namoradinha, o Ferris virou machão.

Thiago lançou um olhar fulminante na direção de Munhoz.

– Vocês não têm escolha – interveio Pedrosa. – Irão matar os generais ou morrerão tentando.

Capítulo 50

A noite começava a se fazer presente e um vento gelado ameaçava cortar a alma dos soldados.

– Tenho uma notícia que irá agradar vocês. – Afirmou Pedrosa.

– Não precisaremos ir?

Todos riram.

– Já que estou levando vocês para o túmulo, pretendo enterrá-los com estilo, Munhoz. Mas você precisará ir. Consegui uns brinquedinhos novos para essa missão de risco. No caixote tem cinco granadas para cada um, presente do capitão Dias. Há, ao lado, dois M-21. Um para o Peixoto e o outro para o Munhoz. Talvez seja essencial que atiremos a distância para invadir o perímetro e vocês serão meus atiradores. Além disso, tenho silenciadores para as pistolas de todos. Alguma dúvida?

– Vocês roubaram esses armamentos de quem? – questionou Thiago.

– Dos sírios. Roubamos de um pequeno posto de vigia deles na noite passada.

– Sabia que isso não tinha sido comprado.

– O governo tem outras prioridades – completou Enzo. – Como desviar verbas do Exército.

– Agora chega de papo – disse Pedrosa. – Vamos pegar as armas e sair. A missão começa agora.

Cinco minutos após, todos estavam armados e começaram a caminhada. Pedrosa puxava a fila, com Enzo e Thiago atrás e os demais, não muito animados, caminhavam vagorosamente, quase perdendo a vanguarda de vista.

Depois de quase vinte minutos de caminhada entre destroços do que um dia foi uma cidade, Pedrosa parou, aguardando pelos demais.

– Sargento, nós vamos congelar antes mesmo de chegar ao tal esconderijo – reclamou Munhoz.

– Sargento, nem os sírios saíram das tocas. Está um frio do cão.

– Por que vocês acham que a missão foi escolhida exatamente para agora? Talvez porque tentar invadir o lugar durante o dia, onde o subsolo parecerá uma sauna e todos estarão acordados, seja suicídio! Ou vocês são muito burros, ou muito covardes. Ainda estou tentando descobrir.

Munhoz chegou a abrir a boca para dizer algo, mas Pedrosa revidou antes que qualquer palavra fosse pronunciada.

– Calado! – Fez uma pausa e encarou todos os soldados. Retirou um papel do bolso, onde estava desenhada uma planta. – Iremos invadir um lugar extremamente peculiar. De acordo com informações, militares de alta patente e armamentos estão escondidos em uma igreja católica a menos de trezentos metros daqui. Essa igreja tem duas torres e em cada uma há um atirador para alvejar invasores. – Mostrou na planta os lugares mencionados. – Em frente à entrada do templo, cerca de vinte soldados ficam acampados constantemente. Há dois corredores, um de cada lado da igreja. No corredor esquerdo foi montado um alojamento para trinta soldados, mas o flanco direito está livre. Dentro da igreja, há uma passagem nos fundos que dá para o subsolo. Lá os nossos ratos estão escondidos. Alguma dúvida sobre o local?

– Sargento, eu não sei se você percebeu... – Costa falava com certa hesitação na voz. – O lugar é intransponível.

– Não existem lugares intransponíveis, soldado. Nós temos um plano.

– Que, como todos os planos militares, não saem conforme o planejado – soltou Munhoz.

Pedrosa olhou-lhe com um ar mortal.

– O plano é o seguinte: Peixoto e Munhoz serão nossos atiradores de elite e matarão os guardas das torres. Após, todos nós invadiremos, silenciosamente. De acordo com o informante, à noite a guarda é formada apenas pelos soldados da torre. No corredor direito há uma porta que, antigamente, era usada para a entrada dos clérigos. Entraremos por lá com uma chave que o nosso informante conseguiu. Entrando, vamos ao subsolo, matamos todos os que estiverem lá e depois voltaremos. Na saída, explodiremos os alojamentos com as granadas.

– Não sei o porquê, mas achei esse plano insano – debochou Munhoz.

– Você já foi menos questionador e mais corajoso, soldado. Aquela última missão acabou com seu brio...

– Só acho que há muitas informações repassadas por um suposto agente duplo. E se ele estiver mentindo? – Fez uma pausa e encarou o grupo. – Não precisa responder. Se ele estiver mentindo, nós seremos esmagados. E tem mais: por que esse trabalho não pode ser feito através de um ataque aéreo?

– Não sei se você percebeu, mas o nosso alvo está no subsolo. E, de acordo com o informante, há uma saída alternativa de lá. Caso iniciássemos um

bombardeio, eles poderiam simplesmente fugir.

– Mais uma vez o tal informante...

Pedrosa irritou-se e jogou Munhoz contra um paredão. Antes que o soldado reagisse, o sargento sacou a sua pistola e encostou-a abaixo do queixo de seu subordinado.

– Seu covarde, você está aqui para cumprir ordens. Da próxima vez que você me questionar...

– Você vai fazer o quê? Me matar? Você não é homem o suficiente para isso!

– Não brinque comigo, soldado.

– Atire, sargento. Atire e você irá para a Corte Marcial.

Thiago intrometeu-se na confusão.

– Sargento, precisamos de todos os homens. Na base, caso necessário, você o denuncia por desrespeito a hierarquia.

Pedrosa pareceu relaxar, mas manteve a arma abaixo do maxilar do Munhoz.

– Espero que você cumpra bem as suas funções hoje, soldado. Caso você erre, acusarei você de sabotagem.

Soltou o soldado.

– Vamos nos posicionar o mais próximo possível da igreja e observar a movimentação.

Voltaram a andar, só que de forma lenta e calculada. Estavam em zona inimiga e qualquer passo em falso poderia colocar todo o plano a perder. Andaram cerca de cento e cinquenta metros entre escombros e pequenas crateras de explosões, até que acharam um ponto de observação adequado. Pedrosa pegou os seus binóculos de visão noturna e começou a analisar, atentamente, cada movimento no interior da igreja.

– Sargento, se nunca ocorreram batalhas nessa região, por que há tantos destroços?

– Tentamos fazer um reconhecimento com dois helicópteros e ambos foram abatidos, soldado Costa. Mas isso foi antes de descobrirmos sobre essa base.

O soldado Costa saiu de perto do Pedrosa e achegou-se a Munhoz.

– Você tem razão... Se eles destruíram helicópteros, farão picadinho da gente.

Pedrosa falou no mesmo momento, como se tivesse ouvido a conversa:

– Munhoz e Peixoto, vocês já podem achar a posição de tiro.

Eles se apoiaram na mesma murada que Pedrosa, um a cada lado do sargento e começaram a mirar nos alvos através do mini telescópio acoplado ao fuzil.

– Soldados, tudo está de acordo com o que foi passado pelo informante. Quando estiverem com os soldados na mira, me avisem.

– Pronto, sargento! – exclamou Enzo.

Alguns segundos depois, Munhoz também confirmou a mira.

– Assim que eles atirarem, nossa movimentação precisará ser rápida e silenciosa. Entendidos?

Todos moveram a cabeça em sinal de concordância.

– Atirem!

Dois sons ocos foram ouvidos com uma diferença mínima e, logo após, os inimigos que estavam na torre caíram desfalecidos.

Começaram a correr em direção à igreja, diminuindo a velocidade do passo à medida que se aproximavam dos muros da imponente construção religiosa. Enzo observou atentamente o interior do pátio e viu apenas um soldado encostado ao muro do corredor direito, exatamente para onde eles deveriam ir.

– Apenas um soldado, sargento. Pelo menos só este está visível. Ele está de costas, então é chance perfeita de matá-lo. Mas, se houver outros no corredor, teremos problemas.

Pedrosa analisou a situação.

– Você consegue acertá-lo daqui com a pistola?

– Certamente.

– Então coloque o silenciador e seja o que Deus quiser.

Enzo preparou a arma, abaixou-se e atirou, acertando a cabeça do oponente.

– Feito, sargento.

– Perfeito! Peixoto, Ferris e eu faremos a vanguarda. Vocês devem seguir logo atrás nos dando cobertura.

Correram pelo pátio, com os olhos atentos a qualquer movimentação e com as armas prontas para combate. Segundos depois, chegaram ao corredor.

– Peguem o corpo e tragam para cá! – ordenou Pedrosa.

Enquanto Munhoz e Costa pegavam o corpo, Pedrosa abriu a porta, fazendo um pequeno rangido devido ao tempo que passou sem ser utilizada. Todos entraram, com armas em riste e inspecionando cada canto da igreja.

Apesar de ser noite, a cúpula clara da igreja, associada com as grandes janelas e algumas velas, deixavam uma luz bruxuleante banhar o local. As colunas com detalhes em ouro refletiam pequenos fechos de luz, tornando o lugar ainda mais misterioso.

As paredes eram cobertas por pinturas, parte lembrando a glória do céu e, as demais, feitas em tons escuros, principalmente em vermelho, retratando as amargas torturas do inferno.

– Esse local é meio sombrio... – deixou escapar Thiago.

– Só espero que aqui não seja a minha tumba – respondeu Enzo.

Pedrosa demonstrou uma expressão de desaprovação, requerendo silêncio. Caminharam, lentamente, até o altar e o sargento fez um sinal para que eles depositassem o cadáver atrás de um balcão onde ficavam diversas velas.

No fim do altar, no canto esquerdo, percebia-se um pequeno desnivelamento no chão. Pedrosa passou a mão sobre o local e encontrou um pequeno pedaço de arame. Olhou para Enzo que estava ao seu lado, com uma pequena lanterna nas mãos, e deu um sorriso. Puxou devagar, evitando ruídos desnecessários e uma passagem ligada a uma escada de madeira apareceu.

Um por um, todos desceram, entrando em um cômodo pequeno e gelado, onde apenas uma lâmpada fraca iluminava de forma quase ineficaz. Pedrosa colocou a bandoleira e soltou o fuzil, pegando a sua pistola com silenciador, fazendo com que o ato fosse imitado por todos os soldados.

Passo a passo, aproximou-se vagarosamente da porta e observou cinco camas, todas ocupadas. Colocou-se de lado, olhando para os soldados. Levantou cinco dedos e depois passou a mão no pescoço.

Os rostos dos soldados resplandeciam por causa do suor, apesar do frio cortante que se fazia presente. Os olhares eram tensos e o medo quase petrificava o ar no local. Apesar de terem feito a invasão e estarem perto de eliminar os principais alvos, sabiam que seria difícil sair sem dificuldades daquele lugar.

Pedrosa olhou firme para os soldados, tentando passar segurança. Porém, ele mesmo estava apreensivo. Tentou disfarçar o seu receio contando até três em voz baixa, como se isso afastasse de si os fantasmas que lhe assombravam. No três, entrou na quarto, sendo seguido por seus subordinados. Disparam diversas vezes

sobre cada um dos oficiais que estavam dormindo, não dando chance para qualquer reação.

No mesmo instante, uma onda da tranquilidade e calma tomou o lugar.

– Nem acredito que conseguimos! – exclamou Munhoz. – Pensei que você fosse nos matar no fundo desta bosta síria, Pedrosa.

– Senhor ou sargento. – Respondeu o sargento. – Não sou um dos seus amigos imbecis!

Munhoz olhou de soslaio, com vontade de matar o sargento. Enquanto isso, Thiago aproximou-se de um dos corpos e tirou o lençol de cima, ficando paralisado por alguns segundos.

– Sargento, acho que você precisa ver isso aqui.

– O que foi, soldado Ferris?

– Você precisa ver isto, senhor.

Quando o sargento se aproximou, não acreditou em seus olhos. Suas pernas bambearam por alguns segundos e ele teve que se apoiar na parede. Olhares atentos seguiam a sua reação. Ele tentou se controlar e olhou na cama ao lado, mas encontrou a mesma coisa.

– Soldados, preparem seus fuzis e vamos sair daqui.

– O que aconteceu, sargento? – questionou Munhoz.

– Estamos ferrados, soldado. Agora pegue a porcaria do seu fuzil e saia desse quarto.

Munhoz empurrou o sargento e foi ver o que estava acontecendo. Jurou para si mesmo que não sairia dali sem respostas. Ao deparar-se com a cena, empalideceu. Costa, percebendo a reação, questionou.

– O que está acontecendo, Munhoz?

– Caímos em uma emboscada... Caímos na maldita de uma emboscada... – Parou e recuperou o fôlego. Olhou para Pedrosa e ele estava pálido. – Atiramos em bonecos! Estamos mortos e dessa vez é para valer!

Munhoz tirou a pistola e apontou para o sargento Pedrosa. Ele, como se estivesse em outra realidade, ficou apenas observando de forma impassível.

– Agora eu te mato, Pedrosa. Você foi homem com a arma na minha cara, mas quero ver se você é macho de verdade desarmado.

Antes que Pedrosa respondesse qualquer coisa, Munhoz sentiu algo quente em sua nuca e um arrepio correu por todo o seu corpo.

– Acho melhor você guardar essa pistola, senão serão dois mortos e não um – sussurrou Thiago.

Munhoz guardou a pistola, mesmo contra a vontade e, logo após, Thiago afastou a arma de sua nuca. Distanciaram-se e trocaram olhares ameaçadores, mas guardaram os seus pensamentos para si mesmos.

Todos começaram a sair rapidamente do quarto e subir as escadas. Em questão de segundos, estavam no interior da igreja novamente.

– Soldados, o plano continua o mesmo. Vamos sair e explodir essa porcaria toda.

– Se é que tem alguém lá fora. Talvez tenha sido tudo uma brincadeira – alfinetou Munhoz.

– Vamos! Antes que eu mesmo atire em alguém aqui...

Seguiram rapidamente para a saída, todos armados e prontos para uma possível batalha. Porém, ao se aproximarem da porta, viram que, em frente a ela, um homem pendia enforcado.

– Agora ferrou de vez!

Pedrosa exclamou e sentou-se em um dos bancos da igreja. Sua face demonstrava medo e agonia.

Munhoz, indignado, aproximou-se.

– Sargento, você está com medo de um corpo? O cara está morto!

– Cale a boca, seu idiota!

– Vem aqui e vou te mostrar quem é idiota!

Pedrosa levantou-se e deu um soco na cara de Munhoz. Antes que ele reagisse, o sargento o jogou no chão e ameaçou atirar.

– Sabe quem é aquele ali? Não é apenas um corpo! Aquilo é um aviso, seu imbecil! Aquele desgraçado dependurado era o informante.

Um silêncio mortal tomou o ambiente. O breu natural da igreja pareceu se intensificar e a luz bruxuleante das velas parecia querer se extinguir.

– Senhor, talvez seja melhor solicitar reforços.

– É? E se não tiver ninguém lá fora?

Peçanha, o autor da observação inicial, pensou por um segundo.

– Senhor, melhor passar vergonha do que morrer.

– Eu tenho vergonha de vocês! Mensageiros da Morte... Vocês estão mais...

Antes que ele terminasse a frase, um estrondo foi ouvido e a grandiosa entrada da igreja deixou de existir. Das antigas portas de madeira sobraram apenas lascas sendo arremessadas para todos os cantos.

– Em formação! Em formação! Usem os bancos como escudos, seus idiotas – bradou Pedrosa.

No segundo seguinte, diversos soldados surgiram na entrada da igreja, atirando sem dó. Peçanha, que não conseguiu se abaixar a tempo, foi alvejado três vezes. Ao desabar, era possível ver lágrimas e sangue cortando o rosto do soldado.

– Sargento, peça reforço... e... um... médico...

– Agente firme, soldado.

Pedrosa levantou-se, disparou uma saraivada e abaixou-se rapidamente. Entretanto, sua investida foi sem resultado.

– Munhoz, você vai ficar deitado no chão igual uma criança ou vai lutar?

– Vai se ferrar, sargento!

Thiago olhou ao redor e percebeu que a pilha de bancos improvisada como barreira cederia mais cedo ou mais tarde.

– Sargento, peça reforço aéreo logo. Precisaremos sair daqui o mais rápido possível.

Olhou para o lado e viu que Enzo era o único que combatia de verdade, atirando sem medo de ser alvejado.

– Enzo, estamos muito concentrados. Precisamos nos distanciar para dividir a força de ação deles. – Levantou e atirou, acertando dois soldados. Agachou-se novamente. – Me cubra que eu vou para o altar.

Antes que Enzo respondesse, Pedrosa começou a gritar no comunicador.

– Soldado, aqui é o primeiro-sargento Pedrosa do Grupamento de Operações Especiais. Solicito apoio aéreo. Estamos sob ataque contínuo e temos um homem ferido.

Pedrosa calou-se e ouvia a resposta atentamente. Segundos depois, começou a esbravejar.

– Soldado, dê seu jeito. Não me importa se eles virão montados em águias ou utilizarão helicópteros. Se o apoio aéreo não chegar logo, te juro que se eu sobreviver, eu te esfolarei lentamente!

Ouviu uma resposta e terminou:

– É assim que eu gosto!

Levantou e começou a atirar, como se todos ao redor não estivessem presentes. Para Pedrosa, naquele momento, só existia o inimigo a ser vencido.

– Enzo, jogue uma granada nos bastardos e me cubra.

– Quando?

Thiago posicionou-se para correr e respondeu:

– Agora!

Enzo jogou a granada, causando confusão entre as linhas de ataque sírias. Muitos soldados morreram no ato e outros foram mutilados. Aproveitando-se da confusão e da fumaça, Thiago colocou-se a correr e jogou-se atrás de um pequeno elevado que ficava no altar da igreja.

Antes mesmo que a fumaça abaixasse completamente, Thiago lançou uma segunda granada, dizimando outros soldados. Quando a fumaça deu trégua, Thiago contou dez soldados entrando na igreja e por volta de vinte do lado de fora.

Não houve descanso; os tiros recomeçaram de forma ainda mais intensa. Os ruídos, ampliados pelo local fechado, eram ensurdecedores. Cada bala disparada soava como se o mundo desabasse sobre sua cabeça.

Abaixado, contou até três, tentando relaxar e ignorar os ruídos a sua volta. Contudo, a tentativa não surtiu efeito. Fechou os olhos e respirou fundo. No mesmo instante, lhe veio à mente a morte de Letícia. Passaram, diante de seus olhos, as últimas risadas dos dois, os segredos compartilhados e ela lhe emprestando o livro que tinha acabado de ler. Seu coração acelerou e uma ira incontrolável tomou conta de seu peito.

Antes mesmo que pudesse raciocinar, percebeu que estava atirando descontroladamente. Em cada sírio a sua frente, enxergava o algoz que tirou Letícia de sua vida. Só parou quando um engasgo da arma anunciou que a munição havia acabado. Escondeu-se e colocou o último pente. Levantou-se rapidamente, observou a posição de cada combatente inimigo e abaixou-se, só para ter certeza que ninguém tentaria alvejá-lo. Esperou alguns segundos e voltou ao combate. Na primeira saraivada, matou três sírios, mas perdeu diversos disparos. Desconcertado com os erros, jogou-se ao chão.

– Thiago, preste atenção. Você precisa sair daqui vivo – falou baixinho, para si mesmo, como se fosse um mantra. – Você precisa se vingar. Mortos não se vingam. Mortos não se vingam...

Levantou-se e voltou a atirar, matando dois sírios e ferindo mais um. Contudo, viu mais soldados chegando. Praguejou, voltando a se esconder. Respirou fundo mais uma vez e pensou em sua vingança, fazendo um sorriso brotar de seus lábios. Voltou a atirar, acertando um sírio na cabeça, outro no pescoço e um terceiro, que tentava se esconder atrás de uma das colunas, no peito.

O seu sorriso e confiança aumentavam gradativamente. Abaixou-se para recompor-se e levantou novamente. Assim que apontou sua arma, um projétil passou de raspão em seu braço, mas Thiago foi mais ágil que seu inimigo, atirando três vezes naquele que quase lhe acertou. Olhou os demais oponentes que, concentrados em abater o grupo que estava no meio da igreja, não o perceberam e começou a atirar freneticamente, só parando quando a munição se esgotou. Jogou-se no chão, ainda a tempo de ver algumas balas passando por sobre a sua cabeça.

Thiago pegou a pistola, olhou o carregador e viu que só tinha uma bala.

– Merda!

Levantou a cabeça para observar os oponentes, mas, no mesmo momento, uma bala passou ao seu lado, obrigando-o a abaixar-se. Levantou-se novamente, calculando a distância aproximada até o resto do seu grupo. Antes que se abaixasse, outra bala passou de raspão em seu ombro, fazendo que o sangue esguichasse e ensopasse o uniforme.

Sentado, Thiago pegou uma granada e a pistola, colocando-as a sua frente. Ficou quieto, tentando analisar se aquela realmente era a melhor opção. Não pensando em nada melhor, percebeu que era tentar ou morrer dentro de uma igreja no fim do mundo.

Levantou-se rapidamente e, antes que tentassem acertá-lo, jogou uma granada e começou a correr. Thiago não havia nem descido do altar e um soldado sírio, que não fora afetado pelo explosivo, o viu. Sem alternativa, Thiago atirou, acertando o peito do combatente com sua última bala. Enquanto corria, pegou outra granada e jogou, fazendo o ar se tornar um misto de poeira, lascas e gritos agonizantes.

Ao chegar, Pedrosa o encarou e começou a gritar:

– Onde você estava, seu frouxo? Ficou com medinho e foi se esconder? Eu mesmo deveria ter...

– Sargento, se você lutasse tanto quanto fala, já teríamos vencido a batalha.

– Ferris, seu insolente. Eu vou enfiar...

– Minha munição já acabou. E a sua, sargento?

Pedrosa não falou mais nada, limitando-se a encará-lo com cara de poucos amigos.

Thiago, ao ver Peçanha já morto no chão, procurou pelo carregador extra que ele levava nos seus equipamentos.

– Se você estiver procurando pelo pente, eu já peguei o da arma e o extra – disse Enzo.

– Estou sem munição.

– Percebi... – Enzo levantou-se e atirou três vezes, atingindo dois inimigos. – Veja na pistola.

Thiago começou a procurar e encontrou a arma. Ao olhar o pente, viu que estava com três balas.

– Melhor do que nada – disse mais para si do que para Enzo.

Thiago sentou-se de costas para os bancos que os protegiam e começou a pensar na vida que tinha antes da guerra. Tudo parecia ter acontecido há milênios antes. Olhando para si, nem conseguia se reconhecer mais: era outra pessoa, definitivamente. *Uma pessoa morta*, pensou. *Se a munição deles acabar, serei uma pessoa morta.*

Um grito de Pedrosa cortou os pensamentos de Thiago.

– Três minutos? Nós não temos munição nem para três segundos. Estão nos trucidando!

Sargento Pedrosa gritava e gesticulava com o rádio no ouvido.

– Já que não posso fazer mais nada, eu morro enquanto espero o seu suporte aéreo.

Pedrosa colocou o rádio de lado.

– Aqueles cornos disseram que vão chegar daqui três minutos e que devemos estar do lado de fora, pois o resgate deve ser rápido.

– E como vamos passar por eles? – questionou Munhoz, indicando os soldados sírios.

– Vamos jogar granadas nesses bastardos.

– Sargento Pedrosa, eu não sou engenheiro, mas acho que jogar mais granadas pode afetar a estrutura do prédio e fazer com que ele desabe. – Thiago fez uma

pausa, olhou ao redor e continuou a argumentar. – Nós jogamos apenas algumas granadas no meio da igreja e mesmo assim já há rachaduras nas paredes.

– Você tem razão, soldado Ferris.

– Obrigado.

– Soldados, vamos jogar granadas nesses desgraçados, principalmente pertos das colunas. Vamos desabar essa porcaria na cabeça deles.

Munhoz se exaltou na mesma hora.

– Você não ouviu o que ele disse? Isso vai desabar se jogarmos granadas.

– Seria bom se vocês ajudassem aqui – disse Duarte. – Eles estão ganhando terreno.

– Munhoz, eu ouvi perfeitamente. E é exatamente por isso que nós vamos jogar as granadas.

– Nós vamos morrer soterrados, imbecil!

– Não. Vamos sair por onde entramos.

Pedrosa engatinhou até a porta e tentou abri-la, mas ela estava fechada. Tentou usar a chave, mas algo havia sido colocada na fechadura.

– Merda!

– Se tivesse aberta, os sírios teriam entrando e nos fuzilados. Simples – disse Munhoz, com um sorriso no rosto, por triunfar sobre Pedrosa.

Pedrosa tirou a bandoleira e entregou o fuzil nas mãos do Thiago.

– Fiquem o mais longe possível dessa porcaria de porta e aguentem esse bastardos por três minutos. Quando vocês ouvirem a primeira explosão, corram para cá e joguem as granadas nas colunas.

– Certo – respondeu Thiago.

Quando Thiago olhou para o lado, Duarte, Costa e Enzo já haviam se afastado. Ele fez o mesmo, deixando Pedrosa com as reclamações de Munhoz.

– Você vai nos enterrar nesse lugar. Jogar granadas?! Você realmente acha que é essa a solução?

– Cale a boca, soldado. Pegue esse fuzil e comece a atirar, antes que eu o enfie em outro lugar.

Pedrosa virou-se e começou a analisar a coluna que havia quase ao lado da porta. O sucesso do seu plano dependia dela. Se aquela coluna não suportasse,

estariam todos mortos.

– Você se acha demais, Pedrosa. Lá fora, você é homem como eu; sangra como eu. Lá você não é o sargento adorado pelo capitão.

– Você está me ameaçando, soldado?

– Cada um entende as coisas da forma que quer... Alguns nem entendem.

Thiago alternava a sua atenção entre o confronto e a discussão, prevendo uma tragédia. Ambos eram impulsivos e estavam exaltados.

– Olhe aqui, soldado... – Pedrosa gesticulava compulsivamente. – Se você acha que pode me ameaçar e ficar livre, como se nada tivesse acontecido, você está muito enganado.

– O que vai fazer? Derrubar essa paróquia na minha cabeça? Correr para a barra da saia do capitão Dias? Pedir o Enzo e o novo soldado extraordinário para te proteger?

Pedrosa chegou a formular a resposta, mas o barulho do helicóptero se aproximando afastou os seus pensamentos.

– Sargentinho, o seu resgate chegou. O que você vai fazer além de nos soterrar?

Pedrosa tirou a pistola da cintura e disparou duas vezes contra Munhoz, acertando-o na cabeça e no tórax.

Do outro lado, entre ataques inimigos cada vez mais intensos, Thiago olhava, boquiaberto, a ação do seu comandante. Ele não acreditava nos seus próprios olhos e não entendia como aquilo poderia estar acontecendo.

Pedrosa, imediatamente, olhou para trás, na direção de seus subordinados e os viu lutando bravamente. O exército sírio ganhava terreno e estava a alguns metros de todos, mas os seus soldados não desistiam. *Antes massacrados do que prestando atenção no que aconteceu. Se eu alguém viu, eu estou ferrado.*

No seu íntimo, Pedrosa se envergonhava do que fez. Apesar do seu jeito durão, nunca havia matado um dos seus e sabia que aquele não era o jeito certo de resolver as coisas. Porém, tentou afastar esses pensamentos de sua mente e se concentrar no que teria que fazer.

Posicionou-se atrás da coluna, que era um pouco menor que a largura do seu corpo, deixando um dos braços desprotegidos. Pegou a granada, puxou o pino e jogou-a, aguardando a explosão. Instantes depois, ouviu um som estridente e o

calor gerado fez a pele do seu braço ferver. Quando virou, viu a porta escancarada. Seus homens já corriam em sua direção, jogando granadas nos inimigos.

Pedrosa tirou a pistola da cintura no exato momento que seus homens chegaram.

– Corram e atirem em quem for preciso, mas protejam o helicóptero até que ele pouse.

Aos avistá-los saindo da paróquia, o piloto do helicóptero começou a fazer a manobra de pouso.

– Sargento?! – Chamou Thiago.

– Diga, soldado Ferris.

– Cadê o Munhoz?

Pedrosa, na mesma hora, ficou pálido, sem saber o que dizer.

– Sargento? O senhor está bem?

– Estou, soldado Ferris. Foi só uma tontura por causa do ferimento no braço. – Mostrou o ferimento causado pela bomba.

– Compreendo... E o Munhoz, senhor?

– Eles o pegaram. Os bastardos o pegaram. Dois tiros, um na cabeça e um no tórax. Você sabe que ele era descuidado.

– Você viu tudo, sargento?

– Vi, infelizmente.

– Pobre Munhoz, não merecia esse fim.

– Realmente não merecia. Realmente não merecia...

Capítulo 51

Thiago teve um sono inquieto e perturbador. Por diversas vezes, as imagens da morte de Munhoz se tornavam pesadelos aterrorizantes. Em outros momentos, era Letícia quem vinha interromper seu sono.

Ao acordar, com os olhos cobertos por olheiras e o cansaço dominando o seu corpo, viu que os demais soldados também estavam abatidos. A morte de mais um deles abalou a todos.

Pedrosa, com ataduras no braço e alheio a situação dos soldados, entrou gritando no improvisado alojamento.

– Maricas, já passou da hora de acordar!

– Sargento, tivemos uma noite difícil. Não tem como relaxar um pouco não? – questionou Duarte.

– Soldado, aproxime-se.

Duarte chegou próximo ao sargento.

– Agora abaixe e pague duzentas flexões para deixar de ser frouxo. Estou com o braço arrombado e não estou reclamado.

– Minha namorada é mais valente que o Duarte – comentou Enzo, com um sorriso no rosto.

– Então assumiram o namoro, é?! – Sorriu Pedrosa. – Duarte, você vai pagar quatrocentas. A namorada do Peixoto pagaria duzentas sem reclamar.

A risada foi geral e o clima de insatisfação parecia ter evaporado.

– Soldado Ferris, vá falar com o capitão Dias! – gritou Pedrosa. – Ele está a sua procura... E veja se não me envergonhe; eu salvei o seu traseiro ontem.

Thiago levantou-se e parou em frente ao sargento Pedrosa.

– Permissão para retirar-se, senhor.

– Vá se danar, Ferris. Suma logo da minha frente!

Thiago caminhava devagar pela base, dirigindo-se ao local onde o capitão Dias coordenava toda a tropa desde a invasão síria.

Ao se aproximar da entrada, um guarda carrancudo o olhou da cabeça aos pés, mas nada disse, abrindo passagem para que ele entrasse. Bateu à porta e aguardou.

- Bom dia, soldado Ferris. Eu estava a sua espera.
- Bom dia, capitão.
- Entre, por favor. Como foi a missão ontem?
- Exhaustiva, senhor.
- Uma guerra é exaustiva... Sente-se, Ferris.

Thiago sentou-se e ficou observando o escritório belamente decorado, mesmo após ter sido destruído na invasão síria.

– Soldado Ferris, não há uma maneira fácil de falar o que devo lhe dizer. Então, prefiro ser direto. Você concorda?

– Certamente.

– Ontem à noite, fomos informados que seus pais foram brutalmente assassinados.

Thiago ficou pálido na mesma hora e apoiou-se sobre a mesa. Tentou falar, mas as palavras fugiram dos seus lábios. As lembranças começaram a inundar o seu coração e a dor se fez presente. Não conseguia parar de pensar em sua mãe defendendo-lhe, apesar de seus erros.

– Sinto muito pela sua perda, soldado. Caso você queira, posso conseguir uma licença para você ir ao Brasil acompanhar o funeral. Ou, até mesmo, esparecer a mente.

– Você não sente nada.

– O que disse?

Thiago só conseguia ver o rastro de destruição que ele mesmo causou. Letícia, seus pais e outras diversas vidas foram ceifadas por sua causa.

– Eu disse que você não sente a perda. Você não conhecia minha mãe! Sua vida continuará a mesma! Não finja sentir algo que não sente, capitão.

– Soldado Ferris, eu compreendo a sua dor, mas peço que você pese suas palavras. Sou seu superior hier...

– Você pode me prender, eu sei. – Thiago fez uma pausa, analisando toda a situação. – Não quero a licença, capitão Dias. Mas já que eu posso contar com você... Eu preciso de um favor.

– Só dizer, soldado Ferris.

– Preciso fazer uma ligação particular. Eu gostaria de usar o seu telefone, se possível, porque ele é criptografado... Obviamente, você será recompensado por

isso.

– Não penso em recompensas, soldado. Aqui está o celular. Estarei na sala ao lado, caso precise de mim. Meus pêsames.

Thiago pegou o celular e ficou pensando em tudo o que o aconteceu. *Brutalmente assassinatos... Já sei de quem isso é obra.*

Thiago digitou o número no celular e apertou a tecla para realizar a chamada. Alguns segundos depois, ouviu a resposta.

– Dr. Fernandes falando.

– Fernandes, é o Thiago.

– Fale aí, Thiago. Já estava esperando a sua ligação.

– Você soube o que aconteceu com meus pais?

– Claro! Saiu em todos os jornais. A polícia federal está investigando o caso. Acreditam que pode ter relação com lavagem de dinheiro, sonegação e essas coisas.

– Meus pais não fizeram nada disso!

– Eu acredito em você, Thiago.

– Você ainda tem a procuração?

– Tenho, é claro. Como você sabia que isso iria acontecer?

– Intuição... O Antenor não tem escrúpulos.

– Você acha que foi ele, então?

– Eu tenho certeza que foi ele, Fernandes. Quem mais poderia ser?

– Não sei, Thiago.

– Vamos seguir o combinado anteriormente. As ações serão passadas para mim, de acordo com o testamento. Venda-as com a procuração, mesmo que seja abaixo do valor real. Venda até mesmo para o Antenor, caso seja necessário. – Fez uma pausa, organizando os pensamentos. – Trinta por cento do valor arrecadado é seu. Os outros setenta, você deverá depositar naquela minha conta no exterior.

– Pode deixar comigo, Thiago. Eficácia é meu primeiro nome e honestidade é o segundo.

– Sei... Não é bem isso que dizem por aí... Nem tente gracinhas, senão você já sabe.

– Eu conheço seus métodos, Thiago. Imagino que agora você saiba atirar...

– Como você é engraçado, Fernandes.

– Mais alguma coisa, Thiago?

Thiago ficou calado por alguns segundos, analisando o próximo passo a ser tomado.

– Thiago?! Eu tenho coisas para fazer.

– Eu tenho uma missão para você.

– Missão? Eu virei agente secreto?

– Quase isso. O quão inteligente e influente você é? Seus contatos são bons?

– Você está me testando, Thiago? Você sabe que sou o melhor no que faço. Tenho o submundo em minhas mãos.

– Veremos. Tenho algo quase impossível para você fazer.

– Pode falar.

– Até onde você iria por vingança, Fernandes?

– Não sei.

– Mas eu sei e provavelmente você achará que estou louco.

– Diga algo que me surpreenda.

Capítulo 52

O sol ainda surgia no horizonte de forma tímida quando Pedrosa entrou gritando no alojamento.

– Acordem, seus inúteis! Depois de uma semana com os pés para cima, igual a burgueses, finalmente teremos ação.

– Não está um pouco cedo para a ação, sargento? – questionou Thiago. – São quatro da manhã.

– Você sabe qual é o destino das pessoas que reclamam, soldado Ferris?

A imagem de Munhoz, instantaneamente, veio à mente de Thiago.

– Sei, sargento. Eu vi o que acontece com quem reclama. – Fez uma pausa. – Apesar de ninguém mais ter visto...

Pedrosa e Thiago ficaram se encarando, um tentando analisar até onde o outro tinha entendido o que foi dito. Segundos depois, o clima de tensão foi quebrado com o questionamento do soldado Costa.

– Sargento, qual a missão da vez?

– Recebemos informações da chegada de um caminhão com armamentos e explosivos para o exército sírio. Fomos informados onde o caminhão fará a entrega. Nosso objetivo será explodir tudo. Alguma dúvida?

– Haverá escolta e soldados sírios no momento do recebimento das armas? – questionou Duarte.

– Muito provavelmente, soldado.

– Preparem-se, homens! Vamos ter mais uma missão que nos levará a bater um papo com Hades – debochou o soldado Duarte.

– Para você vir a essa hora, suponho que sairemos agora, né?!

– Isso, soldado Ferris. Daqui trinta minutos, quero todos vocês em frente ao escritório do capitão Dias. Ele quer falar com vocês.

Assim que o sargento Pedrosa se retirou, Thiago se vestiu rapidamente e pegou a sua arma. Quando estava saindo, Enzo o chamou.

– Thiago! Aonde você vai desse jeito? Não se passaram nem cinco minutos ainda.

– Preciso falar com uma pessoa, urgentemente.

– Hum... Danado.

Os soldados começaram a rir a fazer piadas sobre a suposta conquista amorosa de Thiago. Ele, ignorando os comentários, saiu do recinto e correu até o gabinete do capitão Dias.

A cada passo que Thiago dava, seu coração pulsava mais forte e ele se perguntava se tinha feito a escolha correta. Porém, as decisões que tinha tomado e as mortes decorrentes delas pesavam a sua consciência e ratificavam sua resolução.

Minutos depois, chegou ao escritório do capitão.

– Preciso falar com o capitão Dias.

– Não sei se você tem relógio, mas ele não está atendendo no momento.

Thiago retirou a carteira do bolso, pegou duas notas de cem reais e colocou-a na mão do soldado responsável pela vigia.

– Você acha que pode me comprar com duzentos reais, soldado?

– Sinceramente?! Eu tenho certeza que posso.

Os dois ficaram se encarando e, alguns segundos depois, o soldado colocou as notas no bolso.

– Espere aqui.

– Diga que o soldado Ferris quer falar com ele.

O soldado entrou e Thiago ficou aguardando do lado de fora. Conseguiu ouvir algumas palavras da conversa. Porém, em questão de segundos, o tom cordial foi substituído por gritos do capitão Dias.

Cinco minutos depois, o soldado saiu carrancudo.

– O capitão vai te receber, soldado. Considere-se com sorte.

– Eu sou uma pessoa de sorte, soldado.

Thiago viu que a porta da sala do Dias estava entreaberta e entrou sem bater.

– Bom dia, capitão.

– Bom dia. É uma surpresa encontrá-lo tão cedo. Pensei que lhe veria em instantes, junto com os outros soldados.

– Compreendo. É que eu preciso fazer uma ligação rápida, senhor. Prometo ser ligeiro.

Dias passou o telefone para Thiago e saiu da sala.

Discou o número do Dr. Fernandes, mas, depois de alguns toques, a chamada caiu na caixa postal.

– Atenda, desgraçado! – desabafou, batendo na mesa.

Ligou novamente e, depois de quatro toques, Fernandes atendeu.

– Thiago?!

– O próprio. Será hoje?

– Exatamente, será hoje.

– Como irei reconhecê-los?

– Eles irão te reconhecer.

– Certo. Espero que saia tudo conforme o combinado. Se tentar alguma graça, um presente desagradável chegará para você.

– Compreendo os riscos.

– Adeus, Fernandes. Obrigado pelos serviços.

– Não há de quê.

Thiago encerrou a ligação e saiu da sala. No corredor, entregou o telefone ao capitão Dias.

– Obrigado, senhor.

– Estou a sua disposição.

– Até logo.

– Até.

Thiago saiu do escritório e cumprimentou cordialmente o vigia. Caminhou por alguns metros a esmo e, esgotado desta vida, jogou-se ao chão.

Sentiu a areia fresca sob seus dedos e refletiu sobre a guerra, lembrando as palavras de sua amada. *Tudo tem um motivo*, pensou. *Ela tinha razão... Todos, nesse mundo ridículo, têm uma missão. Encontrei a minha... Encontrei a minha...*

Balançou a cabeça, como se quisesse afastar os pensamentos. Precisava estar atento para tudo que se seguiria. O plano já estava confirmado; ele não poderia errar.

Pegou os dois MP3 que estavam escondidos em sua bota. Colocou o primeiro no bolso esquerdo, cuidadosamente. O futuro dependia daquele pequeno aparelho.

Ligou o segundo, conectou o fone e começou a escutar rock no último volume. Fechou os olhos e lembrou-se novamente de Letícia. Sentiu saudades das

palavras exóticas que só ela conhecia, do seu sorriso meigo e de suas ideias incomuns. *A vingança é um prato que se come frio...* Pensou, lembrando-se do ditado. *E nesse caso, vou enfiar gelado pela goela deles... Letícia, eu te prometo que você será vingada.*

Absorto em seus pensamentos, não percebeu que Enzo aproximava-se. Só se deu conta de uma companhia quando sentiu o frio beijo do metal um pouco acima da sua nuca.

Thiago levantou as mãos calmamente, retirou os fones e depois ficou parado, esperando qualquer ação do seu carrasco. Quando já dava a morte como certa, sentiu uma respiração em seu pescoço.

– Falou com a dama, garanhão?

– Que porcaria é essa?! Você quer me matar do coração, Enzo?

– Você parece a minha mãe falando... Só que ela fala mais grosso.

Os dois começaram a rir.

– Quando eu te conheci, você era mais sério.

– Quando eu te conheci, soldado Ferris, você era marrento, prepotente e idiota.

– Isso foi um elogio?

– Quase... Agora você é só idiota mesmo! Até que você se tornou uma pessoa melhor.

– Um rabo de saia te deixa babaca, diria o Pedrosa. – Riu do próprio comentário. – Eu diria que o amor nos muda...

– Você está se ouvindo? Agora você parece a Beatriz falando...

Os dois começaram a rir e a conversar sobre amenidades, até que os demais soldados chegaram, juntamente com Pedrosa.

Duarte e Costa se juntaram a Enzo nas provocações a Thiago, enquanto o sargento foi avisar ao capitão Dias que a sua equipe estava preparada.

Minutos depois, Dias saiu de seu escritório e pediu a atenção do grupo.

– Soldados, a missão de hoje é de suma importância. A nossa vitória depende, também, do excesso ou falta de armas do inimigo. O que vocês farão será arriscado, mas estaremos aqui para dar todo o suporte. Separei para vocês o melhor material disponível em nosso armamento. Conto com o êxito da missão. Quem

sabe, no fim da guerra, vocês não sejam promovidos?! O Pedrosa dará as demais instruções.

Os soldados bateram continência e o capitão se retirou.

– Soldados, temos três granadas para cada. Vocês devem utilizá-las para destruir o caminhão. Para matar os bastardos, usaremos nossas próprias armas... A novidade é que teremos mais munição, o que é quase um milagre por aqui. Vamos de helicóptero até a base. De lá para o local aproximado da operação, iremos de carro. Alguma dúvida?

Ninguém respondeu.

– Peguem as granadas e a munição logo! Quem sabe eu também ganhe uma promoção.

Cada um pegou o que lhe era destinado e se dirigiram para o helicóptero.

Assim que adentrou na aeronave, Thiago colocou os fones no ouvido e voltou a escutar as suas músicas. Não queria compartilhar a alegria dos outros, concentrar-se-ia em seu destino.

A cada metro que o helicóptero se movia, sentia-se mais próximo do seu futuro, mais próximo da sua vingança... Toda viagem passou como um borrão, ofuscada pelas lembranças e desejos. A ira, a dor e o ódio inebriavam cada sentido seu.

A viagem de carro foi idêntica a de helicóptero. Cada trepidada arrastava Thiago para mais longe em sua reflexão e em suas lembranças. Porém, a freada brusca do jipe e os gritos de Pedrosa arrancaram-lhe de seus pensamentos.

– Soldados, daqui em diante, estaremos por conta própria. Preparem suas armas e almas, pois vamos enfrentar o demônio hoje.

– Vire essa boca para lá, sargento! – protestou Duarte, fazendo o sinal da cruz.
– Hoje nós vamos explodir um caminhão e sair todos vivos.

– Duvido muito – discordou Thiago. – Quando foi que algo deu certo?

– Ei, era só uma brincadeira, seus frouxos. Vamos andando. – disse pedrosa, cortando a reclamação.

A caminhada começou calma e serena. Só era escutado o som dos passos dos soldados encontrando a areia quase fofa e, algumas vezes, alguém praguejando ao tropeçar em algum destroço. Depois de quinze minutos de caminhada, Pedrosa parou, analisando o mapa.

– É aqui. De acordo com as informações, o caminhão fará a entrega naquele galpão ali na frente. Vamos nos dividir. Peixoto e Ferris, vocês vão por ali e observem as movimentações. Só atirem caso seja estritamente necessário. Soldados Duarte e Costa, vocês ficarão comigo.

Thiago e Enzo se moveram, silenciosamente, por entre os escombros e se posicionaram nas proximidades do galpão.

- Thiago, o que você pretende fazer quando sair daqui?
- Sinceramente, eu não sei.
- Não há ninguém que você queira ver, cara?
- Todos aqueles a quem eu amava foram assassinados.
- Sinto muito...

Os dois ficaram quietos, apenas observando a desolada paisagem ao redor. Minutos depois, Enzo voltou a tocar no mesmo assunto.

– Depois que sair daqui, eu pretendo voltar para a polícia, arrumar a minha vida e me casar com a Beatriz.

- Hum...
- É sério que você não tem nada em mente?

Thiago fez sinal para que Enzo ficasse calado e apontou para três soldados que caminhavam nas proximidades do galpão, como se estivessem procurando por algo.

- Quem são eles? Nunca vi esses uniformes antes.
- Não sei. Devem ser de algum grupamento especial.

Depois de algumas averiguações, fizeram sinal e um caminhão-baú preto começou a se aproximar devagar, evitando ao máximo fazer barulho.

- São eles!
- Vamos esperar o sinal do Pedrosa, Thiago.

– Essa é a nossa melhor chance. Quando o caminhão entrar no galpão, será praticamente impossível explodi-lo! Temos mais chances em campo aberto, Enzo.

- Nós cumprimos ordens, você sabe disso.
- Só se for você...

Antes que Enzo pudesse impedir, Thiago levantou-se e começou a caminhar em direção aos soldados inimigos. Depois de caminhar uns três metros, atirou,

acertando um soldado que estava de costas.

– Merda! Qual o problema dele!?

Enzo, inconformado, levantou-se, tentando dar cobertura ao parceiro. Pedrosa e os demais soldados começaram a atirar e jogar granadas em direção ao caminhão, transformando o automóvel em uma grande bola de fogo. O ar quente crestava a face dos soldados e levou à morte os que estavam mais próximos do veículo.

Diversos soldados saíram do Galpão e jogaram bombas de fumaça, tornando invisível tudo que estava a poucos metros de distância. Tiros começaram a ser disparados e gritos agonizantes podiam ser ouvidos.

Thiago parecia que estava em transe. Seu olhar estava perdido e suas pernas pareciam estar revestidas de concreto, impossibilitando qualquer tentativa de fuga. Parado, viu, por entre a espessa nuvem de fumaça, Duarte ser alvejado duas vezes, uma na cabeça e outra da perna, salpicando o chão de vermelho. Ao tentar socorrê-lo, o soldado Costa teve o mesmo destino.

– Thiago, volta para cá agora! Você está exposto, seu idiota!

Antes que ele pudesse se mexer, um atirador de elite, posicionado no telhado do galpão, reconheceu o alvo e atirou, acertando-o. Thiago caiu de joelhos e terminou desabando sobre o chão. Enzo, vendo o ocorrido, correu até o seu parceiro e começou a arrastá-lo para o lugar onde eles estavam antes.

Enzo começou a bater na face de Thiago, tentando reanimá-lo.

– Acorda, cara. Ainda há chances de sairmos daqui. Acorda!

Thiago, meio zozzo, entreabriu os olhos e disse com uma voz distante:

– Enzo, corre. Eles chegarão em breve. Eu aceito o meu destino.

– Você não vai morrer, cara. Nós vamos sair daqui e você será o meu padrinho.

Thiago, atordoado, enfiou a mão no bolso esquerdo e tirou o pequeno MP3. Colocou-o na palma de Enzo.

– Espero que um dia você me perdoe. Ouça a gravação... Confio no seu julgamento; mostre a verdade a todos. Não deixe que os culpados fiquem impunes...

– Do que você está falando, cara?

– Vá!

Thiago fechou os olhos e sua respiração cessou.

– Não, cara. Não faz isso! Acorda, Thiago!

Os tiros recomeçaram, só que mais perto. Enzo, com lágrimas nos olhos, colocou o MP3 no bolso, pegou o seu fuzil e começou a correr sem olhar para trás.

Capítulo 53

Enzo rolava na cama há duas horas. Todas as vezes que fechava os olhos, via Thiago sendo alvejado e sua vida se esvaindo. Aquela cena, repetida de forma compulsiva, atormentava a sua mente. Irritado, levantou-se e pegou o MP3 que Thiago havia lhe entregado.

– “Confio em seu julgamento”... O que será que ele quis dizer com isso? – perguntou para si mesmo, em voz alta.

Até aquele momento, não tivera coragem de escutar a gravação. Porém, a angústia já dominava a sua alma e a curiosidade minava a sua paciência.

– Já que não há nada para fazer... – disse em voz alta, para si mesmo. Ainda não conseguira se acostumar que estava sozinho no alojamento. Com exceção de Pedrosa, todos haviam sucumbido.

Encaixou o pino do fone no MP3 e começou a escutar a gravação.

No começo, apenas um ruído estranho, parecido com estática, era perceptível. Logo depois, conseguiu ouvir, nitidamente, um som parecido com alguém batendo a uma porta.

– *Para onde você acha que está indo assim?*

– *Para uma reunião, oras. Quando eles olharem essa sua cara de velho carcomido e desatualizado, vão desistir no mesmo minuto. Eles precisam de uma pessoa jovem que entenda seus objetivos. Por isso me chamaram.*

O silêncio dominou a gravação, até que, novamente, uma voz foi ouvida.

– *Thiago, uma coisa é parecer jovem, outra é sair direto de um show de Rock. Você precisava vir de calça rasgada e camisa do Ramones? Seu pai não te ensinou nada?*

Uma risada ecoou.

– *Ensinou que nunca deve subestimar as pessoas. Cuidado comigo, Antenor. Um dia eu serei seu chefe.*

Mais risadas, sendo interrompidas com um novo bater na porta.

– *Bem-vindos. Sentem-se, por favor. É uma honra recebê-los.*

Houve um breve silêncio e uma voz feminina surgiu.

– *Você deve ser o Thiago.*

- *O próprio, mademoiselle. Rendido aos seus encantos.*
- *Eles são bons, mas prefiro o Sex Pistols.*
- *Realmente são melhores. Qual a sua música preferida?*
- *Acho que temos assuntos mais interessantes a tratar.*
- *Concordo. A princípio, pensei que o próprio chefe de vocês viria.*
- *Ele é um homem muito ocupado e prefere não se expor no momento. Espero que você compreenda.*
- *Se é que me compreende, joguinhos de significados são muito chatos. Você pode dizer o que vocês querem e o porquê da menininha não querer se expor? Tenho certeza que você não atravessou oceanos para admirar a minha beleza.*
- *Vimos propor um acordo.*
- *E que acordo poderíamos ter com vocês? Somos de ramos bem diferentes.*
- *Vocês têm algo que nós precisamos e nós podemos te dar algo que vocês querem.*
- *Realmente você tem algo que eu quero.*

Uma gargalhada foi ouvida na gravação e Enzo identificou como sendo do Thiago.

- *Podemos entregar a vocês petróleo. Muito petróleo.*
- *Nós somos a Brasil Petros, a maior companhia de petróleo da América Latina e uma das maiores do mundo. Vocês são representantes de uma indústria de armamentos. Como vocês poderão nos dar petróleo?*
- *Guerra.*
- *Que guerra?*
- *Uma indústria de armamentos só sobrevive com guerras, Antenor. Sou o principal fornecedor das forças armadas americanas. Mas, se eles não gastam os armamentos que tem, não compram armas novas.*
- *E onde nós entramos nisso?*
- *Estamos com problemas financeiros. Queremos que vocês desviem verbas da Brasil Petros e nos repassem. Em troca, vocês terão uma porcentagem da nossa empresa. E, o mais vantajoso para vocês: privilégio na exploração do petróleo sírio e iraniano.*

Uma risada alta e contínua, parecendo de deboche, foi ouvida.

- *E como você pretende nos dar o petróleo árabe?*
- *Forjaremos uma guerra a nível mundial.*
- *Só não entendi ainda a parte em que exploraremos o petróleo.*

A gravação ficou muda, sem qualquer ruído. Enzo olhou para a pequena tela do MP3, temendo que tivesse terminado naquele ponto. Viu que o tempo do áudio continuava rodando, então esperou. Cerca de dez segundos depois, voltou a escutar a voz da mulher.

– *Vocês têm que entender que estamos nos expondo muito. Preciso que você confirme que o acordo será aceito e que tratarão tudo com a maior confidencialidade possível.*

– *Você tem a sua confidencialidade, mas o acordo só será feito se você nos explicar como ganharemos a concessão da exploração dos poços de petróleo.*

– *O dono da Strike Force será o novo presidente dos Estados Unidos da América.*

– *Como vocês garantem que isso acontecerá?*

– *Brasileiros... Vocês não pesquisaram nada sobre a nossa empresa antes de aceitar a reunião? Vocês estão prestes a fechar um acordo com o ex-senador norte-americano James Fillmore.*

Enzo pausou a gravação. Ele não acreditava no que estava ouvindo. Ele lutara ao lado de um dos homens mais ricos do Brasil e um dos causadores da guerra. O seu amigo mais próximo no exército era também o seu maior inimigo. Aquele que, a princípio, era o mais fraco e indefeso, na verdade, era o mais poderoso e ardiloso.

– *Se foi o Thiago quem armou tudo isso, que diabos ele estava fazendo aqui?*
– *perguntou para si, andando pelo quarto.*

Enzo estava inconformado. Para ele, algo naquela história não se encaixava. Tinha que haver uma explicação. Resolveu ouvir o resto da gravação. Apertou o play, mas apenas o silêncio e a estática se faziam presente. Esperou e, cinco segundos depois, a gravação terminou.

– *Porcaria!*

Revoltado, jogou o MP3 longe. Deitou-se e começou a pensar nas últimas palavras do Thiago. *O que você quer de mim, seu cabeça dura? O que você quer de mim?*

Capítulo 54

Eram por volta das três da manhã quando o som de tiros e explosões arrancou Enzo de seus pesadelos. Ao acordar, suas pernas tremiam e seu corpo estava coberto de suor. Antes que fosse capaz de sentar na cama, escutou outra explosão mais próxima.

Levantou-se o mais rápido que pôde e pegou o seu fuzil. Ao sair do alojamento improvisado, ainda abatido pela noite mal dormida, avistou um cenário de destruição e morte: centenas de soldados sírios haviam invadido a base e matavam a sangue frio todos que viam pela frente.

Alguns alojamentos estavam em chamas e o chão era uma mistura pastosa de areia e sangue, transformando a base em uma espécie de olaria demoníaca. Enzo começou a caminhar de forma lenta e mantendo-se oculto a maior parte do tempo. Sua munição era escassa e precisaria poupá-la ao máximo para poder defender Beatriz.

Após caminhar cerca de dez metros, Enzo avistou dois sírios espancarem um franzino soldado que parecia ter acabado de completar dezoito anos. Colocou-se em posição de tiro, fez a mira, aguardando o momento exato de agir. Porém, antes que atirasse, um militar graduado se aproximou dos soldados e começou a gritar algo incompreensível. Os três começaram a discutir e, no meio da confusão, o militar, que acabara de chegar, sacou uma pistola e atirou duas vezes na cabeça do jovem soldado brasileiro.

Enzo, desolado, escondeu-se atrás de um dos alojamentos, enquanto os três sírios passavam. Segundos depois, ao perceber que o perigo de ser avistado havia exaurido, continuou sua vagarosa caminhada até a enfermaria.

Ao passar por um dos alojamentos, uma voz estridente cortou o ar.

– Soldado Peixoto, seu inútil, aonde você vai?

Enzo virou-se, encarou Pedrosa e outros dez soldados.

– Estou indo para a enfermaria proteger a Beatriz – respondeu, sinceramente.

– Já há cerca de vinte soldados protegendo o local. Se eles não derem conta, não será você quem dará. Venha aqui agora!

Os soldados que estavam com Pedrosa se mostravam apreensivos e, constantemente, olhavam para fora do alojamento a procura de sírios que pudessem ameaçá-los.

– Os líderes do ataque estão no escritório do capitão Dias. Nós os atacaremos de surpresa. Talvez, se destruírmos o alto escalão, acabaremos com este inferno.

– Cadê o Dias, sargento? – perguntou Enzo.

– Está entocado na enfermaria, junto com sua namorada. Ele parecia uma criança assustada, aquele frouxo. – Um sorriso aflorou em seus lábios. – Você precisava ver.

– O que nós temos para o ataque? – perguntou Enzo, mudando de assunto.

– Tudo que você tiver com você agora e nada mais. – Fez uma pausa. – Ah, e claro: podemos roubar as armas dos mortos pelo caminho. Será de grande ajuda. Agora vamos!

O pequeno grupamento começou a caminhar, matando os soldados sírios que, ocasionalmente, cruzavam o caminho. A caminhada era rápida e descuidada, muito diferente da forma precavida que Enzo adotara até encontrar o sargento.

Faltando alguns metros para chegarem ao escritório do capitão Dias, Enzo se aproximou de Pedrosa.

– Qual o problema deles?

– Deles quem?

– Desses soldados. Eles não deram um tiro até agora; nós os protegemos até aqui. E eles tremem mais do que um terremoto.

Pedrosa riu, enquanto andava.

– Novatos... Chegaram duas semanas atrás. Quando os encontrei, estavam escondidos e suplicaram para que eu não os matasse.

Enzo ficou calado, perdido em seus próprios pensamentos.

– Qual será a estratégia de ataque?

– Atirar e correr; correr e atirar. Não há estratégia. O objetivo é fazer um rastro de corpos.

Pararam a poucos metros do local onde atacariam. De lá, podiam ver por volta de quinze soldados fazendo a guarda. Pedrosa virou-se para os seus comandados.

– Soldados, vocês vão correr e atirar naqueles bastardos. – Fez uma pausa, observando o medo nos olhos de seus subordinados. Resolveu aproveitar o sentimento. – Provavelmente, alguns de vocês passarão a comer grama pela raiz. Mas, se pensarem em fugir, eu lhes darei uma morte muito mais horrenda. Empalarei cada um de vocês com seus próprios fuzis. Estamos entendidos?

– Sim, senhor! – responderam todos.

– Então vamos!

Os soldados começaram a atirar como loucos, matando vários sírios antes mesmo que eles soubessem o que estava acontecendo. Os que restaram tentaram resistir bravamente. Porém, a batalha durou menos de um minuto.

Ao olhar para trás, Enzo viu que apenas quatro soldados haviam sobrado de pé.

– O que faremos agora, Pedrosa?

– Acabei de ter uma ideia, Enzo. Você gosta de churrasco?

Enzo não compreendeu a pergunta e, apesar de achar o questionamento estranho, resolveu responder.

– Gosto, senhor, mas não entendi a pergunta.

Pedrosa foi a um jipe que estava próximo, pegou o galão reserva de gasolina e começou a jogá-la ao redor do escritório.

– Sabe o que mais gosto nesse lugar, soldado Peixoto? Quase tudo é feito de madeira e lona. Agora observe o que acontece quando se mistura madeira, gasolina e uma pequena faísca.

Pedrosa abaixou-se e fez com que a pequena chama do seu isqueiro tocasse o combustível. Na mesma hora, um grande incêndio começou a se formar.

Pedrosa acendeu um cigarro e ofereceu ao Enzo. Este recusou na mesma hora.

– Não costumo fumar durante o trabalho, mas, hoje, abrirei uma exceção.

Deu uma longa tragada e disse:

– Soldado Peixoto, fique de olho na porta. Se eles tentarem correr, mate-os. Ou eles sairão ou virarão churrasco. – Deu uma alta gargalhada. – Eu adoro o meu trabalho...

Capítulo 55

Fillmore e Jack estavam exultantes. Naquela tarde, James tinha tomado posse como presidente dos Estados Unidos da América, se tornando um dos mais importantes líderes mundiais.

James Fillmore encheu o seu copo de gim e sentou-se na sua poltrona. Ao tomar um pequeno gole, sentiu o álcool percorrer suas entranhas, gerando um calor agradável e doce. Olhou para Jack e sorriu.

– Como você se sente sendo o assessor do homem mais poderoso do mundo?

Jack deu uma sonora gargalhada. Antes de responder, bebeu um gole de seu rum.

– Nem um pouco pretenciosa a sua pergunta, não?!

James deu um leve sorriso.

– Não... Acho que não. Não é pretenciosa, como você diz. É uma pergunta refletindo sobre a realidade. Caso você não goste de estar em tanta evidência, posso achar outra pessoa para o cargo.

– Dificilmente você achará outro tão bom. – Jack estava se divertindo com o assunto.

– Eu tenho em mente, só agora, uns cinco ou seis nomes. Qualquer um deles poderia fazer um serviço muito melhor do que seu.

– Ah, é? Interessante... Então, por que não me demite, senhor presidente?

– Porque você tem algo que eu gosto. Ou melhor, te falta algo que me é interessante.

– Beleza não é: eu tenho de sobra.

Os dois começaram a rir. James levantou-se e começou a caminhar por sua nova sala, ricamente decorada, apreciando cada detalhe. Em uma das paredes, havia um tapete persa decorado com diamantes, pérolas, rubis e esmeraldas colombianas. Numa outra, uma pintura belíssima de Federico Barocci completava o visual.

– Te falta caráter, Jack. Eu sei apreciar isso. Excesso de caráter é desastroso, assim como a falta exacerbada dele. Contudo, o segredo do sucesso está no equilíbrio. Você tem uma falta de caráter com rosto de bom-moço. Compreende o que quero dizer?

– Sim. Também lhe falta uma coisa, senhor presidente – disse enquanto bebia e observava ao redor.

– Isso é uma crítica ou um elogio, Jack?

– Uma crítica construtiva...

– Fale. Aproveite que hoje eu estou feliz.

– Te falta uma estilista. Esse tapete não tem nada a ver com o quadro.

– Isso é arte, Jack. A arte é como o poder: quanto mais se tem, mais se quer. Você não aprecia e não entende porque não tem nenhum dos dois.

Sentou-se e bebeu mais um pouco de gim, apreciando o calor causado pelo mesmo.

– Falando em poder, preciso cuidar dos negócios, Jack. Preciso me consolidar como líder mundial.

Jack fez cara de indiferença, visivelmente irritado pelo comentário anterior.

James pegou o telefone e digitou um longo número. Após alguns segundos, John atendeu.

– Quanto tempo, Chefe.

– Olá, John. Como vão as coisas?

– Aqui está tudo ótimo. Eles ainda desconfiam de mim, mas têm aumentado o apoio. Querendo ou não, a guerra está bem equilibrada. Eles estavam esperando uma derrota massacrante.

– Exatamente por isso que eu liguei. Está na hora de desequilibrar essa guerra.

– O que devo fazer, Chefe?

– É bem simples: vocês irão nos propor um acordo de paz.

Capítulo 56

O dia estava límpido, apesar do frio característico da época. A neve, que havia paralisado boa parte de Washington na semana anterior, era mais branda. Contudo, ao contrário da natureza, os ânimos na Casa Branca estavam agitados. O presidente Fillmore havia anunciado que faria um discurso sobre a guerra naquele dia, causando reboição na imprensa e na comunidade mundial.

Faltavam dez minutos para o discurso ao vivo e James estava sentado em sua confortável poltrona do escritório. Lia, calmamente, *A arte da guerra* de Sun Tzu. Analisava o livro e comparava com sua estratégia. *Tzu teria se orgulhado de mim*, pensou. Um sorriso veio aos lábios. Ao virar a página, Jack entrou na sala, interrompendo a sua leitura.

– Não me importo quando você bate à porta, sabia?!

Jack ignorou o comentário.

– Já está tudo preparado para o seu discurso, senhor presidente.

– Ótimo.

James voltou a ler, como se não houvesse mais ninguém na sala. Jack se mexia desconfortavelmente. Mesmo sendo amigo de James, era difícil ignorar o seu modo egocêntrico e presunçoso.

– Senhor, eu acho que está na hora de irmos para a coletiva.

James endireitou-se na cadeira e olhou firmemente para seu assessor.

– Meu querido amigo Jack, eu não te pago para você achar as coisas, mas para ter certeza. Quando estiver na hora, me avise.

James voltou a olhar para o livro, deixando Jack extremamente irritado.

– Senhor presidente, é necessário que o senhor compareça a área de imprensa, agora, para realizar o discurso.

– Viu como fica melhor, Jack? – James sorriu e fechou o livro. – Agora vamos! Não podemos nos atrasar.

Depois de uma curta caminhada, James chegou a uma sala de preparação, onde foi levemente maquiado e teve o microfone preso ao terno.

– Como estou? – Perguntou para uma das assessoras que estavam no local.

– Ótimo, senhor presidente.

– Eu sei. – Deu uma pequena piscada, fazendo a moça corar.

Segundos depois, entrou na sala de imprensa e aguardou. Assim que a operadora de câmera fez o sinal de que estavam no ar, começou.

– Senhoras e senhores, cidadãos do mundo, tenho a imensa felicidade de anunciar que, poucos dias depois da minha posse, após uma longa reunião entre alguns líderes mundiais e os presidentes da Síria e do Irã, chegamos a um acordo de paz. Os sírios e iranianos irão nos entregar todo o armamento atômico, químico e também parte dos tanques e navios de guerra. Além disso, as capitais dos países rendidos nos serão entregues para que administremos até que haja uma nova eleição. Por parte dos Estados Unidos da América e dos países aliados, não haverá represálias, sejam econômicas ou militares, evitando, assim, a morte de mais pessoas inocentes.

Fez uma pequena pausa, fingindo estar emocionado.

– É uma honra anunciar este acordo. Tenho como objetivo ser o guardião da paz nos Estados Unidos da América e no mundo, respeitando a vida, a liberdade e a diplomacia. Contudo, serei enérgico com quem ameaçar instaurar o terror e a guerra.

Capítulo 57

Cinco dias após o acordo de paz

Era horário de pico e as pessoas voltavam para casa, após um longo e cansativo expediente de trabalho. O metrô de Nova Iorque estava lotado, como em quase todos os outros dias.

Apesar do frio, o clima estava mais ameno, tanto pela neve que cessara há uma semana, quanto pelo anúncio do acordo de paz.

– Agente um, preparado? – perguntou através do comunicador.

– Preparado.

– Agentes dois e três?

– Preparado, senhor.

– Estou preparado.

– Agente quatro?

– Preparado, senhor.

Olhou no relógio, cronometrando o tempo que levariam para chegar à próxima estação.

– Faltam trinta segundos para chegarmos. Prestem atenção e ajam conforme o treinamento. Qualquer erro nos levará para bater um papo com o rabudo.

Olhou para seus pés e enxergou o pequeno pacote no chão, logo abaixo da ponta afiada de seu guarda-chuva. Olhou para o relógio. *Vai dar certo*, pensou. *Tem que dar certo*.

Quinze segundos.

– Coloquem o cachecol sobre o nariz e só respirem quando saírem da estação.

Ouviu a confirmação de todos através do comunicador.

Sete segundos.

Pensou na sua filha, lembrando-se de seu olhar sempre tão doce.

Daqui a pouco o papai chega, filhinha, sussurrou para si mesmo.

Três segundos.

– Agora!

Os cinco homens perfuraram com a ponta do guarda-chuva o seu respectivo pacote. Quase que imediatamente, o metrô parou e as portas se abriram.

– Moço, o senhor está esquecendo sua mala!

Ouviu uma senhora gritar por ele, mas não olhou para trás. Subiu apressadamente as escadas, vencendo três degraus de cada vez. O fôlego estava acabando e ele apressava cada vez mais a passada.

Ao chegar à rua, respirou longa e profundamente. Agradeceu a Deus por ainda estar vivo e começou a caminhar para casa.

No metrô, um pandemônio se formou rapidamente. Diversas pessoas começaram a sentir dores no peito, dificuldade de respirar e náuseas, levando-as a desmaiar. Querendo sair, algumas choravam e tentavam abrir as portas. A mulher que segurava a mala começou a ter espasmos, caindo no chão.

A morte passeava pelos corredores, beijando alguns e, para outros, deixando promessas de que voltaria.

Após cinco minutos de terror, as portas se abriram na estação seguinte. A polícia, que havia sido chamada pelos passageiros, já estava a postos. Contudo, pouca coisa poderia ser feita: a morte já havia beijado seus amantes.

Capítulo 58

James estava sentado à mesa de seu escritório e sorria ao ver a notícia. Seu telefone tocava freneticamente, mas ele não fazia questão de atendê-lo. Tudo que ele menos queria era alguém atrapalhando o seu momento de vitória.

– Amanhã, meu nome entrará para a história. – Gargalhou alto e colocou os pés sobre a mesa. – James Fillmore: o salvador da humanidade.

Pegou o telefone e apertou a discagem rápida. O número já estava salvo na memória desde cedo.

– Boa noite. Aqui quem fala é o presidente James Fillmore. Repasse a ligação para o secretário de defesa.

Menos de dez segundos depois, escutou a voz do seu grande amigo.

– Senhor presidente...

– Está com a TV ligada?

– Sim, senhor.

– Chegou nosso grande dia. As armas já estão preparadas?

– Elas já estão sendo montadas em Tel Aviv.

– Perfeito. Até amanhã.

– Boa noite, senhor presidente.

– Será ótima. Ótima...

Capítulo 59

Eram por volta de nove da manhã e o céu estava claro. O sol esgueirava-se por entre as nuvens, iluminando o aeroporto.

Na pista, dois estranhos aviões do modelo B-2 Spirit eram preparados para alçar voo. Técnicos americanos isolavam a área, impedindo que qualquer um que não tivesse a entrada autorizada observasse os procedimentos adotados.

Em meio aquele tumulto, um rapaz franzino, recém-promovido a sargento, corria com um pequeno comunicador nas mãos.

– General, é para você – disse exausto, oferecendo o aparelho.

– Moleque insolente! Eu te dei autorização para falar? Sentido!

O rapaz ficou quieto e na posição ordenada, evitando até respirar.

– Seja quem for, diga que eu estou ocupado – o general respondeu, dando as costas para o rapaz.

– General, permissão para falar?

O general virou-se, extremamente irritado.

– Diga! Se for alguma besteira, você terá o pior dia de toda a sua vida.

– Compreendo os riscos, senhor. – Respirou fundo, tentando disfarçar os tremores que dominavam todo o seu corpo. – Quem deseja falar com o senhor é o Presidente James Fillmore.

O general olhou espantado. Contudo, logo retomou a compostura.

– Por que você não disse antes? Garoto imbecil! Pague trezentas flexões.

O rapaz entregou o comunicador e, rapidamente, começou a fazer o ordenado.

– Senhor presidente?!

– Bom dia, general Jackson. Você deveria tratar seus subordinados com mais educação. Você, querendo ou não, depende deles.

– Melhorarei nesse quesito, senhor.

– Sei que melhorará. – James gargalhava por dentro. Daria tudo para ver a face do general. – Como vão os preparativos para o bombardeio?

– Bem adiantados, senhor.

– Ótimo. Quero que você embarque em um dos aviões. Você será o responsável por ele. Caso algo dê errado, cobrarei de você.

– Será uma honra, senhor. Obrigado pela oportunidade.

– Sei que será.

James desligou antes mesmo que Jackson pudesse responder.

Jackson, ainda perplexo pelo acontecido, parecia extasiado. Porém, segundos depois, analisando o ocorrido, olhou para o rapaz que pagava as flexões.

– Pague mais seiscentas! O presidente me repreendeu por sua causa. *Já não se fazem mais sargentos como antigamente*, pensou.

Jackson afastou-se e continuou coordenando os preparativos para o ataque. Após a ligação, o seu zelo e seus gritos aumentaram ainda mais.

Dentro de trinta minutos, tudo estava pronto e ele adentrava a aeronave com destino a Síria.

Os dois aviões levantaram voo e o clima de tensão tomou conta de parte dos militares e do alto escalão da Casa Branca. Aquela era uma ação militar ultrassecreta e nem mesmo alguns países aliados foram informados do que iria acontecer. James queria o mérito e honra somente para si.

Ao se aproximarem do alvo, Jackson sentiu o peso dos seus atos.

– General Jackson para a torre de comando.

– Estamos na escuta, general.

– Estamos a dois minutos do alvo.

– O outro avião também. Será sincronizado o ataque.

– Devo realizar o ataque assim que visualizarmos o alvo?

Após um breve silêncio, a resposta foi ouvida.

– Ataque confirmado, general. Assim que visualizar o alvo, realize o bombardeio.

Jackson permanecia taciturno, pesando suas ações. Tudo que aconteceu pela manhã parecia ter acontecido há milênios.

– General, acabamos de visualizar o centro de Aleppo – informou o piloto.

– Faça o que tem de ser feito.

Quase que de forma sincronizada, o bombardeio em Teerã também foi realizado.

Após despejar a bomba, Jackson começou a olhar pela janela, de maneira pesarosa. A pequena porção de metal foi se tornando cada vez mais ínfima aos seus olhos. Porém, ainda mais destrutiva.

Ao tocar o solo, um gigante cogumelo de morte e destruição foi formado, varrendo a vida a uma distância recorde. A agonia e a morte passeavam em seus cavalos, ceifando cada vez mais vidas, transformando para sempre a história do mundo.

Jackson desviou o olhar e lágrimas cortavam o seu rosto.

– Bombardeio realizado com sucesso.

– O mesmo ocorreu em Teerã, general. Comemore, acabamos de vencer a guerra.

– E de perder nossas almas...

Capítulo 60

O mundo estava em turbilhão. Parte da comunidade internacional apoiava a ação rápida e precisa do presidente americano, após o ataque com armas químicas no metrô de Nova Iorque. Os demais o acusavam veementemente, declarando repúdio ao uso de duas armas nucleares.

As emissoras de televisão, por todo o mundo, mostravam matérias sobre matérias, informando cada nuance do ocorrido. Especialistas em segurança internacional viraram estrelas, sendo chamados, constantemente, para dar opiniões em programas ao vivo sobre o bombardeiro nuclear.

Apesar de todas as acusações que sofria, James caminhava tranquilamente pelo jardim da Casa Branca, acompanhado de Jack e de John.

– O seu trabalho foi esplêndido, John – elogiou James. – Sinceramente, não esperava que você fosse capaz de dobrar os sírios e iranianos e dominá-los da maneira que fez.

– Faço o melhor que posso pelo meu país.

– Sou eu quem paga o seu salário, não o seu país. Você trabalha para mim.

– Eu sei, senhor – respondeu receoso.

– Precisamos blindar a nossa equipe... Vamos fazer a divisão do petróleo e isso, certamente, não será harmonioso.

– Como será a divisão, senhor? – questionou Jack.

– Você está querendo saber demais para quem não passa de um assessor de marketing.

Um silêncio constrangedor originou-se. Porém, depois de algum tempo, James continuou o assunto, como se nada tivesse acontecido.

– Oitenta por cento da concessão de exploração será da OLPX; quinze por cento, da Brasil Petros. Os cinco por cento restantes serão mantidos no poder das antigas estatais.

– OLPX? Que empresa é essa? – inquireu John.

– É a minha nova empresa de exploração de petróleo.

– Os brasileiros não irão gostar, senhor. Você prometeu que a exploração seria concedida totalmente a eles.

– Eu menti... – Pausou a fala, esperando que os outros absorvessem as suas palavras. – Qual o nome daquele imbecil? O sócio majoritário da Brasil Petros...

– Se não me engano, ele se chama Antenor.

– Caso esse tal Antenor chie, eu o mato. A vida é simples...

Capítulo 61

Centenas de soldados encaminhavam-se para seus respectivos aviões, felizes por poderem voltar para casa. Após o fim da guerra, apenas uma pequena porcentagem permaneceria em campo para manter a ordem e a paz na Síria e Irã.

Enzo e Beatriz caminhavam, lentamente, de braços dados. Havia comemorado muito na noite anterior, quando foram informados que enfim poderiam recomeçar suas vidas. Contudo, apesar da felicidade, o coração de Enzo permanecia inquieto: a gravação dada por Thiago ainda atormentava sua mente.

Ele tentava, noite após noite, encontrar a conexão entre Thiago, Antenor e James. Muita coisa não fazia sentido. As cartas eram marcadas, mas estavam assinaladas de uma forma obscura e desconexa. Havia fios soltos que ele não conseguia ligar. Queria ouvir a gravação mais uma vez para analisá-la. Contudo, ela havia se perdido na ofensiva militar feita pelos sírios.

Era um martírio saber a verdade e não poder prová-la. Depois daquela gravação, o mundo se desfez a sua frente. Ele não acreditava em contos de fada, mas não conseguia conceber que as pessoas estivessem tão ocas de sentimento.

– Enzo?! Você está tão quieto...

– Desculpe-me, querida. Só estou pensando o quão sem sentido foi essa guerra.

– Guerras nunca fazem sentido, meu amor – disse, beijando delicadamente seus lábios. – Agora é hora de pensar no futuro.

– Verdade, querida... Mas...

– Mas?

– Tem uma coisa me incomodando.

– O quê?

– O Thiago morreu de uma maneira estranha. Por que ele ficou parado até ser atingido? Por que ele não deixou que eu tentasse socorrê-lo?

– Talvez ele tenha ficado paralisado por causa do medo, querido. Isso acontece frequentemente... – Esperou que Enzo assimilasse as suas palavras. – Ele e Letícia eram boas pessoas. Mas, infelizmente, boas pessoas também morrem.

– As aparências enganam... – falou bem baixo, quase sussurrando.

– O que disse?

– Que vamos nos atrasar para pegar o voo, querida.

Epílogo

O clima de Petrópolis era ameno, bem diferente da capital do Rio de Janeiro, onde havia passado grande parte de sua vida. Nunca havia imaginado que iria se apaixonar pela paz e sossego da serra. Imaginava, menos ainda, que se apaixonaria pelas palavras. *Quem diria que um livro infanto-juvenil mudaria minha vida?* Pensou, abrindo um sorriso. *Quem diria que ela mudaria minha vida?*

A dor da perda mais uma vez invadiu o seu coração. Fechou o livro que estava lendo e começou a pensar em cada momento que havia passado ao lado dela. As lágrimas cortaram a face e chegaram aos seus lábios com gosto de fel. *Eles irão pagar por tudo que fizeram...*

Pegou o telefone e resolveu ligar para o número que havia decorado há tempos.

Após alguns toques, ouviu uma voz feminina.

– Brasil Petros, bom dia.

– Bom dia! Eu gostaria de falar com o Antenor.

– O senhor Antenor só atende com hora marcada.

– Diga a ele que é o senhor Fillmore. Tenho certeza que ele me atenderá.

– O senhor Antenor está em uma reunião.

– Não te perguntei onde ele está ou o que está fazendo. Chame-o e lhe diga que o senhor Fillmore está esperando ao telefone. Ou você quer perder o seu querido emprego?

– Um momento, por favor, senhor Fillmore – respondeu a secretária, amedrontada.

Cerca de dois minutos depois, Antenor atendeu a ligação, descrente do privilégio que teria.

– Bom dia, senhor Fillmore. É uma honra poder atendê-lo. Peço desculpas pela demora – falou em um inglês perfeito.

– Não precisa gastar seu inglês comigo, Antenor. Estou precisando treinar meu português e essa é uma boa oportunidade. – Começou a rir ao telefone.

– Quem é você? Fale agora ou irei desligar!

– Não reconhece a voz de um velho amigo?

- Quem está falando? Não estou de brincadeira. Vou desligar essa merda!
- Acalme-se, Antenor. Ouça um bom rock... Sabia que alivia o estresse? Eu, particularmente, gosto de Ramones, AC/DC...
- Não pode ser... Eu devo estar delirando!
- O que foi? Não acredita em fantasmas? – Riu ainda mais alto que da primeira vez.
- Thiago... É você?
- Quem mais seria? Você me mandou para o inferno e eu voltei para puxar o seu pé.

Thiago só escutava a respiração acelerada de seu algoz do outro lado. *Um dia da caça, outro do caçador*, pensou, com um sorriso nos lábios.

– Cuidado, Antenor... Eu estou em todos os lugares e irei te pegar. Cuidado quando atravessar a rua, pois eu sou o motorista que te atropelará. Cuidado ao andar pela calçada, pois eu irei te esfaquear. Cuidado ao usar o carro, pois serei eu quem instalará a bomba embaixo dele. Cuidado ao beber seu chá, pois eu misturarei veneno. Eu serei a sua sombra, a sua dor e a sua lamúria. Farei você sofrer por cada alma que roubou.

- E quem você está achando que é, Thiago?
- Eu sou o último mensageiro da morte. E você é o destinatário.



Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Epílogo](#)